

Aventuras oníricas

Experiências pedagógicas
em narrativas, textos e imagens

Anna Paula Soares Lemos
Felipe da Silva Triani
Joaquim Humberto C. de Oliveira
José Carlos Sebe Bom Meihy

Anna Paula Soares Lemos
Felipe da Silva Triani
Joaquim Humberto Coelho de Oliveira
José Carlos Sebe Bom Meihy

Aventuras oníricas

Experiências pedagógicas em
narrativas, textos e imagens

Salvador / Duque de Caxias
Editora Pontocom / UNIGRANRIO
2015

Copyright © 2015 dos autores

Projeto gráfico, preparação dos originais
e editoração eletrônica: Editora Pontocom
Coordenação editorial: André Gattaz

EDITORA PONTOCOM

CONSELHO EDITORIAL

José Carlos Sebe Bom Meihy
Muniz Ferreira

Pablo Iglesias Magalhães
Zeila de Brito Fabri Demartini
Zilda Márcia Grícoli Iokoi

Catálogo na Fonte - CIP

AV915

Aventuras oníricas: experiências pedagógicas em narrativas,
textos e imagens / Anna Paula Soares Lemos e outros. – Salvador :
Pontocom; Duque de Caxias: UNIGRANRIO, 2015.

144 p.: ilustr.; 23 cm

ISBN: 978-85-66048-50-6

1. Sonhos. 2. Narrativa. 3. Ensino superior. 4. Iniciação científica.
I. Título.

CDD 378
CDU 378 (078)

Livro disponível para download legal e gratuito
no site www.editorapontocom.com.br

Sumário

Apresentação	7
PARTE I	
<i>Cartografia dos sonhos</i>	
Experimentos na Pós-Graduação	
À guisa de introdução: a chave da casa	11
1. O chão conceitual	15
2. A planta baixa dos sonhos	21
3. Sonhos construídos	31
4. Matéria dos sonhos projetados	79
PARTE II	
<i>Jogo dos sonhos</i>	
Experimentos na Iniciação Científica do Ensino Médio	
À guisa de introdução: as regras do jogo	103
1. Transcrições e inspirações	105
2. A perspectiva do lúdico	107
3. Sonhos, transcrições e revelações	117
4. Inventando regras	121
5. Textos, riscos e rabiscos	125
6. Sonhar, contar e recontar	139
Referências bibliográficas	141

Apresentação

O Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da UNIGRANRIO vive um momento virtuoso. Recentemente, teve seu Curso de Doutorado aprovado pela CAPES, refletindo a intensa e talentosa atividade intelectual de seu grupo de docentes e pesquisadores, liderados pelos professores Jacqueline de Cássia Pinheiro e Márcio Vilaça. O número de publicações em periódicos, capítulos de livros e livros na área de Humanidades cresceu expressivamente nos últimos três anos, confirmando o interesse contínuo de seus participantes em consolidar os destinos deste programa de pós-graduação no cenário das instituições de prestígio nacional e internacional.

Aventuras Oníricas, livro de autoria de Anna Paula Soares Lemos, Felipe da Silva Triani, Joaquim Humberto Coelho de Oliveira e José Carlos Sebe Bom Meihy, relata experiências pedagógicas em narrativas, textos e imagens. Surgiu de um projeto elaborado no cenário da sala de aula, mas que foi além dele, tornando-se uma referência em história oral a partir de narrativas do subjetivo coletadas da descrição de sonhos e imagens obtidos por alunos de Pós-Graduação do programa. De importância central na intenção dos autores foi a preocupação em dar a este projeto uma função social. A coleta de dados (sonhos) foi realizada graças à interação entre os pós-graduandos e moradores, por eles selecionados, da Baixada Fluminense e cercanias (Parte I) e a experimentos com alunos da Iniciação Científica do Colégio de Aplicação da Unigranrio (Parte II). A partir daí, delinear-se duas vertentes que se complementam com rara originalidade – a Cartografia dos Sonhos e o Jogo dos Sonhos.

Aventuras Oníricas não tem evocações freudianas ou junguianas, no dizer de seus autores. Os próprios sonhadores são os senhores das narrativas; mais, interpretam seus sonhos, desenhando-os. A criatividade mostrada pelos participantes da “casuística onírica” é de singular beleza e nos toca fundo em relação aos muitos desenhos que fazem parte da obra.

Gostaria de expressar minha imensa alegria em apresentar esta experiência pedagógica, rara em nosso mundo acadêmico. Ela é inovadora, corajosa e estimulante. Cumprimento os professores Anna Paula, Joaquim Humberto e José Carlos, e o mestrando Felipe, pelo ordenamento adequado da obra e sequência dos capítulos. Em verdade, *Aventuras Oníricas* é um exemplo de como se pode fazer pesquisa interdisciplinar em Ciências Humanas, envolvendo arte e cultura.

Emilio Antonio Francischetti

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da UNIGRARIO

O Livro *Aventuras Oníricas: experiências pedagógicas em narrativas, textos e imagens* partiu de uma perspectiva acadêmica de se pensar o sonho como objeto de análise, tendo como ponto de partida a curiosidade de um pesquisador: Com o que os outros sonham? Por que os outros sonham? Para que sonhar?

A partir daí, o sonho de um virou sonho de quatro pesquisadores: três professores e um aluno, que junto de outros em um projeto de História Oral, na disciplina “Gênero e interdisciplinaridade”, resolveram descobrir, ou melhor, interpretar o sonho daqueles que sonham. E, se por sua vez, “sonhar não custa nada”, a realidade desse universo está na dependência de percepções distintas da vida, de algo que não se resume só no momento de fechar os olhos e realizar desejos profundos, ou lidar com medos absurdos, daquilo que nunca chegará que nunca se terá ou verá, ou que por ter sido realizado, tornou-se obsessão.

Nesta obra, a partir de entrevistas, desenhos e análises, docentes e discentes do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes mostram os sonhos reais de pessoas com diferentes experiências e posturas na e sobre a vida. Um livro em que vale a pena mergulhar e perceber até aonde o sonho pode nos levar.

E falando em sonho, pelo sonho de um modelo de educação melhor, de uma produção de conhecimento que atenda a todas as camadas, a participação de alunos de Iniciação Científica voltada para o Ensino Médio completa a obra.

De olhos abertos, estamos convidados a sonhar..

Jacqueline de Cassia Pinheiro Lima

Coordenadora Geral do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes

PARTE I

Cartografia dos sonhos

Experimentos na Pós-Graduação

À guisa de introdução: a chave da casa

José Carlos Sebe Bom Meihy

Este trabalho é produto final de uma intensa jornada acadêmica. Foram múltiplos os esforços que se harmonizaram de maneira a compor um livro sobre sonhos e imagens, mas também sobre o trato da função social dos estudos voltados às comunidades imediatas. Tudo começou com uma proposta de feições didáticas, na sala de aula. Diria que a primeira manifestação se deu espontânea, em um item de curso sobre história oral visando reflexões sobre narrativas do subjetivo. Tratava-se de preparação de alunos do mestrado do Programa Humanidades Cultura e Artes da Universidade do Grande Rio, UNIGRANRIO, de Duque de Caxias, RJ.

Dividia a orientação do curso com o professor Joaquim Humberto de Oliveira, filósofo, que, por sua vez, trabalhava com a colega da área de comunicação, Anna Paula Lemos, em alguns projetos sobre o uso de imagens na produção do conhecimento. Juntamos experiências e afinamos interesses que se amarraram na proposta de tema para avaliação do curso. Corria o primeiro semestre de 2014, e no seu desenrolar fomentamos o tema, levando os alunos ao campo.

Depois de alguns meses, diante dos trabalhos de conclusão de curso, deparamo-nos com os produtos gerados. A surpresa foi enorme, frente à pequena coleção de sonhos colhidos, elaborados em relatos cuidadosos. Na mesma dimensão, demos conta do potencial coletivo internado nos chamados trabalhos finais. Havíamos pedido, inspirados na proposta de José de Souza Martins, que os alunos recolhessem de entrevistados sonhos que se alternavam em três sequências: sonhos recentes, recorrentes e estranhos. Concorreu para o enriquecimento da aventura a presença de um mestrando, Felipe da Silva Triani, com quem formamos uma equipe.

O entusiasmo dos alunos coletores de sonhos foi revelador. Não apenas o prazer da atividade os cativou – quiçá pelo inédito – mas também o potencial interpretativo, interdisciplinar, tramado na intimidade de uma pesquisa despertada pela interação do curso com a comunidade imediata. Aliás, diga-se, a dinâmica do processo convidava a explicações sobre os significados dos sonhos que, por sua vez, ditaram regras destiladas de debates sobre o tema. Por óbvio, fugiu-se dos apelos imediatos de evocações freudianas ou junguianas. Além de reconhecer carência de fundamentos para investidas psicológicas ou psiquiátricas, se afigurou como virtuosa a alternativa do autoexame, ou seja, o convite feito aos próprios sonhadores para que se contemplassem como senhores das narrativas.

Consoante a essa postura, vislumbrou-se a possibilidade de investimento em outra situação, mais próxima da verdade de cada um, ao vínculo explicativo próximo. O ímpeto exegético permitia mais uma audácia: a solicitação para que os sonhadores, ao interpretar suas façanhas oníricas, desenhassem os sonhos. Foi pedido assim, no geral, e as respostas se fizeram plurais. Houve quem se dedicasse a seriar etapas dos sonhos; outros escolheram um detalhe, todos, porém, relacionam seus traços com os títulos previamente solicitados.

Confessa-se que os passos dados no desdobramento da proposta demandavam ritmo e velocidade. E invenção também, pois sabíamos de onde partimos, mas onde chegar... Além do preparo natural dos itens a serem discutidos no coletivo, em aulas, enquanto diretores da proposta, nos foi imperiosa a busca de leituras que fermentassem os debates. E foram então seletados textos sobre imagem onírica; desenhos representativos de escolhas; relacionamento de imagem e narrativas. Na mesma ordem, foram respeitados os tamanhos, formatos, materiais e suportes usados para os desenhos. A soma de tudo: narrativa, desenho, título, auto interpretação, deu ao projeto uma identidade convidativa para o avanço questionador: como se resignificariam os sonhos em conjunto. Sim, a extrapolação das unidades vistas como “trabalho de cada um/a” motiva buscas que exigiam contextos. Afinal, como ficaria a proposta de análise da memória coletiva, resultante de investidas subjetivas? Questionando de outra forma, perguntava-se como as manifestações oníricas individuais poderiam compor um corpo coletivo capaz de dar sentido a análises sociológicas?

Foi exatamente mediante o exame cuidadoso de cada narrativa completa que se chegou à definição dos espaços. Sobretudo, como ponto de

partida, restava indicar a incidência da casa como lugar mais referenciado. Decorrência natural disto, o “fora” e o “dentro” se pronunciaram determinando articulações que permitiam historiar enredos que só se explicariam em conjunto, vinculados à uma realidade. A graça do trabalho coletivo ia aos poucos ganhando contornos e galopavam as lógicas que, em última esfera, revelavam problemas como: medo, necessidade de proteção, devaneios em contraste com afirmações de problemas afeitos à vida, morte, refeições, folguedos...

O perfilamento dos sonhos levou a equipe de professores e aluno a sessões repetidas que, por sua vez, lembravam jogos compostos por peças que guiavam – elas próprias – o ordenamento da sequência que desaguou neste livro. Não seria errado dizer que, depois de definidos os espaços explicativos da colagem onírica, foram as próprias narrativas que se fizeram sequentes, como que invertessem o comando. Estava dado o procedimento operacional derivado da força dos argumentos depreendidos do objeto de estudos. Também estava dada a razão do tema: *aventuras oníricas*. Não seria, pois, nada mais exato do que a asunção deste experimento como uma aventura. Aventureiros, sonhadores, alunos e professores se fundiram numa experiência pedagógica e socialmente relevante. Diria que a vontade de registrar esta história tem sobre outros um efeito didático: aprendemos juntos. Juntos também cumprimos o dever de retorno ou restituição pública da militância escolar, acadêmica.

1. O chão conceitual

Examinar dragões; não domesticá-los ou abominá-los, nem afogá-los em barris de teoria, é tudo em que consiste a antropologia.

Clifford Geertz

O enunciado de Geertz (2001, p. 65), por provocador que seja, não se restringe apenas à antropologia. Nem à história ou outra disciplina qualquer. Muito mais, no contexto interdisciplinar, dosar teoria com o trabalho empírico tem sido uma espécie de mandamento, nem sempre respeitoso e coerente com os resultados esperados. Consequência inevitável de destemperos, a pesquisa de campo tem sido usada mais como exemplo, recurso de confirmação de *a priores*, e pelo reverso, a teoria tem se portado como critério hegemônico definidor de condutas preestabelecidas, segundo mandamentos metodológicos rígidos. Não seria inclusive errado dizer que evocações teóricas prévias exercem fetiches poderosos, submetendo o trabalho empírico a mero ajuste referenciador de explicações indicadas desde hipóteses de trabalhos. E assim, o estabelecimento dos critérios de condução dos a fazeres práticos se confundem, mesclando decorrências de maneiras operacionais nem sempre coerentes com os objetos estudados. Alternativa certa para a correção de rotas, indica-se o caminho da etnografia e da etnologia.

Sem definição de paternidades, ambas – a etnografia e a etnologia – podem ser qualificadas, segundo o que Claude Lévi-Strauss (1979) propôs, como concepções inerentes a diferentes modos de estudos ou pesquisas. A intimidade da associação entre as partes que compõem o processo da investigação até suas conclusões, seja em história, sociologia e principalmente com a antropologia, força pensar estágios organizacionais do labor intelectual. No caso da etnografia, estamos falando dos exercícios iniciais que implicam, por exemplo, as operações básicas da organização do trabalho de campo, as linhas de investigação, as estratégias aplicáveis, as impressões pessoais e subjetivas e, mais que tudo, seu

registro – o caderno de campo – como imprescindível instrumento de apoio. Explicitações desses mecanismos funcionam como mapas de entendimento na navegação rumo aos resultados.

Estágio avançado, a etnologia se portaria em nível verticalizado, abrindo caminho para se processarem as sínteses e análises decorrentes das etapas anteriores. Irmanados os procedimentos, seria possível elaborar avanços aplicáveis em diferentes áreas do conhecimento, facilitando recursos de compreensão dos caminhos operacionais (LÉVI-STRAUSS, 1979). A garantia dessa pertinência teórica ganharia então foros adequados quebrando o jogo de encaixes que contamina negativamente os projetos (MAUSS, 1972). Autores de diferentes campos do conhecimento têm se surpreendido com a força que recentemente a lógica de condução da pesquisa tem alçado, a ponto de se dizer que “a todos é desejável, em primeiro lugar, uma ‘perspectiva etnográfica’” (PEIRANO, 2008, p. 3).

O progresso da pesquisa, que orienta este trabalho sobre manifestações oníricas, implicou o uso seletivo e complementar de conceitos apoiados em pilares empíricos. Partindo, pois, do esforço etnográfico, foi pensado o presente projeto, que demandou formulação de fatores decorrentes das sugestões dadas pelo estabelecimento de um *corpus* referenciador, elaborado individualmente, mas somado em um coletivo que lhe dá unidade temática. A atitude empírica, pois, ditou um andamento crescente, transformando entrevistadores em coletores de situações e também como analistas para, depois de estabelecido o plantel documental, devolverem o material para análise conjunta. Sem declarar guerra ou estabelecer hierarquias teóricas, por questões de escolhas, optou-se por priorizar o uso das fontes colhidas e elaboradas pelos *colaboradores* como ponto de partida.¹ Assim, antes de delinear perfis definidores de procedimentos, convém trabalhar com a questão dos subjetivismos que interagem dialeticamente entre as partes.

Monique Augras (1997) tem afirmado a necessidade de um “novo olhar” sobre o relacionamento estabelecido entre pesquisadores e pesquisados em que, a bem do processo investigativo, deve-se também levar

1 O conceito de colaborador é usado no sentido proposto pelos estudos do Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO-USP). Esta escolha vai na direção contrária dos conceitos convencionais como “atores sociais”, “informantes”, “objeto de pesquisa”. Como ato humanizador, a colaboração abriga subjetividades que, de regra, são trocadas por alteridades hierárquicas.

em conta o ponto de vista de quem dirige esse processo. Fala-se, pois, de autoria e replica-se o dilema entre *quem é quem*. Afinal, autor é quem conta ou quem reconta? A autoria é de quem detém a narrativa da própria trajetória ou de quem as compila? E como fazem quando um colaborador narra para outra pessoa que, por sua vez, registra para outro analisar? Quantas subjetividades estão implicadas em processos como este? Assim, segundo Augras (1997) – e seguindo passos dados por pesquisadores do *Centre d’Histoire du Temps Présent* –, o encontro de duas pessoas deve levar em conta as razões intuitivas de quem é entrevistado, mas também de quem as interpreta. A intrincar tudo, mas prezando também os mediadores, consigna-se outra subjetividade, ou seja, a de quem faz as perguntas (AUGRAS, 1997). O tratamento dado a este procedimento costura o conjunto de orientações que força perguntar, no caso de trabalhos com entrevistas de história oral: de quem, como, quando, por que e para quem? Assim, estamos no território dos relatos orais em sua complexidade maior, que implica o estabelecimento de textos documentais.

Assumir posicionamentos frente à intersubjetividade desarruma ordenamentos tradicionais. A grande vantagem é a abertura para temas pouco estudados como o medo, a alegria, o desespero e o prazer. Então, temas antes tidos como folclóricos passam a ter contornos importantes e é assim que o sonho, por exemplo, alça condições para estudos além dos usuais recursos psicanalíticos ou de desvios. Uma das fundamentações mais evidentes deste tipo de postura diz respeito ao fato de não se pensar em mentiras ou deformações de verdades. Tudo na narrativa interessa e o desmonte das “verdades históricas” se torna irrelevante frente à potência dos fatos registrados. Mauss (2003), indo além da proposta de Durkheim (1987) que via os “fatos sociais” como “coisas” ou “objetos a serem estudados”, introduz o conceito de “fatos sociais totais”. A carga simbólica trazida por Mauss, traduzida na assunção do sonho como narrativa de situações equiparadas a fatos totais, permite legitimar o sonho como fonte de estudos para as humanidades em geral.

Sabe-se que como documento, o sonho apenas existe quando enunciado e vertido em escrita. Isto permite supor o impacto das entrevistas. Não se fala, contudo, em entrevistas em sentido convencional. Aliás, antes, combate-se a ideia objetiva de entrevistas com finalismos ditados pela própria condição de interlocução. Por livre que se pense a entrevista, ela sempre será dependente de finalismos. Citando Deleuze, Peter

Pál Pelbart declara ser contra tipos de entrevistas em que “o sujeito está convocado a ter uma posição sobre todo e qualquer assunto, a ter um lado. Como se não houvesse, já de antemão, um jogo de cartas marcadas”. Na sequência, o filósofo da PUC/SP afirma que:

Talvez a questão não seja tomar partido em relação a problemas já dados, formatados e propostos por outros, mas ter o direito de constituir problemas e não responder a problemas alheios que já estão pré-formatados. (PELBART, 2015, p. 12)

Tomando a sério estas posturas, neste trabalho repensamos a questão das entrevistas indutivas e buscamos dar liberdade narrativa aos colaboradores. Isto nos levou a um tipo de história oral flexível onde a interlocução fosse praticada de maneira mais democrática e participativa, admitindo espaços de interlocução e complementaridade.

Virtude primordial para a realização de projetos em história oral é a reflexão sobre entrevista. Não resta dúvida que registros diretos são excelente acesso à captação das artimanhas da memória de expressão oral. Seja por gravações de conversas coloquiais feitas em áudio ou vídeo, tais registros se mostram como janelas abertas às aventuras de análise sobre memória. Duas linhas se mostram atentas ao aprofundamento desse recurso como mecanismo de registro documental: uma teórica e conceitual e outra relativa ao uso. Em termos conceituais, exigiu-se requinte distintivo afeito às velhas nomenclaturas, mormente àquelas que se referem ao interlocutor, motivo da gravação como “informante”, “ator social”, “sujeito ou objeto de pesquisa”. A humanização do foco analítico convida a pensar o ato de gravação não mais como “depoimento” e no lugar se propõe o uso de “colaborador” e simplesmente “entrevista” (MEIHY, 2007).

Alguns autores vigilantes, pensando a análise de memórias filtradas por exposições orais, no entanto, se preocupam com o que chamam de “insuficiência da entrevista”, propondo que aspectos não gravados compoñham a situação (EVANGELISTA, 2010). Buscando furar o bloqueio que se ergue com a valorização exclusiva da interlocução gravada, atentos à dimensão teatral do encontro, a *performance* como um todo passa a ser motivo de atenção, pois, afinal, como transmitir na passagem do oral para o escrito o universo variado de situações contidas nos gestos, silêncios, lágrimas, olhares e tudo mais que ocorre em

uma entrevista? Barthes (1976) assinalou a relevância do teatro de linguagens e assim nos libertou do simplismo rasteiro que confundia a palavra dita com sua suposta correlação imediata com a grafia. Por certo, parte-se do suposto que preza a transcrição² como um processo abrangente e não implica apenas a passagem do estado oral para escrito. Muito mais, transcrição é um recurso completo, de desnaturalização do fato tomado desde sua escolha e expresso no projeto. Não se transcreve a entrevista apenas, todo processo é transcrição (CALDAS, 1999). Avançando neste argumento, contudo, resta ainda pensar nos recursos complementares, capazes de enriquecer a transmissão do encontro.

Por certo, o mero enunciado ratificador do suposto, mesmo prezando a entrevista como ato base para o estabelecimento documental, abre o questionamento sobre o que mais pode ser valorizado como fator integrante da fala. Tal pressuposição implica reconceituar a entrevista, e, então, parte-se do princípio que delega ao ato mais do que o registro da fala. Desdobramento mecânico disto é a complexidade atribuída à análise da entrevista e suas relações com os eventos registrados. Assim, contar como se desenrolou o processo da pesquisa, desde sua raiz, tem sido prática importante que, comumente, se instala na prática introdutória da “história do projeto”. Outro fator relevante diz respeito à interpretação do colaborador, que passa a ser também personagem ativo, protagonista, do projeto. Sua visão pessoal sobre o trajeto desempenhado, assim, ganha foro documental e se mostra relevante para o conjunto do projeto.

Entendendo que história oral não é apenas a compilação de entrevistas, mas algo decorrente de um projeto prévio, com posturas medidas segundo critérios estabelecidos e filosoficamente fundamentados, a proposta contida neste trabalho demandou propor uma lógica de coleta do material capaz de fecundar possibilidades abertas à ventilação de novas visões sobre a sociedade. No caso, a proposta foi dimensionada pela possibilidade de, na disciplina “Gênero e Interdisciplinaridade”, do Programa de Pós-graduação do Mestrado em Humanidades, Culturas e Artes, na UNIGRANRIO, no segundo semestre de 2014, convidar os alunos a um trabalho coletivo. Seguindo as sugestões já apontadas pelo sociólogo José de Souza Martins (1996), os mestrandos foram estimulados

2 Entende-se por transcrição a passagem do oral para o escrito, levando em conta as diferenças de códigos expressivos. A transcrição é mais do que transcrição, e seu fundamento se baseia na proposta dos irmãos Campos.

a colher sonhos: *recentes*, *recorrentes* e *estranhos*. As escolhas dos entrevistados foram livres e apenas solicitaram-se informações protocolares como nome, idade, profissão.

A soma de avanços na estruturação de um trabalho que lida com recursos fluidos como os cabíveis em estudos de história oral, contudo, não devem enrijecer os procedimentos. Pelo reverso, a liberdade exegetica deve ganhar céus e propor impressões subjetivas fundamentadas. Assim, o *referente documental* ganha dimensões novas e passa a ser o ponto de partida. Se tal condição permitir a interferência do colaborador de maneira mais efetiva, melhor será. A proposta que se abre no presente trabalho visa aliar dois recursos ditos complementares. A cada narrativa onírica corresponde uma autorreflexão capaz de colocar em condição analítica a percepção do participante. Outro recurso é a resposta dada à solicitação de uma imagem, desenho de próprio punho. Além disso, também foi pedido um título para cada sonho. A vantagem que se nota nesta investida diz respeito ao reforço referencial derivado da ênfase à escolha dos próprios colaboradores. Ocorreu ainda outra manifestação, ou seja, situações em que a ilustração dos sonhos foi promovida pelo entrevistador, que então escolheu o fato ilustrador por meio de fotografias. Em vez de rebaixar essa postura, esta foi promovida à condição de interação subjetiva ou intersubjetiva, onde a subjetividade do colaborador dava estrada para a do entrevistador. Dessa forma, podemos retomar Geertz (2001, p. 65) afirmando que “tranquilizar é tarefa de outros; a nossa é inquietar. *Australopithecus*, *Malandros*, *Cliques Fonéticos*, *Megalitos*: apregoamos o anômalo, mascateamos o que é estranho, mercados que somos do espanto”.

2. A planta baixa dos sonhos

Sonhar é acordar-se por dentro.

Mário Quintana

O desenvolvimento desta aventura implicou identificar marcas do imaginário onírico, captadas por um grupo específico de caçadores de sonhos. Falam-se de manifestações alheias, narrações de pessoas que sonham e contam seus devaneios noturnos a pesquisadores que, por sua vez, as recontam, numa proposta de compreensão e explicação. Trata-se de entender como os sonhos se relacionam com a experiência individual e coletiva, na perspectiva da memória social, apreendida por um círculo dado. Prezando o que no senso comum não compete ao meio universitário, a junção de fatos de difícil entendimento funcionou como pretexto para a sondagem de um universo instigante. Como um canal que não teve medo de se abrir para o mar, os sonhos esquadrihados provieram de várias fontes, mas foram juntados por um coletivo que lhes deu forma narrativa e vida material. Afinal, a que se prestariam os sonhos reunidos? E por que pretender sua compreensão, além da curiosidade?

Atentos à construção e mapeamento de uma comunidade tangível, de pessoas que comungam cotidianos em disposições objetivas, na sala de aula, optou-se pela recolha de sonhos, visando o entendimento de mecanismos subjetivos. Aprender juntos, exercitar reflexões sobre abstrações, tentar a captura de situações etéreas, foi se constituindo em propostas para pessoas que pactuam um cotidiano escolar. Tentava-se a formulação de novo objeto de estudos, não mais derivados do longínquo e exótico. Transformar alunos em catadores de sonhos equivalia a transmudá-los da condição de estudantes a pesquisadores, de observadores à artífices de uma realidade mais próxima. Brilhava assim um primeiro propósito desta experiência: a certeza de que tudo e todos somos alvos de pesquisas, e que, ao se buscar entendimento do outro, aprendemos mais sobre nós mesmos. Avançava-se dia a dia, na suposição de que o exercício do conhecimento é prática desejável para

cimentar relações próximas, para além dos interesses acadêmicos formalizados em supostos longínquos ou do mero preparo profissional. Embutida nesse experimento estava a discussão sobre o “outro” e nossa proximidade. Estava também implícita a tradução mecânica da importância do entendimento prioritário do “próximo mais próximo”. E parecia importante encurtar o caminho da iniciação científica, sempre mostrada como estrela em céu alheio.

Não foi, pois, sem razão que o trabalho se iniciou em sala de aula, no coletivo de alunos de uma mesma unidade. Nuanças de semelhanças e diferenças compuseram desde pronto a complexidade do conhecimento racional. As afinidades de curso, procedência, idade, propósitos intelectuais se formularam como um lado da moeda. Havia outro, também vigoroso, atento às especificidades, diferenças sutis, marcas únicas. E era preciso juntar os dois lados para negociar a compreensão sociológica do conhecimento. A busca inédita – de sonhos sonhados – favorecia os laços de solidariedade e o respeito pelas singularidades de quantos se dispuseram a essa peripécia inusitada para nós. Assumindo a investigação onírica como denominador comum ou pretexto de averiguação, a troca de experimentos fermentou foros pedagógicos, educacionais e caracterização de cidadania, sem, contudo, renunciar às buscas épicas e poéticas que marcariam critérios de reconhecimento. O que teriam os sonhos trabalhados a nos dizer?

Os procedimentos assumidos neste esforço demandaram a materialização das narrativas e elas, por sua vez, sugeriram tranças indicativas da relação do quantitativo com o qualitativo. Era preciso contar, enumerar, perfilar fatores que afinal permitiam outro sentido ao verbo contar. Tudo, porém dosado, de maneira a calibrar a exposição de forma narrativa, sensível e palatável ao grupo e às comunidades abrangidas. Explicar para quem, perguntava-se. E nesta senda, a comunicação lo-grava destaque, pois era preciso desenvolver uma linguagem capaz de transitar entendimentos. Nesta linha, o conteúdo resultante de tantos exercícios exegéticos transformava a narrativa em protagonista.

E tudo se deu naturalmente, começando com uma discussão em aula, sobre o sonhar e a transformação do oral em escrito. Primeiro foram pedidos sonhos narrados em entrevistas que se supunham o mais livres possível. Depois de leituras teóricas e avanços que dimensionaram esforços, se foi dando forma a um projeto. Garante-se assim que o projeto não veio antes da matéria; estes aconteceram fundidos, mais ou menos naturalmente. Mas só os sonhos não bastaram, vieram os

desenhos depois. Pediu-se a cada sonhador que fizesse um desenho, um detalhe qualquer afeito às narrativas. Juntas, compondo o mesmo processo, as autointerpretações se somaram. A plenitude dos textos sobrepostos, mais do que significar polifonias, se fundiram, complementando-se, tornando-se uma coisa só.

Não seria, pois, errado dizer que o quantitativo foi usado como corrimão útil para a condução dos casos, favorecendo a noção de conjunto. Formulava-se assim um plantel de hipóteses que, enfeixadas, permitiam perguntar da singularidade da pesquisa sobre sonhos vivenciados por aquele conjunto. E mais, como se sentiam os pesquisadores que coletando casos se aprumavam como intérpretes de suas comunidades maiores. Como, por exemplo, poder-se-ia pensar no entendimento da memória coletiva daquela pequena coleção de pessoas? Seriam as explicações firmadas em solos científicos, psicanalíticos ou sociológicos, fortes o suficiente para garantir consistência original àquela comunidade? O mergulho permitia profundidade na medida em que ficava claro o alvo da aventura: qual o significado daqueles sonhos, narrados da maneira que foram, na vivência das pessoas? E muito mais: como as pessoas sonhadoras interpretavam a manifestação onírica? Dizendo de outra maneira, perguntava-se sobre as fronteiras do universal e do particular, mas também entre a ciência e a vida. Em termos do específico, aliás, cabe questionar o substrato que permite traços mínimos aproximados. Sem a explicitação dos fatores semelhantes, pelas narrativas oníricas, seria impossível supor afinidades grupais. Novamente repontava o desafio de entendimento da memória coletiva. Repontava também o debate sobre o papel do indivíduo na história.

Não foi perdido de vista o fato de se alicerçar a proposta nos rigores acadêmicos. Sem pensá-los exatamente como metodologia, buscou-se amparo em soluções operacionais interdisciplinares. Foi assim que emergiu o modelo mais adequado. Segundo os procedimentos derivados da prática do Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO-USP), partiu-se da premissa que prezava os interlocutores como “colaboradores”. A noção de colaboração – ação de trabalhar juntos – foi essencial, inclusive para não instrumentar o narrador/contador como se fosse apenas motivo de estudo.

Ativando os narradores como intérpretes, foi definida a importância para o autoexame ou análise do próprio desempenho onírico. A transformação do sonhador/narrador/intérprete teve ainda um polo de destaque: a autoria projetiva do desenho. Sim, o ato do desenho ganhou

proeminência no processo (GARCIA, 2013). Estimulados ao desenho, cada qual pode refletir sobre que aspecto do sonho queria projetar. Não bastante, ainda cabia aos sonhadores, ao final, intitular o próprio sonho. Isto, além da análise desenvolvida pelo entrevistador depois da entrevista. Todo este procedimento foi formalizado, a fim de compreender o sonho em sua inteireza (BRETON, 2001). Já a abordagem qualitativa pura e simples foi tocada pelo estudo descritivo e analítico dos instrumentos e seus resultados (MERTON; KENDALL, 1979).

O critério para coleta dos fatos oníricos demandou a definição de um grupo focal (BARRETT, 2002). Solicitado aos participantes que escolhessem “contadores”, procedida a recolha, se plantou novo problema: como analisar o produto geral? Para discussão dos resultados optou-se pela *análise de conteúdo*, na qual a interpretação se faz na prática, pelo exame de resultados decorrentes da associação de palavras e símbolos (BARDIN, 2009). A organização dos signos implicaria em uma codificação dos resultados onde seriam eleitos fatores representativos das essências das mensagens. Esse recurso abstrai os fatos de suas condições e, assim, desterritorializa os conteúdos que compõem as conclusões para novamente reterritorializá-los em uma categoria que agrupa os conteúdos comuns presentes na pesquisa.

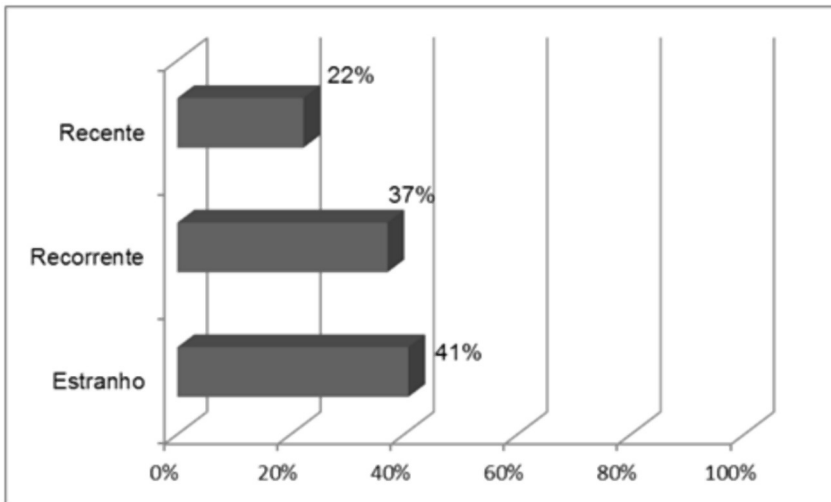
Segundo tais indicações, todos os sonhos coletados foram deslocados para as seguintes categorias, a saber: *recentes*; *recorrentes*; e *estranhos*. Em se tratando dos entrevistados, os mesmos foram indivíduos escolhidos pelos alunos participantes do trabalho. A escolha foi aleatória, sendo a amostra composta pelos sonhos que possuem a narrativa onírica, interpretação, desenho e análise do entrevistador, além do título. Na medida em que o processo ganhava corpo em sala de aula, foi feito um avanço que qualificou a proposta dentro dos parâmetros de projeto acadêmico coletivo.³

Resultou da produção conjunta de entrevistas a criação de um “banco de sonhos”, e dele foram escolhidas as narrativas oníricas que fizeram parte da amostra, por atenderem aos critérios de inclusão. Nesta perspectiva, 27 sonhos foram selecionados para compor a produção sobre eles e suas projeções individuais no coletivo. Tal proposta, diga-se,

3 Esta proposta foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade do Grande Rio - Prof. José de Souza Herdy (UNIGRANRIO), sob guarda do CAAE de número 46796214.6.0000.5283 e realizada com aprovação dos colaboradores após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

foi utilizada corroborando com o modelo utilizado em *(Des) Figurações: a vida cotidiana no imaginário onírico da metrópole* (MARTINS, 1996). A categorização dos sonhos pode ser observada no Gráfico I.

Gráfico I. Total de sonhos por categoria



Pelo gráfico, percebe-se que o *sonho estranho* foi o mais destacado, com 41% da totalidade da amostra. Depois deste, seguiu-se o *recorrente*, perfazendo 37% e, finalmente, o *recente*, com 22%. Esses dados implicam discussão de que grande parte da população que contribuiu com o presente estudo tem o estranho presente no imaginário onírico. Questiona-se, portanto, quais os motivos que explicariam o fato de o sonho estranho ser mais frequente. Nessa medida, a pesquisa revela coerência com as conclusões firmadas por Martins (1996), que identifica os sonhos estranhos como aqueles que mais se fixam na memória do sonhador.

São essas e outras inquietações que dão sentido à continuidade da tarefa de análise das narrativas oníricas que têm mostrado sua multiplicidade diante dos olhos dos pesquisadores. Neste sentido, a classificação dos sonhos por categoria foi realizada pelos sonhadores, pois, a sugestão foi de que eles escolhessem se seu sonho deveria ser inserido na categoria *recente*, *recorrente* ou *estranho*. Logo, ao final da seleção da amostra desenvolvida nos encontros coletivos entre os pesquisadores,

os sonhos foram organizados por suas respectivas categorias, conforme o Quadro I, adiante.

Quadro I. Classificação dos sonhos por categoria

RECENTE	RECORRENTE	ESTRANHO
Angústia	Dia do meu casamento	Sonhos de um caçador
Uma previsão	Borboletinha Dourada	Invasão
O fantástico mundo de Amanda I	Antepassado	Meu avô
Livramento	Raízes profundas	O fantástico mundo de Amanda III
Escolhas	Me salve	Eu, minhas verdades e confirmações
Meus filhos, minha vida	Vontade de ser mãe outra vez	Uma parte de mim
	O fantástico mundo de Amanda II	Medo
	A vida é uma estrada	A Travessia
	Meu sonho	Voar, voar, subir, subir
	O caixão	O cachorro e o gato
		A cozinheira

A organização dos sonhos por categorias permitiu uma atribuição qualitativa descritiva e analítica, na qual os sonhos que se inserem na categoria dos *recentes* podem indicar: anseio, como exemplo do sonho “*Angústia*”; visão, conforme em “*Uma previsão*”, “*Livramento*” e “*Escolhas*”. Já os *recorrentes* são passíveis de interpretação de sentimentos do tipo trauma, como em “*Dia do meu casamento*”, “*Borboletinha dourada*”, “*Raízes profundas*”, sonhos que de alguma forma representam coisas ruins, que persistem na mente do sonhador. Sentimentos, paixões, alegrias, desejos, também se apresentam, como no caso de “*Vontade de ser mãe outra vez*”. E, em se tratando de *sonhos estranhos*, uma das possibilidades de atribuição dessa categoria é o fato da narrativa, na maioria das vezes, revelar condição de deslocamento físico, como pode

ser percebido em “*A cozinheira*”, “*Meu avô*” e “*O fantástico mundo de Amanda III*”, ou como uma não justificação ou ainda ausência de pretexto para o fenômeno onírico, como em “*Sonhos de um caçador*”, “*Invasão*” e “*Voar, voar, subir, subir*”.

A coletânea de sonhos exigiu cuidados analíticos. Inicialmente, havia sido solicitado para 12 participantes do curso qualquer ilustração. Muitos se aventuraram em busca de fotografias autorais e outros optaram por capturá-las pela internet. Por opção, resolveu-se descartar tais sonhos, deixando-os para outra aventura. Prezaram-se, então, sete sequências que aliavam desenhos às narrativas. No decorrer dos seguidos encontros entre os pesquisadores, a *leitura* dos sonhos, bem como as alternativas analíticas dos desenhos, inúmeras vezes, guiaram a percepção para alguns elementos mais frequentes. Assim, de forma organizada, iam se dando elementos somados que, por fim, orientavam os polos temáticos identitários. Algo que persistia em todas as categorias de sonhos, por exemplo, elementos que incidiam, levaram a pensar no conceito orteguiano de “tom vital”,⁴ recurso usual no procedimento de história oral adotado pelo NEHO/USP.

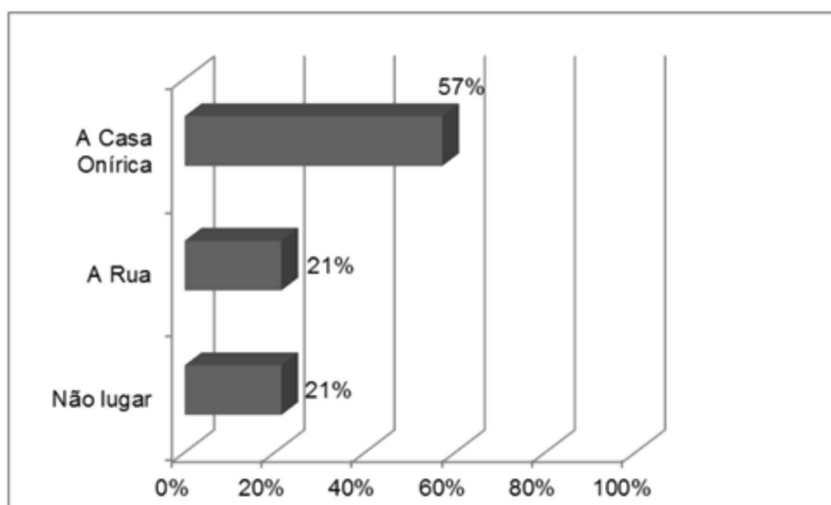
Entendendo por “tom vital” a síntese da narrativa, o eixo capaz de fazer girar os argumentos, tais fatores foram se constituindo na presença de um espaço ambiente preferencial, a *casa*. Foi praticamente imediata a definição de que havia um lugar maior e favorito, que abrigava os acontecimentos narrados, e daí se originou a expressão “*casa onírica*”. O espaço fechado da casa abarcava muitos sonhos e a insistência desse lugar indicava a sensação coletiva de espaço ideal onde os fatos encontrariam lugar de organização. A *casa*, contudo, indicava continuidade social, e assim, em seguida, a *rua* despontou como elemento *fora*. Estava dada a antinomia essencial para o avanço analítico: um *dentro*, a *casa*, um *fora*, a *rua*. Mas seria tudo? E as respostas revelaram um dos segredos poéticos do sonho, um repertório de possibilidades alternativas, enfim um outro espaço que poderia ser reconhecido como “*não-lugar*”,⁵ que não é nem a *casa* e nem a *rua*, mas simplesmente um “*não-lugar*”.

4 Derivada da concepção de José Ortega Y Gasset (1998) que definia para cada geração um mote existencial explicador da ação coletiva, tom vital é a síntese dos conteúdos temáticos de uma narrativa.

5 Na proposta deste trabalho, entende-se *não-lugar* como o espaço desterritorializado, não referente à base material.

Diante dessa nova classificação, mais uma vez, a pesquisa mudou de caminho e os pesquisadores decidiram dar passos nessa nova direção. Assim, o gráfico abaixo ilustra a recorrência do tom vital presente nas narrativas oníricas.

Gráfico II. Total de sonhos por tom vital



O Gráfico II representa a distribuição dos sonhos por tom vital, a partir de três categorias: a *casa onírica*, com presença em 57% dos sonhos; a *rua*, totalizando 21%; e o *não-lugar*, com 21%. Diante dos dados, pode-se perceber que a *Casa* é um signo que se projeta de forma mais recorrente no imaginário onírico dos participantes. Estava formado então o vértice das espacialidades, três: a *casa*, o *fora da casa* e o espaço indeterminado do *não-lugar*. Embora a presença da *casa* domine os referenciais, se fazendo lugar em mais da metade dos sonhos dessa amostra, cabe discussão sobre os vínculos atribuídos à sua relação com os demais lugares. Dizendo de outra forma, a *casa* se constituiu em um epicentro, lugar que explicaria a função da *rua* e do *não-lugar*.

A presença da *casa* no ambiente onírico foi vista ainda em relação à sua inserção nas categorias *recente*, *recorrente* e *estranho*, bem como a *rua* e o *não-lugar*, conforme representado no Quadro II, adiante. A partir deste quadro é possível perceber que houve uma distribuição de sonhos por tom vital e em cada um deles há uma espécie de categoria e m que o sonho se insere. Sendo assim, uma primeira análise revela a

presença de 16 sonhos contendo o tom vital afeito à *casa onírica*, ou seja, a maior parte dos sonhos se concentra nesse tom vital. Em se tratando da *rua* e do *não-lugar*, a mesma quantidade de sonhos se reparte em cada uma delas.

Quadro II. Classificação dos sonhos por tom vital

CASA ONÍRICA	RUA	NÃO-LUGAR
<i>Recentes</i>	<i>Recentes</i>	<i>Recentes</i>
Angústia	Escolhas	
O fantástico mundo de Amanda I		
Livramento	Eu, minhas verdades e confirmações	
Escolhas		
Meus filhos, minha vida		
<i>Recorrentes</i>	<i>Recorrentes</i>	<i>Recorrentes</i>
A travessia	A vida é uma estrada	O fantástico mundo de Amanda II
Antepassado	Meu sonho	O caixão
Borboletinha dourada		
Raízes profundas		
Me salve		
Vontade de ser mãe outra vez		
<i>Estranhos</i>	<i>Estranhos</i>	<i>Estranhos</i>
Invasão	O cachorro e o garoto	A cozinheira
Meu avô	Sonhos de um caçador	Uma parte de mim
Medo		Medo
Dia do meu casamento		Voar, voar, subir, subir
O fantástico mundo de Amanda III		

Em uma análise horizontal, nota-se que a maior quantidade das manifestações oníricas se distribui na categoria dos *sonhos estranhos*, independentemente do tom vital. Em seguida estão os *sonhos recorrentes* e, em último, os *recentes*. A discussão sobre a quantidade de sonhos por categoria, implica ressaltar que a memória do sonho, na maioria dos casos, prioriza o armazenamento do sonho que é exótico, ou seja, o não familiar, àquela imagem onírica que não se justifica, restando somente categorizá-la como algo *estranho*.

Nessa mesma perspectiva, o sonho categorizado como *recorrente*, porque se repete algumas vezes, pode ser explicado por algum nível de trauma vivenciado, ou mesmo por um momento feliz em que o sujeito do sonho desejaria continuidade e/ou vivê-lo novamente. Resta também a possibilidade de se tratar de algo latente na memória e que por isso se dá a insistência ao se repetir.

Os sonhos categorizados como *recentes*, diversos dos *recorrentes* e *estranhos*, não possuem “motivo” e/ou “justificativa” para ser armazenados pela memória. Isso porque se a experiência onírica é *estranha*, logo, deixou de ser *recente* para se tornar exótica, e se houver repetição do que já foi *recente*, torna-se então *recorrente*. Logo, essa categoria tem um número menor de sonhos, por se tratar de um “provisório permanente”.

3. Sonhos construídos

3.1. A Casa

“Angústia”

TIPO DE SONHO:⁶ Recente

SEXO: Feminino

IDADE: 39

ESCOLARIDADE: Ensino Médio

CARGO OU FUNÇÃO: Servidor público

ESTADO CIVIL: Casada

NOME DO ENTREVISTADOR: Lenilson Joaquim Pereira

SONHO: Sonhei que tive um sonho e neste sonho meu marido não deveria mais viajar. Falei com ele, mas ele não me ouviu. Falou que as viagens são obrigação da empresa e não pode deixar de viajar. Logo depois, surgiu uma viagem para ele. Pedi muito para que ele não fosse, mas não adiantou. Durante a viagem, assisti pela televisão que haveria um embate. Quando vi quem seria, fiquei desesperada. Era o meu marido e estava vestido de homem de ferro. Chamei a mãe dele para ver. Meu desespero foi tanto que viajei para o local. Estava levando uma faca para ajudar. Tentei entrar, mas não estavam me deixando. Então, falei que precisava entrar para entregar a faca para o mágico, que a utilizaria durante a apresentação. Eles deixaram eu entrar. Escondi a faca, acreditando que meu marido a encontraria e usaria na luta. Voltei para casa e fiquei assistindo o embate. Para minha surpresa, a luta não foi no local onde eles estavam. Todos foram levados para um matagal. Local muito feio, deserto. Fiquei muito desesperada porque sabia que meu marido não poderia utilizar a faca. A luta começou. Muitos socos e

6 Tipos de sonho: recente, recorrente, estranho, ou outro.

muita briga. A todo momento eu reclamava com a mãe dele sobre o fato de ele ter ido para este embate. No final ele venceu o oponente. Neste duelo, o vencedor poderia decidir se o perdedor deveria sair da cidade. Meu marido decide que o outro deve sair. Ele vai embora reclamando muito. Nesta hora acordo.

ILUSTRAÇÃO:



INTERPRETAÇÃO: Não gosto de ficar longe de minha família. Antes meu marido viajava muito. Agora parou. Mas nestes dias ele teve que viajar novamente. Acho que o sonho foi reflexo do medo de voltar a acontecer novamente aquelas viagens.

ANÁLISE DO ENTREVISTADOR: A figura desenhada é a imagem de um coração perfurado por uma faca. Sonhadora do sexo feminino, fez uma ligação do desenho com o aspecto emocional. A imagem estava relacionada à ideia de falta, sentimento de vazio, se referindo à dor de não ter presente o seu companheiro. É possível perceber um pouco de decepção pelo abandono. Escolha pelo trabalho e não pela família.

“O fantástico mundo de Amanda I”

TIPO DE SONHO: Recente

SEXO: Feminino

IDADE: 22

ESCOLARIDADE: Superior

CARGO OU FUNÇÃO: Professora

ESTADO CIVIL: Solteira

NOME DO ENTREVISTADOR: Patrícia Leal Correa

SONHO: Um dos últimos sonhos que tive misturou duas realidades, uma que vivi e outra que estou vivendo. Sonhei que tinha um aluno-paciente com lesão medular (igual aos que tratava no Hospital Universitário do Fundão). Estávamos na escola onde trabalho e tinha uma salinha hospitalar ao lado da minha sala de aula. Os pais do menino acompanhavam o procedimento e meu namorado estava na porta, alguns dos meus atuais alunos passavam e viam a situação, mas não interagiam comigo. O tratamento é doloroso e o menino chorava bastante, tentava conversar e fazer cócegas nele para que pudesse distrair um pouco do estímulo da dor. Ao final o peguei no colo e sai pelo pátio. Ele me abraçava e acabou dormindo no meu colo. Lembro que fiquei muito emocionada e acabava chorando.

ILUSTRAÇÃO:



INTERPRETAÇÃO: Passei uma época da faculdade estudando e trabalhando no Hospital Universitário do Fundão. Lidava com todo tipo de pessoa e sempre realizava um procedimento de liberação muscular dos pacientes com lesão medular, que faz com que os músculos atrofiados ganhem mobilidade novamente. É algo que dói muito, um sofrimento para o paciente e para a família. Depois de um tempo, passou a ser para mim também. O clima do lugar é bem pesado. Eu sempre tentei conversar para distrair os pacientes usando do humor. Mas lembro-me que uma vez falei a um deles “ah, mas isso é fácil! O que você quer mais?!” – me referindo a um exercício que ele deveria fazer – e a resposta foi “Eu só quero voltar a andar!”. Foi algo que me marcou muito. Uma experiência que vou guardar sempre. Meu exemplo para crescer como ser humano.

ANÁLISE DO ENTREVISTADOR: Esta imagem deixou-me bastante emocionada devido ao sonho que ela relatou relacionado ao trabalho que ela realizava. Fiquei observando e pensando que as realidades são tão distintas e que as crianças que não passam por problemas de lesão medular não podem sequer mensurar o que seria viver com esta doença e sem chances de andar. O desenho feito pela professora na minha análise deixa transparecer o quanto para ela seria bom se fosse possível reverter a condição daquelas crianças. Além do que, ela poderia trabalhar com eles como trabalha com os da Rede de São João de Meriti, que são alunos saudáveis e às vezes não valorizam o que possuem, até mesmo porque não presenciam em seu dia-a-dia situação semelhante.

“Livramento”

TIPO DE SONHO: Recente

SEXO: Feminino

IDADE: 50

CARGO OU FUNÇÃO: Monitora escolar

ESTADO CIVIL: Casada

OUTROS DADOS RELEVANTES DO SONHADOR: Evangélica

NOME DO ENTREVISTADOR: Felipe da Silva Triani

SONHO: O último sonho que eu tive foi com o inimigo das nossas almas. E foi na casa da minha mãe, que já estava reformada, mas no sonho a casa era do tempo de antes da reforma. Quando eu entrava na casa da

minha mãe, eu via o meu irmão e ia falar com ele. Mas quando eu entrava para falar com ele, vinha um homem de capuz preto e de capa preta que me impedia de entrar na casa. Ele vinha flutuando e eu colocava minha mão na frente, e a minha mão encontrava com a mão dele. Eu só via o bigode dele, eu sentia a mão dele seca, tipo uma caveira mesmo e eu chamava muito o nome de Jesus. Eu falava que estava “reprendido”. Foi quando o meu marido me acordou.

ILUSTRAÇÃO:



INTERPRETAÇÃO: Eu acho que eu tive esse sonho porque eu tenho que me fortalecer mais e esse sonho parece que é uma forma do inimigo me destruir. É uma forma dele tentar me impedir que eu leve a palavra de Deus para os meus irmãos, porque a minha família é muito grande e nem todos são cristãos.

ANÁLISE DO ENTREVISTADOR: O sonho de alguma forma representa a realidade, seja através da narrativa onírica, ilustração ou interpretação do sonho. Neste sentido, é possível perceber que a religião do sonhador está diretamente articulada com o sonho propriamente dito. Neste caso, a religião está presente em todas as representações do sonho. O próprio nome já está ligado a uma teia de significados que caracteriza a religião

que o sonhador frequenta. Diante disto, pode-se afirmar que a religião está intimamente relacionada com as representações oníricas que, por sua vez, estão representando sempre a realidade através dos elementos que nela estão inseridos.

“Escolhas”

TIPO DE SONHO: Recente

SEXO: Masculino

IDADE: 37

ESCOLARIDADE: Superior

CARGO OU FUNÇÃO: Servidor público

ESTADO CIVIL: Casado

NOME DO ENTREVISTADOR: Lenilson Joaquim Pereira

SONHO: Não lembro como se iniciou o sonho, apenas que estava em um campo de futebol. Parecia muito com o campo que tem perto da minha casa. Estava me preparando para disputar uma corrida com um cavaleiro montado a cavalo. Não via o cavaleiro, apenas o cavalo, mas sabia que estava lá, montado. Sei que não tenho chance na corrida, mas isso não me preocupa; quero apenas correr. De repente, o sonho muda! Estou na mesma posição aguardando para a partida, mas ao meu lado apenas crianças. Elas me atrapalham, fico com medo de machucar alguma delas. Elas rolam pelo chão. Perco o interesse de correr. Não identifico as pessoas. Não lembro se o sonho era colorido ou preto e branco.

ILUSTRAÇÃO:



INTERPRETAÇÃO: Trabalho em um emprego muito estressante e acho que a competição do trabalho por metas, índices, está gerando muita preocupação. Tenho que ser extremamente competitivo em todos os momentos. E acabo percebendo que não dou a devida atenção aos meus filhos. Esta situação está me deixando muito chateado, pois percebo que estou perdendo o meu tempo em família. Acho que estas preocupações estão sendo internalizadas nos sonhos.

ANÁLISE DO ENTREVISTADOR: Imagem de uma pessoa em conflito com suas escolhas. De um lado a família e tudo que ela representa – parte bonita do desenho. Do outro o trabalho – parte mais feia do desenho. O sonhador vive o momento de decisão entre ficar com a família ou ir para o trabalho. Decisão que importa em consequências. Ficar com a família é a opção mais bonita, mas os pés do sonhador estão apontados para o trabalho, o que indica que a escolha será neste sentido, talvez pela necessidade de ser o provedor da família.

“Meus filhos, minha vida”

TIPO DE SONHO: Recente

SEXO: Feminino

IDADE: 49 anos

ESCOLARIDADE: Ensino Médio (Formação de Professores)

CARGO OU FUNÇÃO: Professora

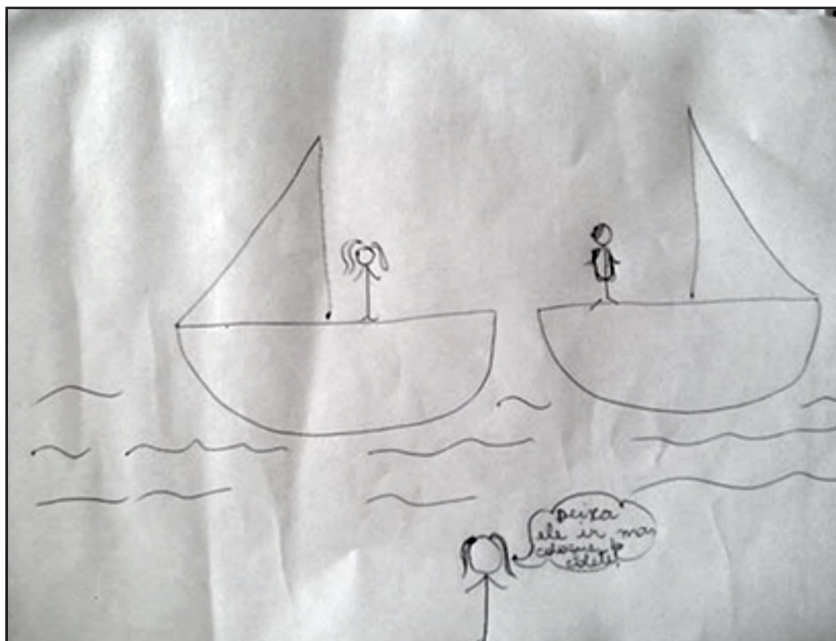
ESTADO CIVIL: Divorciada

OUTROS DADOS RELEVANTES DO SONHADOR: medo, insegurança, religiosidade

NOME DO ENTREVISTADOR: Henrique Guilherme Guimarães Viana

SONHO: Meu sonho atual foi o que eu tive com meus dois filhos, Rebecca e Pedro Paulo. Cada um estava numa barca e eu à margem de um rio. Eu deveria deixar meu filho seguir nessa barca, mas, estava com medo e a minha filha também. E eu da margem do rio gritava: “Deixa, minha filha, deixa ele ir, mas coloque o colete salva-vidas”.

ILUSTRAÇÃO:



INTERPRETAÇÃO: Eu interpreto meu primeiro sonho como sendo uma mãe que sabe que tem que soltar seu filho para a vida, mas, ao mesmo tempo, tem receio. E como minha filha também é a segunda mãe do meu filho, ela também sentia medo. E eu dizia que a gente podia soltar sim, deixar ele ir, mas com toda a segurança, que no caso seria o colete salva-vidas.

ANÁLISE DO ENTREVISTADOR: O barco e o mar são uma espécie de signo de insegurança e medo que conjugam com o relato de uma mãe que reconhece que precisa liberar os filhos para o mundo, porém, sua superproteção está na figura do colete salva-vidas, ou seja, uma proteção paliativa.

“Dia do meu casamento”

TIPO DE SONHO: Recorrente

SEXO: Feminino

IDADE: 26 anos

ESCOLARIDADE: Ensino Médio

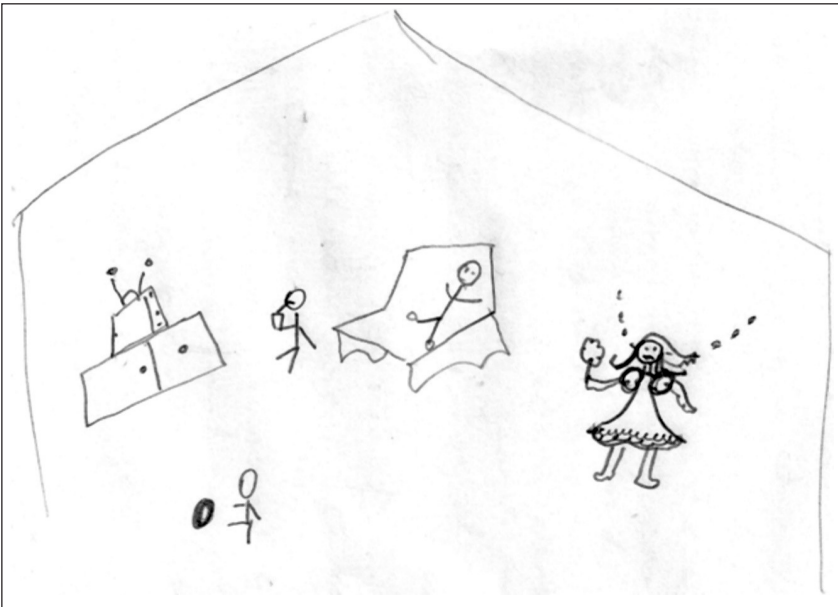
CARGO OU FUNÇÃO: Monitora

ESTADO CIVIL: Solteira

NOME DO ENTREVISTADOR: Felipe da Silva Triani

SONHO: Eu sonhei que eu tinha um namorado, e que a gente ia casar. Eu nunca sonhei que estava casando com ele, aí eu chegava em casa arrumada. Era o dia do meu casamento, mas as pessoas não queriam saber. Eu dizia: “gente, hoje é o meu casamento”, mas minha mãe estava vendo televisão em casa. Quando eu falava para eles se arrumarem, eles colocavam qualquer roupa sem preocupação. Eu ficava muito triste com isso e quando chegava na igreja tinham algumas pessoas, mas estava vazia, minha família não tinha chegado ainda. E ele era uma pessoa que eu gostava muito.

ILUSTRAÇÃO:



INTERPRETAÇÃO: Eu tive esse sonho para me mostrar que ele não era a pessoa. Minha família sabia que ele não era a pessoa. Eu me frustrei, porque eu apoiava eles em tudo, mas quando aconteceu comigo eles não apoiaram.

ANÁLISE DO ENTREVISTADOR: A interpretação é uma tentativa de justificar a representação inconsciente do sonho. Parece haver uma necessidade de esclarecer o motivo pelo qual a representação onírica surgiu. Neste

sonho, é possível perceber essa interpretação como justificção, pois a narrativa interpretativa não complementa o sonho, apenas almeja justificá-lo, bem como os fatos ocorridos nele.

“Antepassado”

TIPO DE SONHO: Recorrente

SEXO: Feminino

IDADE: 63

ESCOLARIDADE: Superior (Pedagogia)

CARGO OU FUNÇÃO: Professora / Orientadora educacional

ESTADO CIVIL: Solteira

OUTROS DADOS RELEVANTES DO SONHADOR: mora em Campos e é cadeirante (teve pólio quando era bebê); tem uma relação difícil com a família.

NOME DO ENTREVISTADOR: Dayse Tavares

SONHO: Tenho constantes sonhos com um mesmo lugar. Casa humilde, cercada por arame, próxima ao mar, tipo um lugar onde o progresso ainda não chegou. Não moro lá, encontro pessoas que conheço de sonhos, nunca as vi no mundo real. Convivo naturalmente, como se pertencesse ao grupo daquelas pessoas com idades diferentes. Crianças, jovens, idosos, todos íntimos. Me sinto muito bem nesse lugar aonde vou algumas vezes. Na vida real, não sei onde fica esse lugar e nem conheço as pessoas com as quais me encontro. No sonho estou andando, normalmente, mas sempre acordo sem ter chegado ao final do sonho.

ILUSTRAÇÃO:



INTERPRETAÇÃO: Nunca havia pensado na interpretação. Como este sonho é persistente, nele não sou uma estranha. Penso que em vida passada eu fui membro dessa família, porque é tudo muito natural. As conversas são comuns entre família. Um detalhe: não me lembro de nenhuma figura masculina. No sonho sou completamente integrada, andante, de vida simples. Outro detalhe é que eu não moro lá, mas gosto de lá. No sonho não vejo homens talvez porque o casamento nunca foi prioridade antes para mim. Hoje sinto o quanto estive errada. Preciso de alguém, estou muito só. O fato de andar normalmente no sonho mostra essa minha vontade. Também nunca vivi um paraíso com minha família e, por último, tenho me aborrecido muito. Posso dizer que tenho feito de tudo para me recuperar emocionalmente.

ANÁLISE DO ENTREVISTADOR: A sonhadora nunca se casou, tem uma relação difícil com a família, com quem ainda vive, e não anda devido a uma pólio na infância. Acredito que aqui tudo se encaixa. No sonho, ao contrário da realidade, ela está muito integrada à família. Isso parece um desejo de que fosse realmente assim. Uma segunda vontade aparente no sonho é a de caminhar: ela anda normalmente quando dorme. Já a não visualização da figura masculina pode nos mostrar o que ela disse: ter um companheiro nunca foi de suma importância em sua vida. Na verdade, isso vinha em segundo plano. Quanto à imagem, ela desenhou a casa, que mais parece um lugar bastante convidativo, simples, bem familiar, tranquilo. Vejo aí a vontade de ter uma vida desse tipo: calma, sem brigas, com dias bonitos e acolhedores, cheios de paz.

“Borboletinha dourada”

TIPO DE SONHO: Recorrente

SEXO: Feminino

IDADE: 40

ESCOLARIDADE: Superior (Direito)

CARGO OU FUNÇÃO: Sem vínculo empregatício

ESTADO CIVIL: Casada

OUTROS DADOS RELEVANTES DO SONHADOR: moradora de Angra dos Reis; há cerca de dez anos caiu de um ônibus no Rio de Janeiro, ficando em coma por algum tempo; o pai era violento com a família.

NOME DO ENTREVISTADOR: Dayse Tavares

SONHO: No sonho eu estou voando acima das pessoas. E de lá de cima eu via tudo e todos lá embaixo, na Terra. Às vezes, eu via coisas ruins e queria ajudar as pessoas de lá de baixo. Mas eu não conseguia, de lá de cima. Teve uma vez que, nesse sonho recorrente, apareceu uma santa que me ajudou. Era Santa Bárbara.

ILUSTRAÇÃO:



INTERPRETAÇÃO: Eu interpreto o sonho da seguinte forma: eu voava porque queria muito sair daquele inferno que era a minha vida quando mais nova, morando com meu pai e minha mãe. Meu pai era violento e batia na minha mãe. Eu me colocava na frente dele para aquele homem não bater nela. E aí ele batia nas duas. Ele nos agredia fisicamente e psicologicamente, a mim, minha mãe e meu irmão. Acho que no sonho eu queria ajudar as pessoas assim como queria ajudar a minha mãe, a

nós mesmos. E a santa, acredito que foi uma simbologia, pois na verdade eu sempre orava a Deus para aquele inferno terminar em nossas vidas.

ANÁLISE DO ENTREVISTADOR: A sonhadora desenha uma casa que parece a casa que ela gostaria de ter tido quando mais jovem: um lar tranquilo onde não existem problemas ao redor. A borboleta da imagem pode ser a própria sonhadora a voar, ali em cima da casa, como uma forma de demonstrar o desejo de se libertar do caos que foi sua vida ao lado do pai violento, ou de cuidar da casinha abaixo dela, cujos moradores estão lá dentro.

“Raízes profundas”

TIPO DE SONHO: Recorrente

SEXO: Feminino

IDADE: 42

ESCOLARIDADE: Pós-graduação (*Lato sensu*)

CARGO OU FUNÇÃO: Jornalista

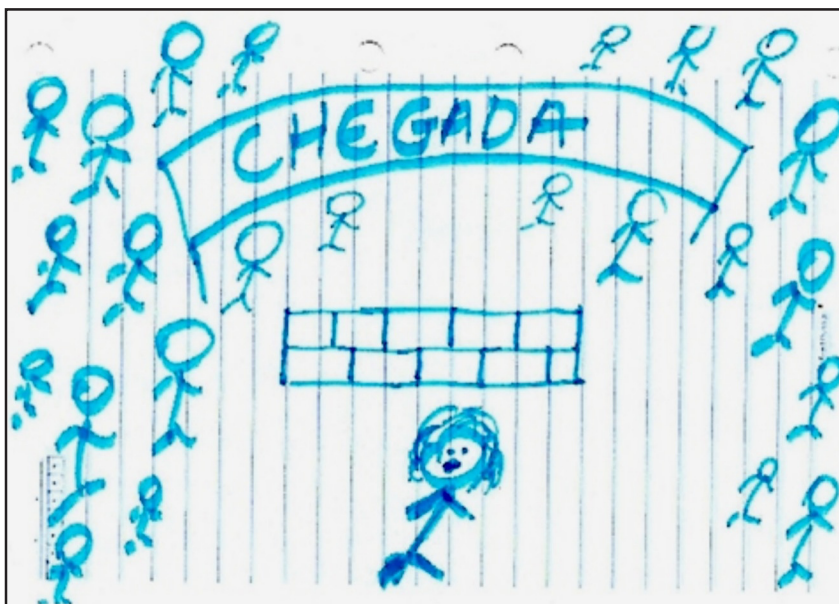
ESTADO CIVIL: Casada

OUTROS DADOS RELEVANTES DO SONHADOR: moradora da Freguesia; teve câncer de mama recentemente

NOME DO ENTREVISTADOR: Dayse Tavares

SONHO: Eu sempre estou tentando correr, mas não consigo. E aí me dá uma aflição no sonho. Eu não consigo correr. É desesperador. Porque tem gente atrás de mim querendo me pegar. Também não conheço aquelas pessoas. Uma cabeçada de gente. E elas correm muito, muito mesmo. E parece que eu estou colada no chão, presa, vendo cada vez mais elas se aproximarem. Não sei o que querem de mim (uma delas, uma vez, atirou uma faca em minha direção); tenho medo. Quero correr. Até tento, mas só consigo caminhar. Tá escuro, é noite. Sempre é noite nesses sonhos. Às vezes tudo isso acontece num lugar aberto, com mato, capim. Outras vezes, não. Tudo se passa dentro de uma casa. Mas eu reconheci a casa um dia desses: era o centro espírita onde passei minha infância.

ILUSTRAÇÃO:



INTERPRETAÇÃO: Meus tios eram caseiros no centro espírita. Minha avó também morava lá com eles. Ela desenhava flores e me ensinava a desenhar flores também. A gente sentava na janela do centro espírita e ficava olhando para fora, e desenhando. Me lembro muito desse lugar. Por isso o reconheci um dia desses no meu sonho. Hoje ele não existe mais, foi demolido. Minha avó e meu tio já faleceram. Mas eu brincava muito lá no centro, entre as cadeiras e em torno da mesa branca. À noite eu tinha medo de atravessar o centro porque tinham várias fotos penduradas, quadros. Acho que aquelas pessoas me olhavam. Quando eu tinha que passar pelo centro à noite, para sair pela porta da frente, eu dava um pique (risos). Corria até alcançar a porta e sair para a rua. Acho que é por isso que hoje eu sonho às vezes com esse lugar. Só não sei por que eu não consigo correr. Na infância eu corria dentro do centro espírita porque tinha medo de atravessá-lo à noite para chegar à porta da rua. Eu brincava muito lá dentro, correndo. Como o centro foi demolido e não mais existe, no sonho perco a capacidade de correr. Em relação ao câncer, talvez a falta de capacidade de correr esteja ligada à incapacidade de fugir do problema. Um câncer é sempre um câncer, não dá para fugir dele. É preciso enfrentá-lo.

ANÁLISE DO ENTREVISTADOR: Na imagem vejo a vontade de correr, superando os outros, e chegar a algum lugar (a chegada, a vitória). Só que a sonhadora está parada no desenho dela. E todos os outros em volta estão correndo, conseguem correr até a meta. Mas ela não; está presa ali no mesmo lugar, como se houvesse um muro que a impedisse de correr e chegar. A vontade de correr é muita, mas algo a impede. A imagem poderia significar a vontade de se distanciar da doença e se curar, alcançando a vitória. No entanto, no sonho ela não consegue isso, o que a leva à aflição, ao medo de não chegar à cura.

“*Me salve*”

TIPO DE SONHO: Recorrente

SEXO: Feminino

IDADE: 30

ESCOLARIDADE: Superior

CARGO OU FUNÇÃO: Analista de Recrutamento e Seleção

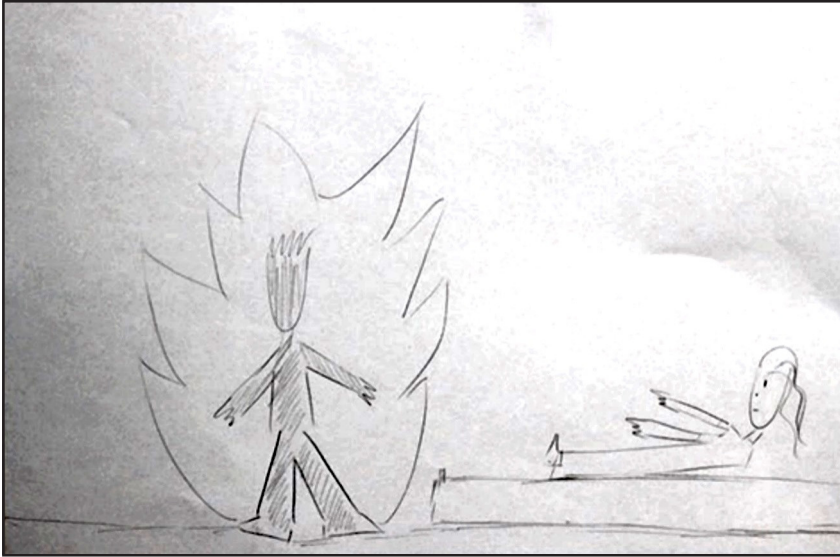
ESTADO CIVIL: União estável

OUTROS DADOS RELEVANTES DO SONHADOR: Homossexual

NOME DO ENTREVISTADOR: Lidiane Nunes de Castro

SONHO: Tinha uma época da minha vida que eu sonhava muito que eu *tava* na casa de praia da minha avó. A gente *tava*, eu *tava* lá no quarto em que dormia... Eram três quartos, num dormia minha avó e meu avô, noutro dormia a minha tia, o meu primo e o pai dele e no outro dormia eu, meu irmão, minha mãe e meu... meu pai, meu padrasto no caso, né? E aí eu sonhei que eu *tava* nesse quarto nosso e o meu primo vinha do outro quarto pegando fogo. Eu sonhava isso direto. Ele *tava* assim... só dava pra ver assim, assim ele todo escuro por dentro, mas eu sabia que era ele. E ele pegando fogo, todo, todo em chamas, mas ele não era tipo aquele desespero “*tô* pegando fogo. Ah, me ajuda!”, não é. Ele vinha com aquela chama na minha direção e eu tentava segurar assim na mão dele... Eu sonhava isso com muita frequência e era horrível porque eu ficava muito mal depois.

ILUSTRAÇÃO:



INTERPRETAÇÃO: Eu sonhava com isso. É numa época que era bem *punk*, assim, já em outro sentido, né? Fora. Acho que também era mais ou menos nessa época aí que eu tinha bastante medo, mas... É, o meu tio, o pai dele, desse meu primo que pegava fogo no sonho, ele me molestava. Então, algumas vezes isso acontecia... E o Felipe também *tava* porque, é... a gente, acho que almoçava à tarde assim e sempre tinha uma hora que, que a gente ia dormir, né? E aí era quando esse meu tio vinha e deitava junto da gente. Ficava fazendo um monte de merda lá. Então eu não sei, se isso tem a ver, dele *tá* próximo desse meu primo, *tá* próximo, ou de eu... ou talvez ele também fazia alguma coisa com o meu primo e eu não, não consigo me lembrar... Porque eu, eu e ele ficamos muito sexualizados cedo, então eu acredito que ele fazia, devia fazer alguma coisa com esse meu primo. Então pode ser, essa imagem dele também, passando por essa situação ruim, né? Então, esse fogo, ele pegando fogo...E de alguma maneira, eu querendo pegar a mão dele também... porque a gente *tava* vivendo uma coisa parecida... Estar querendo dar apoio, sei lá, ajudar ele. Pode ser isso. Até porque, se ele, meu primo, morava com ele, então se eu via que acontecia alguma coisa também com ele ou se eu imaginei que acontecia alguma coisa com ele, acontecia muito mais do que acontecia comigo, né? Porque eu não morava na mesma casa que ele, então, mal ou bem dava pra não ter tanto contato assim.

ANÁLISE DO ENTREVISTADOR: O ambiente é simples e sem muitas referências. Existe um chão, um objeto e dois personagens. Muitos traços retos, destacando aqui o objeto e a sonhadora que parece mesclar-se a ele como se fosse continuação do mesmo. Há uma distribuição das figuras no papel, mas um vazio no lado esquerdo transmite a ideia de movimento do personagem que já percorreu aquele espaço em direção ao local em que a sonhadora está.

A sonhadora está deitada em uma cama e dá a ideia de movimento pela posição na qual se encontra por ali. A outra pessoa presente ali com ela está envolvida por uma chama como se ele próprio fosse fogo e todo o seu corpo está negro sem que seja possível identificar o seu rosto, onde não são vistos olhos, nariz ou boca. Está desumanizado.

A posição da sonhadora, como se levantasse e fosse ao encontro deste homem em chamas, e a existência de uma pessoa em frente a sua cama pegando fogo possuem uma conotação sexual. O pegar fogo parece implicar uma ausência de controle, uma ausência de domínio talvez sobre essa sexualidade ou libido; um impulso sexual.

Existe algo que atrai a sonhadora em sua direção e o sujeito aparenta deixar-se consumir pelo fogo. Os dois parecem não saber o que fazer ou não entender o que está acontecendo. O fogo é um elemento com aspecto destrutivo, mas também purificador e regenerador. A sonhadora contempla sem saber qual aspecto manifesta-se perante seus olhos e como lidar com aquilo, que ela nem ao menos compreende.

“Vontade de ser mãe outra vez”

TIPO DE SONHO: Recorrente

SEXO: Feminino

IDADE: 19

ESCOLARIDADE: Analfabeta funcional

CARGO OU FUNÇÃO: Sem vínculo empregatício / Manicure

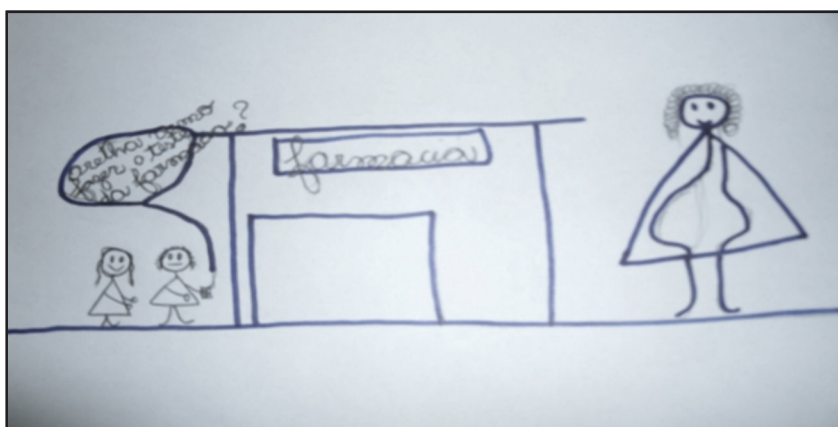
ESTADO CIVIL: Solteira – vive há dois anos com companheiro

OUTROS DADOS RELEVANTES DO SONHADOR: mãe e família desequilibradas / pai e irmãos traficantes / engravidou aos 16 anos / morou em dois abrigos / cor negra

NOME DO ENTREVISTADOR: Henrique Guilherme Guimarães Viana

SONHO: O sonho que eu tenho todo dia. Eu sonhei que eu estava deitada, na cama, levantei e senti muito enjoo. Aí, Aretha pegou e falou: “É o quê, Luciana?”. “Não Aretha, eu acho que eu tô grávida”. “Não, Luciana, você não tá”. Aí eu peguei e falei assim: “Aretha, vamos fazer o teste da farmácia”. Fiz, deu negativo. Passados três dias, era minha irmã que *tava* grávida. Aí eu peguei e falei esse sonho pra ela, e ela falou: “Lu, eu fiz o teste da farmácia e deu positivo, e é vocês que vão ser os padrinhos de consagração do meu filho.” Eu chorei, chorei eu e meu companheiro.

ILUSTRAÇÃO:



INTERPRETAÇÃO: Quando eu era mais nova, eu engravidei. Nova, *tava* com 17 anos, conheci um rapaz, engravidei. Ele queria que eu morasse com ele, fui pro Espírito Santo, fui pra lá. Ele tinha falado comigo que ele tinha casa, mas não tinha. Ficou me batendo muito, me separei dele. Hoje, a filha dele tem três anos, tem um padrasto maravilhoso. Eu tenho um companheiro e o meu sonho, a minha felicidade é ter um filho dele.

ANÁLISE DO ENTREVISTADOR: Os dados relevantes do sonhador foram relatados após a entrevista. Considerando as minhas anotações e diante do sofrimento mencionado na primeira gravidez (espancamento, fome, “marido” viciado em drogas) e, sendo expulsa da casa dos sogros, foi recolhida a dois abrigos, no Espírito Santo e em Campos dos Goytacazes, analiso o desejo da segunda gravidez como uma forma de compensação por ter uma vida mais tranquila com seu atual companheiro que a conheceu ainda grávida da primeira união.

“Invasão”

TIPO DE SONHO: Estranho

SEXO: Feminino

IDADE: 36

ESCOLARIDADE: Superior

CARGO OU FUNÇÃO: Professora

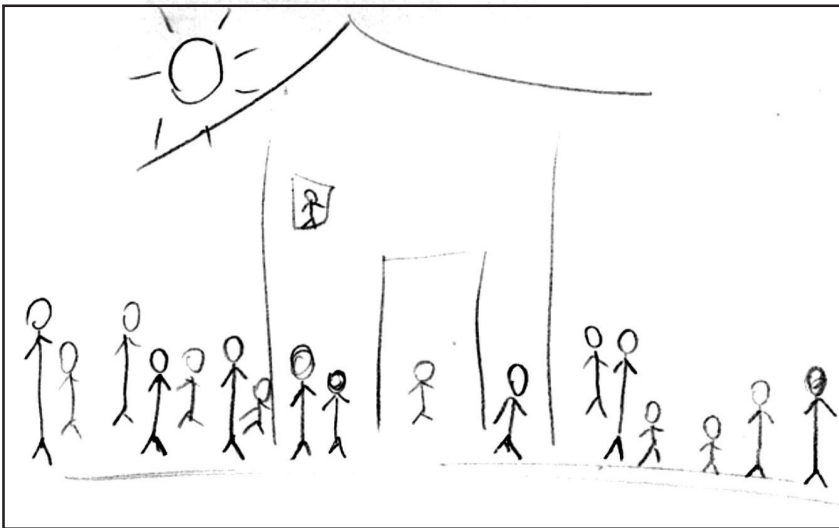
ESTADO CIVIL: Casada

OUTROS DADOS RELEVANTES DO SONHADOR: Evangélica

NOME DO ENTREVISTADOR: Felipe da Silva Triani

SONHO: Eu sonhei que tinha um monte de gente invadindo a minha casa. Eu acordei e fui orar logo. Eles entravam e eles falavam alguma coisa comigo que eu não entendia. Tinha homens e mulheres, pareciam mendigos. Aí eu acordei apavorada.

ILUSTRAÇÃO:



INTERPRETAÇÃO: Não tenho a menor ideia porque tive esse sonho. Não aconteceu nada. Não sei, é uns sonhos bobos que a gente tem. Já invadiram a minha casa umas duas vezes, mas isso não tem a ver, porque eu nem lembrava disso na hora do sonho.

ANÁLISE DO ENTREVISTADOR: O sonho “Invasão” é típico dos que despertam o sonhador de seu sono e o fazem acordar através de uma injeção de adrenalina provocada pela situação onírica. Sua interpretação está

fora de qualquer tentativa de explicação. Parece que nem mesmo a memória do sonho é almejada, não há qualquer vontade de justificar o sonho em sua representação consciente interpretativa. A ilustração, em todos os casos, na opinião pessoal do entrevistador, possui um valor representativo muito maior do que a narrativa onírica descrita e sua interpretação, pois neste sonho é possível perceber pela ilustração representativa um sentimento de ameaça, uma sensação de perigo, através da representação de estar sendo invadido pelo mundo.

“Meu avô”

TIPO DE SONHO: Estranho

SEXO: Feminino

IDADE: 24

ESCOLARIDADE: Ensino Médio

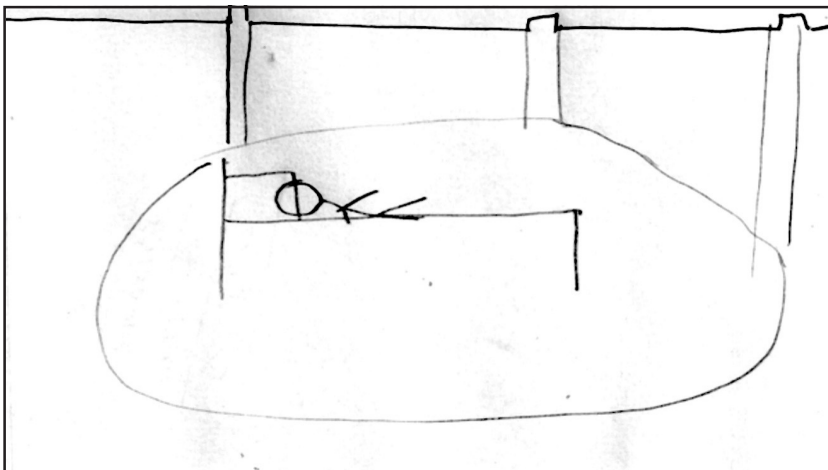
CARGO OU FUNÇÃO: Professora

ESTADO CIVIL: Casada

NOME DO ENTREVISTADOR: Felipe da Silva Triani

SONHO: Meu avô morreu dentro de casa e eu não queria ver. Minha tia me puxou e fez com que eu visse. Depois eu sonhei que ele estava morto no quintal da casa da minha mãe, mas estava tudo turvo, tudo cheio de lama. Ele estava deitado na cama dele no quintal.

ILUSTRAÇÃO:



INTERPRETAÇÃO: Eu acho que eu tive esse sonho, porque na hora que eu vi eu tive uma crise e teve uma coisa também: minha avó sempre mandava limpar o túmulo dele no dia dos finados. Uma vez, quando foram limpar achamos mini caixões, onde estava escrito “Jorge encontra Satanás”, e eu era muito nova, pode ser isso.

ANÁLISE DO ENTREVISTADOR: Neste sonho a memória é representada. É um sonho recorrente que faz lembrar alguém que já não mais existe entre o sonhador. A cena extraordinária do fenômeno invadiu a memória que faz lembrar o sonho. Contudo, embora a narrativa onírica e sua ilustração representem a memória supracitada, sua análise mais uma vez é uma representação que serve como justificativa consciente para o sonho inconsciente.

“A travessia”

TIPO DE SONHO: Recorrente

SEXO: Feminino

IDADE: 35

ESCOLARIDADE: Superior

CARGO OU FUNÇÃO: Analista de Audiovisual

ESTADO CIVIL: Solteira

OUTROS DADOS RELEVANTES DO SONHADOR: Homossexual

NOME DO ENTREVISTADOR: Lidiane Nunes de Castro

Sonho: Quando eu tô muito estressada, eu tenho um sonho, que é recorrente. É o seguinte: parece que eu tô caminhando num lugar assim, é bem estilo “*Game of Thrones*”... com muita neve, nevando e tal e eu, eu não consigo ver nada à minha frente, dos lados... Eu tô sozinha e eu tô caminhando e eu, eu sei que eu tenho que chegar em um lugar. Eu tenho que chegar e eu não consigo chegar. Eu sinto aquela angústia de não conseguir caminhar na neve, meu pé afundar e vir... aquele vento, aquela neve pra cima de mim, e eu pensando como é que vou fazer pra chegar... E sempre quando eu tenho esse sonho, se eu não acordar assim no meio da noite por causa desse sonho, não acordar assim no meio, no decorrer do sonho, eu chego num... parece um mosteiro, é, mais ou menos um mosteiro. E quando eu entro lá, eu fico procurando alguém ali dentro... que eu não consigo encontrar... E, eu sei que eu tenho que encontrar aquela pessoa e ao mesmo tempo que eu caminho pelos largos

cômodos de lá, e olho pros lados, parece desértico, e do lado de fora a névoa, a neve caindo cada vez mais e mais... Sei lá, quando eu sonho isso, ele é um sonho angustiante, angustiante. Geralmente eu tenho esse sonho quando eu começo, dois, três dias antes de ter alguma coisa pra resolver, e não consigo resolver.

ILUSTRAÇÃO:



INTERPRETAÇÃO: O sonho de caminhar na neve decorre de situações diversas, mas geralmente em momentos em que estou procurando “um novo rumo”, ou seja, parece uma busca por um caminho, por alguém. Defino como se o caminhar até o mosteiro fosse um caminho de provações e entrar no mosteiro como se fosse uma visão da próxima etapa. A sensação de procurar uma pessoa é algo muito real. Parece que estou sempre à espera de alguém e esta espera é angustiante, porque eu sou ansiosa para encontrar esta pessoa. Por mais que pareça que eu conheço esta pessoa, eu não me lembro da face dela. E por muitas vezes, a sensação angustiante me faz acordar antes de encontrá-la.

ANÁLISE DO ENTREVISTADOR: Para a sonhadora o templo, por si só, é a imagem que representa o seu sonho. Por isso, ele ocupa todo o espaço do desenho de modo imponente. É possível notar que houve um cuidado no desenho e em seus detalhes, mas que o mesmo apresenta formatos irregulares e foge do traçado mais reto, possuindo diversas curvas e formatos geométricos diferentes.

O templo está atrelado à espiritualidade e apresenta-se como o objetivo final, o lugar que precisa ser alcançado, mas cujo caminho não é fácil de ser trilhado. Ele está distante e isolado, não há nada ao seu redor, não há ninguém por ali. O caminho parece ser não apenas difícil, mas solitário. A jornada é espiritual e, portanto, individual.

O próprio formato do templo, dividido em vários andares que vão se tornando cada vez mais estreitos ao passo que vão se elevando, parece uma metáfora do caminho de elevação espiritual: o ponto de partida é a base, com os pés no chão. Até então, o caminho não apresenta grandes dificuldades, mas que aumentam quanto mais se tenta subir. O espaço se reduz, o caminho deixa de ser tão fácil de percorrer e as dificuldades vão aumentando gradativamente em cada nível da evolução.

Um fato interessante do desenho é o isolamento do templo. Parece que não há um caminho para chegar ou que a sonhadora desconhece o trajeto que culmina ali. Sabe apenas que ele existe, ou acredita que ele exista, mas talvez se trate apenas de uma espécie de utopia. Alcançar o estado mais iluminado e elevado do espírito parece utópico quando se vive encoberto pelas brumas da materialidade.

“Medo”

TIPO DE SONHO: Estranho

SEXO: Feminino

IDADE: 30

ESCOLARIDADE: Superior

CARGO OU FUNÇÃO: Analista de Recrutamento e seleção

ESTADO CIVIL: União estável

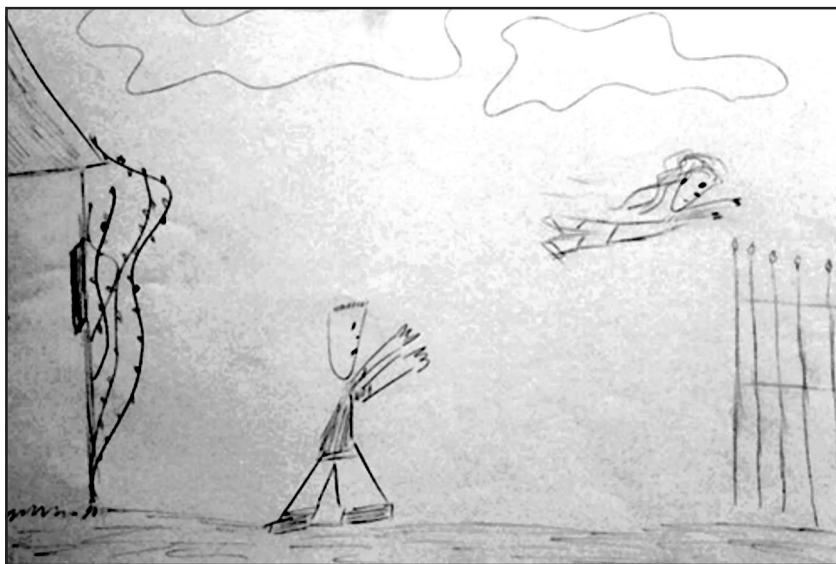
OUTROS DADOS RELEVANTES DO SONHADOR: Homossexual

NOME DO ENTREVISTADOR: Lidiane Nunes de Castro

SONHO: Eu sonhava várias vezes que *tava* sendo perseguida pelo bandido. Então, eu voava e aí tipo pra eu conseguir voar, eu tinha que fazer

uma força como se eu tivesse nadando no ar. Isso eu sonhava com muita frequência também. Passando por cima do portão, passando... E eu fazia *mó força*, batendo as pernas assim pra poder... e dando umas braçadas pra poder subir.

ILUSTRAÇÃO:



INTERPRETAÇÃO: Então, nessa época, eu morava lá em Pedra de Guaratiba. E a parte da frente do meu quarto era na parte da frente da casa. A janela do meu quarto era pra frente e tinha uma planta que ficava batendo na janela do meu quarto. E eu morria de medo daquilo. Eu sempre achava que tinha alguém ou que era um espírito ou que era alguma coisa. Então, eu me cagava de medo e vira e mexe eu ficava chamando a minha mãe ou ia pro quarto da minha mãe porque eu não conseguia dormir sozinha. Eu era uma criança muito medrosa. Então esse negócio do bandido passar... De eu correr do bandido, era lá na frente dessa minha casa da Pedra. E aí tem essa situação de voar, né? E agora por que que eu voava no sonho? Muito complicado interpretar isso. Eu não sei porque eu conseguia voar, não sei mesmo. Ah, ah, o fato de eu voar nadando, a questão do nadar, pode ser... Também era uma coisa que eu vivia porque eu, eu nadava quando eu era jovem, nessa época em que eu morava lá, com muita frequência, eu fazia aula de natação. Então tem isso aí do nadar, mas nadar no ar, né? Pra fugir do bandido. Voar nadando... Que difícil isso! Por que que eu voava, né? Eu não sei, de repente...

pode ser que o bandido aí no caso representasse mesmo o medo, né? Porque eu era, eu sentia sempre muito medo, né? Que não era... Poderia ser o bandido, poderia ser espírito, poderia ser qualquer coisa porque eu era muito medrosa, né? Então pode representar o medo e eu tentando fugir, né? A dificuldade que eu tinha de fugir do... dos meus medos, né? E isso era uma coisa que realmente era, era sinistro, era *punk*. Era o maior sofrimento realmente. Era muito medo que eu passava nessas épocas. Minha mãe que sofreu, tadinha, eu era a mais cagona do planeta inteiro.

ANÁLISE DO ENTREVISTADOR: Há uma forte presença das linhas retas na imagem com objetos espalhados por todo o desenho de maneira fluída. Apesar da perseguição que se desenrola na imagem, os aspectos do movimento transmitem calma e existe uma riqueza de detalhes que demonstra a importância que cada parte possui para a composição do todo dentro da visão da sonhadora.

A cena está situada no espaço entre o portão e a entrada da casa, no quintal, e há um recorte através do enquadramento em que o espaço é o entre-lugar, que não está nem na rua e nem dentro de casa. A rua não é vista, apenas uma parte do portão que indica que ela está presente logo ali, quase palpável para a sonhadora que possui as mãos estendidas em sua direção. A casa também está presente em parte, apenas como uma espécie de referencial. Pode-se notar a janela apontada para a rua e a planta cobrindo todo o espaço. A nuvem e o chão também estão cortados. Nada se apresenta por inteiro, nem mesmo os personagens, que aparentam ter a cabeça deslocada do próprio corpo. As faces dos personagens são inexpressivas e o deslocamento da cabeça, que não está conectada ao restante do indivíduo, aparenta que a mente já não comandando o corpo, que segue como se guiado por reações puramente instintivas, como a fuga da sonhadora.

Se os envolvidos não demonstram emoções, elas são provocadas naqueles que contemplam a imagem. Uma espécie de aflição provocada pelo momento congelado na imagem dela ainda não tendo ultrapassado o portão, com o homem seguindo em sua direção. Qual será o desfecho dessa narrativa pictórica? Ela está se afastando cada vez mais dele ou ele está se aproximando mais e mais dela? Será que ela consegue escapar? Haverá sempre aqueles que dirão que o copo está meio cheio, enquanto outros afirmarão que está meio vazio. Neste caso, o desfecho dependerá da interpretação de cada um.

3.2. A Rua

“A vida é uma estrada”

TIPO DE SONHO: Recorrente

SEXO: Feminino

IDADE: 49

ESCOLARIDADE: Ensino Médio (Formação de Professores)

CARGO OU FUNÇÃO: Professora

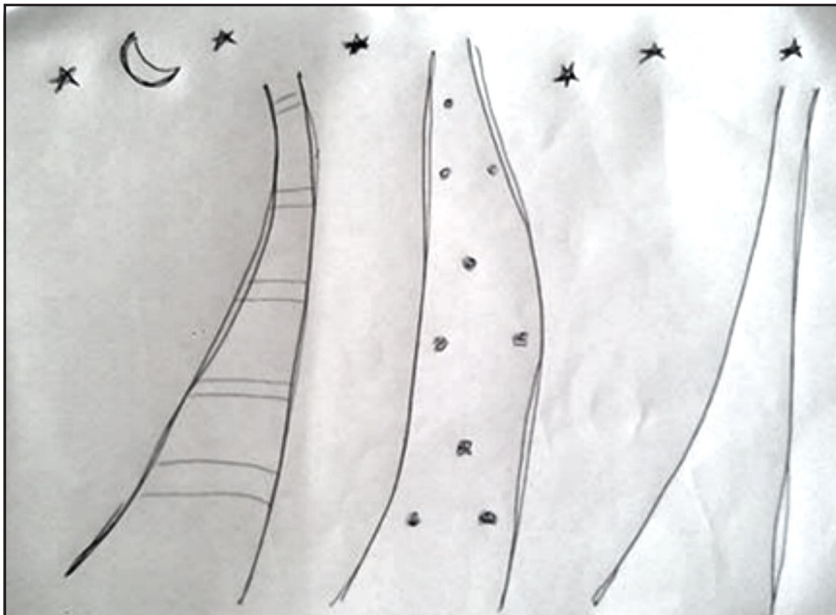
ESTADO CIVIL: Divorciada

OUTROS DADOS RELEVANTES DO SONHADOR: Indecisão em relação ao divórcio

NOME DO ENTREVISTADOR: Henrique Guilherme Guimarães Viana

SONHO: Meu sonho recorrente é sempre que eu tenho que seguir numa estrada e essa estrada aparece de várias formas. Às vezes é uma estrada pedregosa, ou uma estrada de ferro ou uma estrada plana, mas, eu sempre estou sozinha e eu tenho que seguir essa estrada.

ILUSTRAÇÃO:



INTERPRETAÇÃO: Meu segundo sonho eu interpreto como sendo a minha insegurança: eu sou uma pessoa muito insegura e eu tenho que em algum momento, em alguns momentos de minha vida, seguir sozinha. As estradas simbolizam a situação que estou vivendo naquele momento, momentos de tranquilidade, que no caso é a estrada plana; momentos de obstáculos, que no caso são as pedras; e momentos de obstáculos maiores, que nem eu mesma vou saber como vencê-los, mas que eu tenho que fazer sozinha, porque ninguém pode fazer por mim.

ANÁLISE DO ENTREVISTADOR: A estrada pode ser estudada e analisada em diversas áreas do conhecimento. É símbolo de poder, liberdade, inclusão, exclusão, medo, insegurança, caminho público, abertura, local de grande percurso, inclusive entre a vida e a morte; entre seguir e desistir, bem como espaço de limitação diante da sua dimensionalidade. O desenho representa as estradas noturnas, estreladas e também os obstáculos. Popularmente, cada um carrega sua cruz e cada um segue a sua estrada. As três estradas do desenho representam momentos diferentes na vida do sonhador.

“Escolhas”

TIPO DE SONHO: Recente

SEXO: Masculino

IDADE: 37

ESCOLARIDADE: Superior

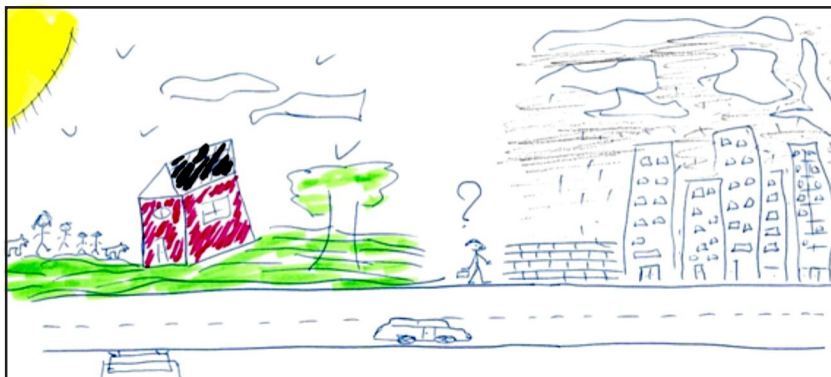
CARGO OU FUNÇÃO: Servidor público

ESTADO CIVIL: Casado

NOME DO ENTREVISTADOR: Lenilson Joaquim Pereira

SONHO: Não lembro com se iniciou o sonho, apenas que estava em um campo de futebol, que se parecia muito com o campo que tem perto de minha casa. Estava me preparando para disputar uma corrida com um cavaleiro montado a cavalo. Não via o cavaleiro, apenas o cavalo, mas sabia que ele estava lá, montado. Sei que não tenho chance na corrida, mas isso não me preocupa, quero apenas correr. De repente, o sonho muda, estou na mesma posição aguardando para a partida, mas ao meu lado ape alguma delas, Elas rolam pelo chão. Perco o interesse de correr. Não identifico as pessoas. Não lembro se o sonho era colorido ou preto e branco.

ILUSTRAÇÃO:



INTERPRETAÇÃO: Trabalho em um emprego muito estressante e acho que a competição do trabalho por metas, índices, está gerando muita preocupação. Tenho que ser extremamente competitivo em todos os momentos, e acabo percebendo que não dou a devida atenção aos meus filhos. Esta situação está me deixando muito chateado, pois percebo que estou perdendo o meu tempo em família. Acho que estas preocupações estão sendo internalizadas nos sonhos.

ANÁLISE DO ENTREVISTADOR: Imagem de uma pessoa em conflito com suas escolhas. De um lado a família e tudo que ela representa – parte bonita do desenho. Do outro, o trabalho – parte mais feia do desenho. O sonhador vive o momento de decisão entre ficar com a família ou ir para o trabalho. Decisão que importa em consequências. Ficar com a família é a opção mais bonita, mas os pés do sonhador estão apontados para o trabalho, o que indica que a escolha será neste sentido, talvez pela necessidade de ser o provedor da família.

“Sonhos de um caçador”

TIPO DE SONHO: Estranho

SEXO: Masculino

IDADE: 29

ESCOLARIDADE: Ensino Fundamental

CARGO OU FUNÇÃO: Chefe de terreiro de Candomblé

ESTADO CIVIL: Solteiro

OUTROS DADOS RELEVANTES DO SONHADOR: Religião: Candomblé

NOME DO ENTREVISTADOR: Felipe da Silva Triani

SONHO: Eu sonhei com uma pessoa que eu não via há muito tempo. Só que eu parei de falar com ele há muito tempo. Eu sonhei que estava em uma escola com muita bebida, muita orgia e essa criatura estava lá. A gente ficou várias horas lá, só que nós nos falávamos. Ele estava mais magro, mais forte. Eu estava brilhante, tinha outras pessoas que eu não sei quem são, em um lugar que eu não sei onde. Ele era o único conhecido, eu fui à festa com ele. Depois eu lembro que ele dormia e eu o acordava, que acordava bêbado. Só que ele não é gay, bom a gente nunca sabe, né?

ILUSTRAÇÃO:



INTERPRETAÇÃO: Eu não sei por que eu sonhei com essa pessoa. A gente parou de se falar. A nossa ligação era muito forte, ele me contava a vida dele toda. Ninguém me falou dele esses dias, não tinha porque sonhar com o bofe. Foi uma semana conturbada que eu tinha uma festa imensa para fazer. Não tinha porque sonhar com ele. Não toquei em assunto de voltar a estudar, não tinha porque ter esse sonho. O ofá é o que me lembra essa pessoa, quando essa pessoa se iniciou comigo. O orixá que usa essa arma, o nome desse orixá é Odé. É uma palavra em ioruba que na nossa língua significa caçador.

ANÁLISE DO ENTREVISTADOR: O sonho acima foi um dos mais fantásticos que fizeram parte da amostra da minha pesquisa, pois apresenta uma quantidade muito significativa de informações a serem analisadas. No caso deste sonho, o sonhador desenvolve sua narrativa onírica de forma explicativa – quando comparado aos outros sonhos. A ilustração é fundamental para a compreensão do sonho e da interpretação. As fases da representação são perfeitas, pois a ilustração completa o sonho e sua interpretação. Parece que neste sonho, a ilustração mostra seu papel e justifica sua importância, sem a ilustração desse sonho, talvez não fosse tão interessante sua análise. Na narrativa onírica percebe-se que o sujeito, o outro que emerge no sonho, é o objeto do sonho, pois toda a ilustração representa o sujeito e a interpretação representa a justificação da elaboração da ilustração e dos motivos da sua construção, bem como da interpretação.

“Eu, minhas verdades e confirmações”

TIPO DE SONHO: Recente

SEXO: Masculino

IDADE: 26

ESCOLARIDADE: Superior

CARGO OU FUNÇÃO: Analista administrativo

ESTADO CIVIL: Solteiro

OUTROS DADOS RELEVANTES DO SONHADOR: Homossexual

NOME DO ENTREVISTADOR: Lidiane Nunes de Castro

SONHO: O sonho recente que eu tive foi inclusive hoje. Eu *tô* pensando muito num processo seletivo que eu *tô* fazendo. E aí a menina me agendou pra parte da tarde, assim tipo três horas da tarde. Aí eu fiquei com aquilo na cabeça, tipo ninguém agenda uma entrevista três horas da tarde, pra daqui a um mês. Aí aquilo ficou na minha cabeça e geralmente eu sonho com coisas que são, que ficam muito recorrentes nos meus pensamentos. E esse sonho de hoje foi justamente sobre o horário, o horário ficou na minha cabeça, eu fiquei questionando isso na minha cabeça e acabou que eu sonhei. Eu fiquei em dúvida, “gente, será que é realmente isso?”, enfim, três e quinze da tarde, três e quinze. Aquilo ficou na minha cabeça, mesmo no subconsciente. Não pensando diretamente naquilo, mas aquilo ficou passando na minha cabeça. Aí eu fui

dormir. Quando acordei, acordei achando que eu tinha uma confirmação tipo, eu sonhei que... E eu entrei lá na empresa e vi o horário dos outros entrevistados e confirmei aquilo, “ah não, tem um cara agendado pra quatro e pouco da tarde, depois de mim, então é verdade”. Aí eu acordei com aquele pensamento positivo. Como se o horário que ela marcou é mesmo verdadeiro.

ILUSTRAÇÃO:



INTERPRETAÇÃO: Acredito que cada sonho e suas justificativas possam variar. Quando me foi informado o horário da entrevista eu estava na rua sem poder anotar e escutar direito a pessoa falando comigo. Como era algo muito importante não me impus a necessidade de ligar mais tarde. Acreditei em mim, na possibilidade de armazenar as informações que me foram passadas, endereço, quem procurar e etc. Como o horário destoava e a possibilidade dessa entrevista de fato estar acontecendo era tão surreal de bom, me questionei a todo momento se realmente era às quinze, pois todas as entrevistas que vou são às oito. Parece até que pra testar o candidato. Acredito que minha mente precisava tão desesperadamente de uma justificativa que me fez sonhar com algo justificável e me acalmar.

ANÁLISE DO ENTREVISTADOR: No desenho do sonhador, o uso do espaço é harmonioso, mas com maior concentração de objetos no lado esquerdo da imagem. Muitas linhas retas e espaços regulados com formas mais impessoais. Os traços são simples e precisos e tudo está enquadrado dentro de uma tela como se fosse a moldura de um quadro.

No lado esquerdo inferior do desenho está localizada uma mesa com o equipamento de trabalho típico de escritórios, como computadores e seus periféricos, que aparentam ter sido desenhados com um cuidado maior do que o dedicado aos seres humanos presentes na parte superior da figura. Uma forte presença nesta parte é a ausência de pessoas, as cadeiras ali posicionadas estão vazias, os funcionários não estão trabalhando e esta ausência imprime sua marca.

Na parte superior, estão localizados os personagens e há um movimento desencadeado pelo sonhador ali representado partindo da esquerda para a direita. Estão presentes ainda as explanações que dão conta de situar geograficamente: a localização é na empresa, os personagens envolvidos, que são o próprio sonhador e a pessoa do departamento de Recursos Humanos da empresa, além da situação que é o agendamento da atividade por parte da pessoa do RH em relação ao sonhador através do quadro de horários.

O sonhador ruma em direção ao quadro de horários e à pessoa do RH, simulando um voo. Ao redor de suas pernas há uma espécie de fogo que se assemelha à propulsão de um foguete indo de encontro ao alvo. O voar aqui aparenta relacionar-se com o desejo de transcender, correlacionado ao emprego a ser conquistado ali. O indivíduo está acima de tudo, imponente e poderoso, em direção aquilo que deseja. Não há ninguém que possa pará-lo, ninguém presente fisicamente ali ou qualquer obstáculo em seu caminho. Ele é imparável.

“Meu sonho”

TIPO DE SONHO: Recorrente

SEXO: Feminino

IDADE: 10

ESCOLARIDADE: 5º ano do Ensino Fundamental

CARGO OU FUNÇÃO: Estudante

ESTADO CIVIL: Solteira

OUTROS DADOS RELEVANTES DO SONHADOR: É uma menina cuidada com muita atenção pela mãe e pelo padrasto. Muito vaidosa e desinibida. Conversa

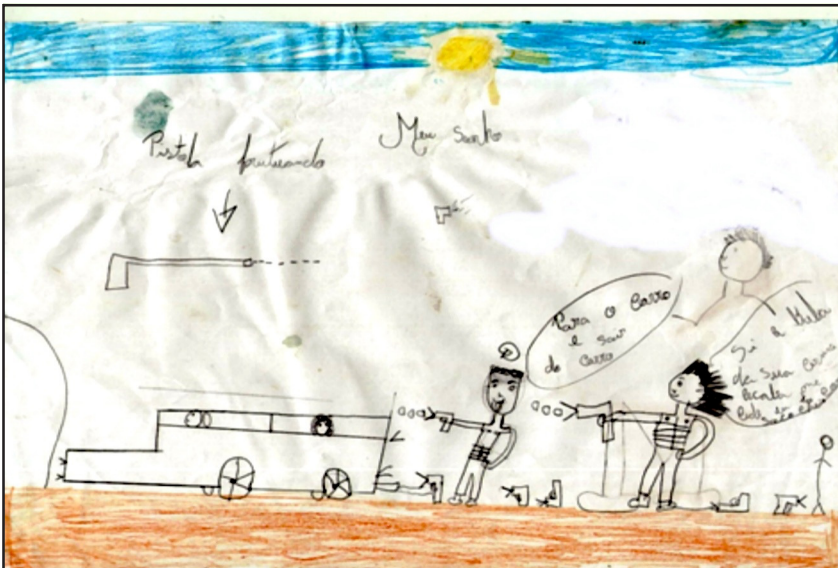
o tempo todo durante as aulas. Quase nunca consegue finalizar as atividades em sala de aula.

NOME DO ENTREVISTADOR: Jussara Teixeira Quarteu

SONHO: Meu nome é Thamires, e eu tenho 10 anos. Um sonho aconteceu há pouco tempo e o outro vem quase todos os dias. O primeiro que veio, o primeiro que acontece quase todos os dias é: eu tô passando de carro com meu padrasto... Eu tô passando de carro com meu padrasto, aí eu também cabo dormindo dentro do carro com meu padrasto e com a minha mãe. Eu dormi dentro do carro, quando eu... eu comecei a sonhar. A gente tava passando um pouquinho pelo um lugar assim sem... Eu dormi no carro, de verdade. A gente tava passando assim pelo um lugar cheio de barro no chão... Aí tinha tipo um... esqueci o nome... tipo um... Qual o nome da... túnel! Tipo um túnel. A gente tava passando, tinha uma porção de bandido segurando a arma aqui... segurando a arma. Pra matar a gente. Um tava apontando pra cá, o outro tava apontando prá lá. Eu acordei nessa hora. Acordei, esqueci isso. Olhando prum lado e pro outro. Aconteceu... acontece quase sempre.

INTERPRETAÇÃO: Minha mãe e meu padrasto estão sempre me orientando pra ter cuidado ao andar na rua e isso fica na minha cabeça. Já fui perseguida por um homem na rua e corri pra dentro de casa.

ILUSTRAÇÃO:



ANÁLISE DO ENTREVISTADOR: Chama a atenção no desenho o grande número de armas que não são destacadas na narrativa oral. Há armas espalhadas pelo chão e até mesmo duas armas flutuando no ar. Não entendi o que as duas figuras trazem no peito e acima das calças, pois estão, ambas, aparentemente sem camisa. Não entendi quem é a figura acima do solo, flutuando no ar. Esta figura flutua no ar, como se fosse um ente superior, um espírito protetor, Deus. Porém, não é citada na narrativa. E, apesar de ser uma situação que desperta medo e insegurança, passa-se num dia ensolarado de céu azul. Não entendi o que está acima da cabeça de um dos bandidos. O desenho revela movimento e é visto pela sonhadora como se ela não estivesse na cena, mas dentro do carro. A insegurança e o imaginário do medo vinculado ao cotidiano de violência com que convive, faz emergir na sua realidade onírica uma situação onde, somente na companhia do seu amigo e protetor, o padrasto, poderia se livrar e ser protegida.

“O cachorro e o garoto”

TIPO DE SONHO: Estranho

SEXO: Masculino

IDADE: 12

ESCOLARIDADE: 5º ano do Ensino Fundamental

CARGO OU FUNÇÃO: Estudante

ESTADO CIVIL: Solteiro

OUTROS DADOS RELEVANTES DO SONHADOR: O aluno ingressou este ano na escola. Transferido para nossa escola, segundo o próprio aluno, por problemas de indisciplina na escola de origem. Esporadicamente se mostra participativo nas aulas, com boa compreensão e autonomia nas atividades. Falta às aulas por dias seguidos, sem justificativas. Por vezes, apresenta comportamento debochado e rebelde em sala de aula. Já chegou a dormir durante a aula, demonstrando cansaço. Explicou, uma vez, que tinha ido a uma festa no dia anterior (durante a semana). O pai e um irmão são falecidos. Mora com a mãe, que é explicadora de crianças (trabalha em casa), um irmão, uma irmã e um sobrinho.

NOME DO ENTREVISTADOR: Jussara Teixeira Quarteu

SONHO: Meu nome é Maikon, tenho onze... doze anos. Foi um pouquinho maluco, mas eu sonhei com esse sonho alguns tempos. Foi com um

cachorro. Quando um cara passou de carro atropelou ele. Eu *tava* passando, quase me atropelou também, quase me atropelou. Atropelou o cachorro. Ele *tava* todo machucado. Aí veio um montão de gente, muita gente. Quando tocaram ele, ficou latindo, latindo. Veio um monte dos *orubu* – até conversaram comigo, eh, mas eu falei, é *orubu* falando comigo, cara! Falando que eu: é... opa! Carne boa! Carne boa! Não os *orubu* falam comigo! Não do cachorro. *Caraca!* Falavam comigo! Eu, que sonho maluco! Cara! Os *orubu* falando: Oh, carne boa! *Bora comê!* Aí foi atacaram, aí eu espantava ele. Aí eu fui peguei ele nu, fui peguei ele, levei pra casa, levei pra casa. Quando eu fui, quando eu fui, levei pra casa. Minha mãe falou: eh, que é isso menino, você matou o cachorro? Eu não, mãe! Não, mãe! Atropelaram, atropelaram o cachorrinho, atropelaram o cachorrinho. Eu quero cuidar dele. Pai leva ele pro hospital. Eu vim aqui pra pedir pra senhora se tem algum dinheiro pra me emprestar, para pagar o veterinário. Eu levei, foi minha mãe que pagou a consulta dele. Quando acordei, eu vi o cachorrinho, o cachorrinho do sonho na rua, andando pra lá e pra cá! Fiz até carinho nele, fiz até *carin* nele! Ih, ah lá! Mas só, se tem vez que acontece, é... mesmo...

INTERPRETAÇÃO: Um cachorro precisava de ajuda e eu ajudei. Só isso. Não tem nada a ver com a minha vida. É só um sonho.

ILUSTRAÇÃO:



ANÁLISE DO ENTREVISTADOR: A imagem retrata um final do dia, pela posição do Sol. Num dia nublado, a criança retrata a imagem de nossa escola como de fato é: uma construção térrea com telhado. Porém, coloca ao seu lado construções incoerentes com o lugar real de nossa escola. Não há, nas redondezas da escola, no bairro, edifícios altos. É um bairro onde predominam casas de no máximo dois andares e, mesmo os edifícios, são baixos. Não há arranha-céu. Em seu momento de sonho realiza uma boa ação, mesmo achando a situação de conseguir ouvir a fala dos urubus muito estranha. Não poderia ser de outra forma, pois é um menino bastante despachado, solidário e consciencioso. Em seu desenho não se retrata com o uniforme escolar e nem mostra a mãe. Chama a atenção o corpo do cão estar no limiar da folha utilizada, sendo um personagem principal, quase não se visualiza. É como se ele estivesse mesmo prestes a desaparecer, dependendo da escolha feita pelo sonhador, que deve decidir entre ser bom e proteger o animal do ataque dos urubus ou ser indiferente e seguir seu caminho. É mesmo assim que se mostra este aluno em nosso cotidiano escolar: ora dedicado e atencioso comigo e com os colegas, envolvendo-se nas atividades em sala de aula com autonomia e companheirismo, ora se deixando levar pelo envolvimento nas chacotas, deboches e conversas que atrapalham o ambiente de sala de aula. Às vezes, basta um olhar meu direcionado para ele, para se desculpar e se envolver novamente nas atividades. Outras vezes, passa o dia inteiro desatento e ensaiando alguma provocação com os colegas.

3.3. O Não-Lugar

“Uma parte de mim”

TIPO DE SONHO: Estranho

SEXO: Masculino

IDADE: 26

ESCOLARIDADE: Superior

CARGO OU FUNÇÃO: Analista administrativo

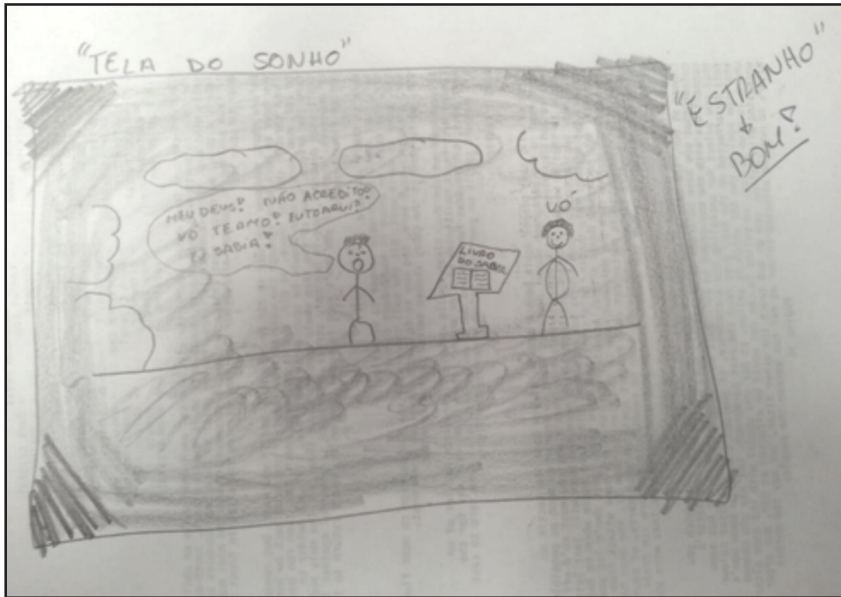
ESTADO CIVIL: Solteiro

OUTROS DADOS RELEVANTES DO SONHADOR: Homossexual

NOME DO ENTREVISTADOR: Lidiane Nunes de Castro

SONHO: Sonhei que eu encontrei com a minha avó quando ela faleceu, que eu conversei com ela e pra mim foi muito real... Logo depois que ela faleceu, conversei com ela como que era lá no céu e ela até me contou tudo. Eu realmente acho que isso é verdade. Pra mim foi uma verdade mesmo.

ILUSTRAÇÃO:



INTERPRETAÇÃO: A minha avó, quando era viva, não sabia tudo que eu fazia. Tinha coisa que ela não via eu fazendo, ela suspeitava que eu fazia. Era aquela coisa, né? Eu fumava cigarro escondido no quintal, e achava que ela não sabia, né? Porque é aquela coisa, vó, mãe, sempre sabe. Eu fumava meu cigarrinho escondido, fazia besteira, saía... Eu dizia que ia pra casa de amigos e não ia. Saía pra boate e prá essas coisas, enfim, que a gente não tem mais necessidade. E quando ela era viva eu fazia um pouco dessas coisas, depois, eu acho que minha avó ficou viva comigo até os vinte e poucos anos e aí, depois, eu não precisei mais fazer isso. Mas muita coisa eu tentava tipo manter longe dela pra proteger, né? E eu tenho um amor muito grande por ela, uma conexão mística, sei lá, nem sei dizer isto. Eu sou cristão, mas eu tenho uma familiaridade com todas as religiões. Eu acredito em um pouco de cada religião. Então eu tenho uma conexão com a minha avó, fantástica, principalmente, com a minha avó materna, com a minha avó paterna

nem tanto, que ela não morava comigo. Mas então, a minha avó materna, que morava comigo, quando ela faleceu foi assim um choque, foi como se tivesse tirado uma parte do meu corpo. E no meu sonho... além de eu sentir muita falta dela e querer reencontrar com ela, porque eu... ficava pensando “*caraca*, eu já ouvi vários relatos de pessoas que sonharam com pessoas falecidas e tal, será que isso vai acontecer comigo?” De fato, aconteceu. Porque, diferente dos outros sonhos, que parece ser um pouco real, esse sonho específico foi tão real, mas tão real, que chega a me dar calafrios quando eu penso nele. Porque, eu não sei explicar a sensação de presença. É que nem, por exemplo, você para pra olhar, pra pensar. Fica parado num lugar e você fala “eu estou aqui”. Pisca o olho, dá um tapa na cara, não sei, mas você tá ali. Foi essa a sensação que eu tive, eu estava ali, eu estava me sentindo ali com a minha avó. E era tudo branco, assim, tudo meio bege, sei lá... E aí ela falou que sabia de tudo, mas que me ama e... quando você chega lá no céu você descobre todas as verdades sobre todo mundo... todos os pecados, todas as verdades, todas as bondades e, enfim, que no final é tudo pesado numa balança pra você poder seguir em frente, como espírito evoluído, sei lá. Foi meio bizarro isso, mas é... O bom foi que eu reencontrei com ela e ela *tava* tipo... Eu pude vê-la, eu pude... Eu acho que eu não cheguei a tocar, mas eu... porque não podia... eu não sei se tinha regras, mas tinha, era bem real. E isso foi o que me deixou mais perplexo. Então, essa necessidade de eu querer encontrar com a minha avó e, e essa preocupação que eu tinha com a verdade, dela saber a verdade, foi uma coisa que motivou o meu sonho. Obviamente, porque era uma coisa que estava me afetando naquele momento, aquele sentimento, aquela ansiedade, aqueles pensamentos que não paravam de rolar na minha cabeça.

ANÁLISE DO ENTREVISTADOR: O ponto central da imagem do desenho está no local em que se encontra o sonhador. Os objetos estão espalhados pela área mais central, mais restritos dentro daquele espaço. Porém, um peso maior é evidenciado no lado direito do desenho através das figuras que desempenham papel importante no relato: o sonhador, a avó e o livro do saber.

O uso do espaço é harmonioso e leve, sem a presença de muitos objetos na imagem. São utilizadas linhas curvas e retas. As nuvens transmitem a sensação de espiritualidade elevada. Há uma tentativa de personalização dos personagens através do cabelo utilizado para o sonhador e o cabelo mais feminilizado utilizado na representação da avó, juntamente com uma silhueta mais arredondada.

O posicionamento do sonhador no ponto central da imagem faz com que o olhar se concentre ali. Ele é o mais importante daquela história. A avó aparece como coadjuvante para dialogar com seus sentimentos, seus pensamentos e crenças.

A avó possui um semblante de alegria e tranquilidade, enquanto ele possui uma expressão de espanto que é corroborada pela fala inserida através de um balão. Primeiramente, ele manifesta surpresa seguida da expressão dos seus sentimentos de amor pela avó. Em seguida, passa para um questionamento da veracidade daquele momento. Para terminar com uma certeza e a afirmação de que ele “já sabia”.

Ao lado do sonhador, que se coloca como detentor do conhecimento – afinal ele já sabia de algo que o sonho apenas comprovou, entre ele e a sua avó –, encontra-se o Livro do Saber. Ele se encontra separado da avó, como se pudesse vê-la, mas não alcançá-la.

O que separa os dois personagens do desenho é o Livro do Saber, como se aquele saber fosse transcendental, separado do mundo real e daqueles que nele vivem e somente através dele seria permitido alcançar a sua avó. O inalcançável apresenta-se perante seus olhos, e ele está paralisado pelo encontro com um turbilhão de sentimentos e pensamentos invadindo o seu ser.

“Medo”

TIPO DE SONHO: Estranho

SEXO: Feminino

IDADE: 30

ESCOLARIDADE: Superior

CARGO OU FUNÇÃO: Analista de Recrutamento e Seleção

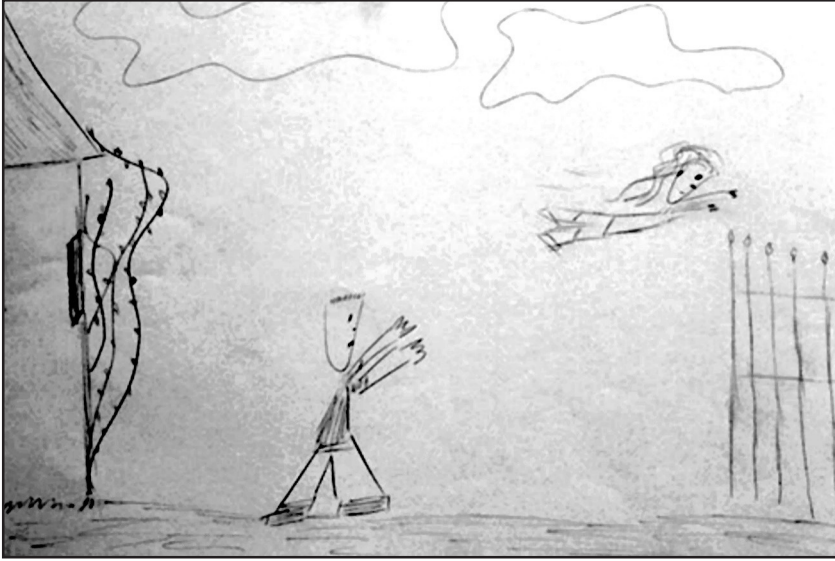
ESTADO CIVIL: União estável

OUTROS DADOS RELEVANTES DO SONHADOR: Homossexual

NOME DO ENTREVISTADOR: Lidiane Nunes de Castro

SONHO: Eu sonhava várias vezes que *tava* sendo perseguida pelo bandido. Então, eu voava e aí tipo pra eu conseguir voar, eu tinha que fazer uma força como se eu tivesse nadando no ar. Isso eu sonhava com muita frequência também. Passando por cima do portão, passando... E eu fazia *mó* *forção*, batendo as pernas assim pra poder... e dando umas braçadas pra poder subir.

ILUSTRAÇÃO:



INTERPRETAÇÃO: Então, nessa época, eu morava lá em Pedra de Guaratiba. E a parte da frente do meu quarto era na parte da frente da casa. A janela do meu quarto era pra frente e tinha uma planta que ficava batendo na janela do meu quarto. E eu morria de medo daquilo. Eu sempre achava que tinha alguém ou que era um espírito ou que era alguma coisa. Então, eu me cagava de medo e vira e mexe eu ficava chamando a minha mãe ou ia pro quarto da minha mãe porque eu não conseguia dormir sozinha. Eu era uma criança muito medrosa. Então esse negócio do bandido passar... De eu correr do bandido, era lá na frente dessa minha casa da Pedra. E aí tem essa situação de voar, né? E agora por que que eu voava no sonho? Muito complicado interpretar isso. Eu não sei porque eu conseguia voar, não sei mesmo. Ah, ah, o fato de eu voar nadando, a questão do nadar, pode ser... Também era uma coisa que eu vivia porque eu, eu nadava quando eu era jovem, nessa época em que eu morava lá, com muita frequência, eu fazia aula de natação. Então tem isso aí do nadar, mas nadar no ar, né? Pra fugir do bandido. Voar nadando... Que difícil isso! Por que que voava, né? Eu não sei, de repente... pode ser que o bandido aí no caso representasse mesmo o medo, né? Porque eu era, eu sentia sempre muito medo, né? Que não era... Poderia ser o bandido, poderia ser espírito, poderia ser qualquer coisa porque eu era muito medrosa, né? Então pode representar o medo e

eu tentando fugir, né? A dificuldade que eu tinha de fugir do... dos meus medos, né? E isso era uma coisa que realmente era, era sinistro, era *punk*. Era o maior sofrimento realmente. Era muito medo que eu passava nessas épocas. Minha mãe que sofreu, tadinha, eu era a mais cagona do planeta inteiro.

ANÁLISE DO ENTREVISTADOR: Há uma forte presença das linhas retas na imagem com objetos espalhados por todo o desenho de maneira fluída. Apesar da perseguição que se desenrola na imagem, os aspectos do movimento transmitem calma e existe uma riqueza de detalhes que demonstra a importância que cada parte possui para a composição do todo dentro da visão da sonhadora.

A cena está situada no espaço entre o portão e a entrada da casa, no quintal, e há um recorte através do enquadramento em que o espaço é o entre-lugar, que não está nem na rua e nem dentro de casa. A rua não é vista, apenas uma parte do portão que indica que ela está presente logo ali, quase palpável para a sonhadora que possui as mãos estendidas em sua direção.

A casa também está presente em parte, apenas como uma espécie de referencial. Pode-se notar a janela apontada para a rua e a planta cobrindo todo o espaço. A nuvem e o chão também estão cortados. Nada se apresenta por inteiro, nem mesmo os personagens, que aparentam ter a cabeça deslocada do próprio corpo.

As faces dos personagens são inexpressivas e o deslocamento da cabeça, que não está conectada ao restante do indivíduo, aparenta que a mente já não comandando o corpo, que segue como se guiado por reações puramente instintivas, como a fuga da sonhadora.

Se os envolvidos não demonstram emoções, elas são provocadas naqueles que contemplam a imagem. Uma espécie de aflição provocada pelo momento congelado na imagem dela ainda não tendo ultrapassado o portão, com o homem seguindo em sua direção. Qual será o desfecho dessa narrativa pictórica? Ela está se afastando cada vez mais dele ou ele está se aproximando mais e mais dela? Será que ela consegue escapar? Haverá sempre aqueles que dirão que o copo está meio cheio, enquanto outros afirmarão que está meio vazio. Neste caso, o desfecho dependerá da interpretação de cada um.

“Voar, voar, subir, subir”

TIPO DE SONHO: Estranho e antigo

SEXO: Feminino

IDADE: 75

ESCOLARIDADE: Ensino médio

CARGO OU FUNÇÃO: Aposentada

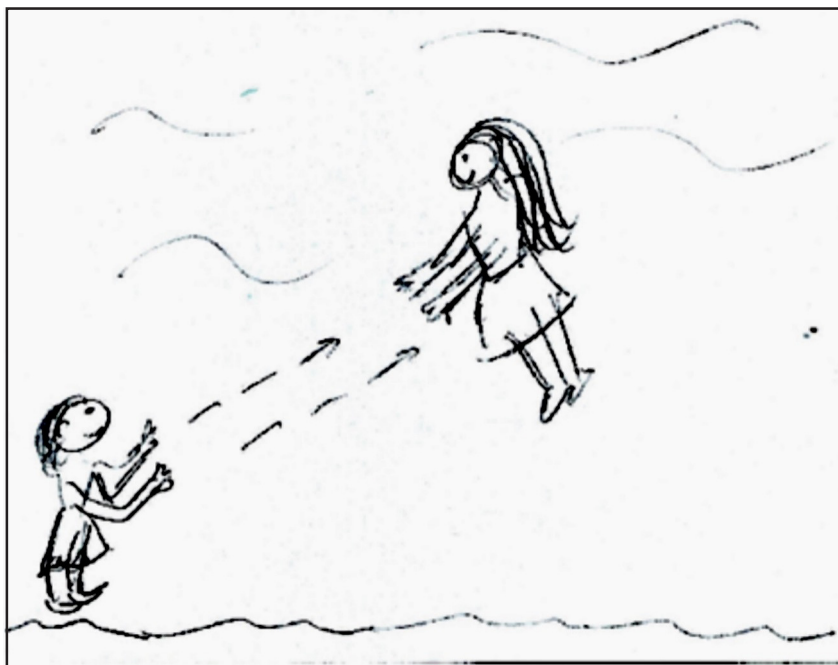
ESTADO CIVIL: Viúva

OUTROS DADOS RELEVANTES DO SONHADOR: moradora de Vila Valqueire; faz atualmente quimioterapia contra um linfoma

NOME DO ENTREVISTADOR: Dayse Tavares

SONHO: Eu andava por um lugar sem nada, sem outras pessoas e sem árvores, plantas, nada. Só tinha uma névoa. E aí eu vi minha mãe acima de mim, voando. Ela estendia os braços para me tocar. E eu estendi também. Aí meus pés começaram a sair do chão, como se eu estivesse plainando. Minha mãe disse: “Vem, filha!” Começa então a me puxar, me deu a mão. E aí voamos. *Tava* muito frio, gelado. Também tinha muitas nuvens.

ILUSTRAÇÃO:



INTERPRETAÇÃO: Eu era espírita quando minha mãe faleceu. Sonhei isso três anos depois de ela ir. Acho que foi um jeito de me dizer que estava tudo bem com ela. Como ela sabia que eu sempre quis aprender balé, acho que voar chega perto disso, desse meu sonho de dançar. Quando a gente dança, parece que voa.

ANÁLISE DO ENTREVISTADOR: Creio que a vontade de voar indique liberdade. Mas não sei se seria um sonho premonitório sobre a doença (se ver livre de uma doença?) que ela viria a ter agora em 2014. Ela diz que sonhou com isso há muito tempo, mas é o único sonho do qual se recorda, o que mais a marcou. E a marcou também pelo fato de que, em sua opinião, voar se parece com dançar (vejam o desenho, no qual parece que ela tira a mãe para dançar, ou vice-versa). Ela sempre quis ser bailarina. Também acho que ela se lembrou justamente desse sonho, porque agora é uma fase em que precisa de sonhos bons e agradáveis para poder enfrentar o dia a dia de luta contra a doença.

“A cozinheira”

TIPO DE SONHO: Estranho e recente

SEXO: Feminino

IDADE: 64

ESCOLARIDADE: Ensino médio

CARGO OU FUNÇÃO: Sem vínculo empregatício

ESTADO CIVIL: Separada

OUTROS DADOS RELEVANTES DO SONHADOR: moradora da Praça da Bandeira; teve câncer de mama recentemente

NOME DO ENTREVISTADOR: Dayse Tavares

SONHO: Foi um sonho estranho. Confesso que não entendi muita coisa. O que eu fazia ali, com aquelas pessoas, se nem sei cozinhar direito? Eu não conhecia ninguém no sonho, mas brincava com eles como se tivesse intimidade. O sonho se passava numa festa. As pessoas comiam muito e eu era quem preparava a comida toda. Ficava na cozinha, cozinhando. Não parava, porque toda hora vinham até mim dizer que a comida havia acabado. E eu mexendo panela, mexendo panela. Eu estava cansada. Parecia sopa, sei lá, era líquido. Eram panelas enormes e cheias, que eu tinha que ter força para mexer. Era uma cozinha que parecia comercial, industrial. Com fogões grandes, várias bocas. As pessoas só vinham

até mim para dizer que a comida havia acabado. Até que eu comecei a sacanear todo mundo. Comecei a botar insetos nas comidas. Eu picava os insetos e espalhava nas panelas. Que nojo! (risos). E mandava as comidas para serem servidas, sem peso na consciência. Só me lembro disso. Não sei como terminou.

ILUSTRAÇÃO:



INTERPRETAÇÃO: Durante a mastectomia, são também retirados da axila os linfonodos acometidos pelo câncer. Dependendo do número de linfonodos retirados, o braço do lado da mastectomia pode apresentar um linfedema, inchaço transitório ou crônico. Para se precaver contra o linfedema, as mulheres devem evitar usar o braço em tarefas do cotidiano que possam envolver força ou movimentos repetitivos. Meu sonho pode ter fundamento aí, já que nele uso os braços para mexer as panelas com muita força e muitas vezes consecutivas, trabalho que seria impossível na vida real que tenho agora. O sonho nos dá aquilo que a realidade nos nega...

ANÁLISE DO ENTREVISTADOR: A sonhadora se vê como uma mulher forte ou que quer parecer forte, tanto que desenhou uma super-heroína, o oposto do que realmente ela pode ser hoje em dia, fisicamente falando. Seus braços já não podem mais fazer tanta força, como mexer panelas e pegar pesos. Então ela se vê, no sonho, como algo que não é na vida real. No sonho há também a figura da bruxa, que coloca insetos na sopa para que os outros comam. Penso que poderia se tratar de uma forma de vingança contra o mundo. Talvez a sonhadora, com seu problema de saúde, se sinta injustiçada. É aquela questão: Câncer? Por que logo comigo? Aliás, talvez na opinião dela, para se vencer a doença seja preciso se transformar numa super-heroína, como a do desenho.

“O caixão”

TIPO DE SONHO: Recorrente

SEXO: Feminino

IDADE: 10

ESCOLARIDADE: 5º ano do Ensino Fundamental

CARGO OU FUNÇÃO: Estudante

ESTADO CIVIL: Solteira

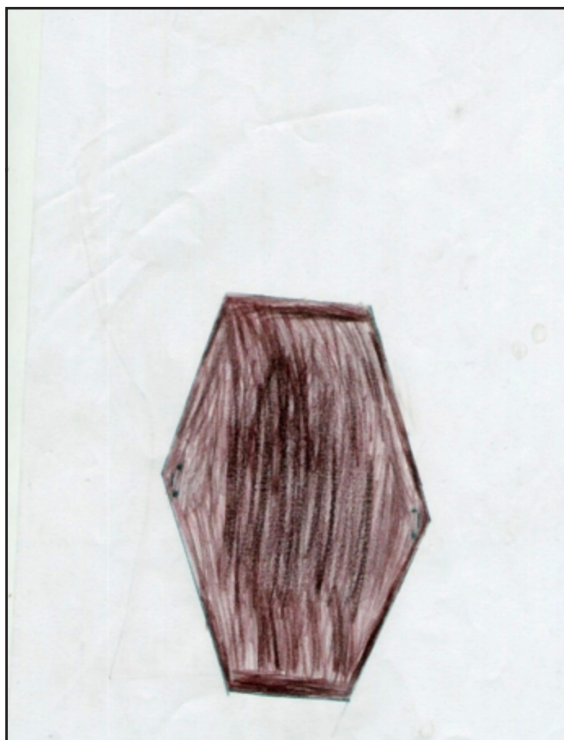
OUTROS DADOS RELEVANTES DO SONHADOR: A aluna é muito falante! Conversa tanto que fala até sozinha. Na maior parte das vezes não são assuntos referentes ao que está ocorrendo em sala de aula. Muitas vezes chega a incomodar os outros alunos do seu grupo que lhe pedem para calar-se. Filha de pais separados, mas com bom relacionamento entre os mesmos. Ora dorme na casa do pai, ora na casa da mãe, dependendo dos compromissos de cada um deles. Passa muito tempo sozinha em casa.

NOME DO ENTREVISTADOR: Jussara Teixeira Quarteu

SONHO: Eu *tô* deitada na cama, quando eu *tô* dormindo, né. Eu *tô* indo lá pra casa da minha tia. Lá vai ter uma festa. Quando eu estou chegando lá, *tá* todo mundo brincando, *tá* todo mundo lá no prédio. Lá no prédio.... Demora um pouquinho, demora... Quando chega a noite, chega um monte de cara trazendo um caixão. Caixão grandão, *tá*? É homem. Adultos. Jeans, short normal... Quando eles chegam, botam lá o caixão em cima da escada... Eles botam, demora um pouquinho, pegam o caixão. Botam assim, né, eles pegam aqui, eu *tô* aqui, aí eu fico só olhando... De repente, abre... sai uma menina. Eu esqueci, né... Eu esqueci, porque faz tempo... assim...mas é recorrente... Eu acho, ou o cabelo dela

é loiro ou é preto, eu acho que é preto. Ela está toda de branco. É uma menina pequena. Batia aqui ela, eu acho. Seis anos. Aí ela corre atrás de todo mundo... Querendo pegar todo mundo, que nem um fantasma... Pegar, pegar, pra pegar medo, só que não pega. Eu saio correndo, pra pegar todo mundo... Todo mundo fica correndo, e eu fico com muito medo. Antes do... eu acho que o controle dela acaba, porque antes dele acabar eu acordo. Eu acordo calada. Calada, assim. Sem expressão. Não tá feliz nem tá triste. Tá normal. Aí quando ela sai de dentro do caixão, quando abre o caixão, ela tá com um sorriso. Hã, hã, eu falei esse sonho pra minha mãe, há pouco tempo. Eu falei assim... eu lembrei da minha irmã que morreu. A Laura, o nome dela. Nasceu em 2012. Não. Só foi agora que eu fui lembrar. Eu sempre lembro. Não, eu *tava* conversando com a minha mãe e fui eu que fez essa relação com a minha irmã. Se repete. Sempre da mesma maneira. Só que aí ó, a menina é pequena. A menina é pequena e o caixão é grandão! De adulto. É. E assim, só que de verdade, assim, a minha irmã, ela tá num caixão bem pequenininho, de criança. Mas eu chorei muito quando ela morreu.

ILUSTRAÇÃO:



INTERPRETAÇÃO: O sonho representa a lembrança da minha irmã que morreu.

ANÁLISE DO ENTREVISTADOR: É impressionante como o tema da morte surge na maioria dos sonhos relatados por um grupo de crianças, sempre sugerindo uma relação estreita com a vida cotidiana. A menina desenhou sua experiência onírica apenas com o objeto que mais significado tinha no episódio: um caixão de adulto para um corpo infantil, um recém-nascido de breve vida. Mas o imaginário do medo denota poderes a esse defunto que, estando vivo, vem “pegar” a menina para o lugar do desconhecido.

4. Matéria dos sonhos projetados

*Há de haver algum lugar, um confuso casarão,
onde os sonhos são reais e a vida não*

Chico Buarque de Holanda e Edu Lobo.

*Os sonhos do acordado são como os outros sonhos,
tecem-se pelo desenho das nossas inclinações
e das nossas recordações.*

Machado de Assis.

4.1. Desenho do projeto

Nesta pesquisa, como nos versos acima, a casa é o abrigo dos sonhos despertados nas imagens desenhadas de memórias individuais, prontas para serem combinadas e, assim, alcançadas por uma compreensão deste coletivo. Em geral, paira ainda uma certa desconfiança sobre o interesse de pesquisas acadêmicas por temas como sonhos e desenhos. Na origem dessa sensação, deposita-se a baixa credibilidade que sofrem por suas características em desajuste com os ditames da racionalidade, preservados e transmitidos no longo inventário das ciências sociais. Isto prontamente se explicita quando se recorre aos sonhos e desenhos como imagens, sempre em débito com as palavras que, com exclusividade, apoderam-se das reservas de sentido. Tal convicção é sedimentada em fases sucessivas movidas pelo apoio da tendência, cada vez mais contestável, em associar o texto à cultura, enquanto a imagem reproduziria a natureza da percepção (NOVAES, 2008).

De tais condições, extremamente favorecidas por essas análises, brota a suposição que confere à linguagem lugar superior à percepção pura e simples. Acata-se esta premissa para se distinguir expressões de linguagem de imagens, associadas a meras manifestações fisiológicas como “olhar sem ver”. Não se identificam, pois, no fato de perceber, traços variados, diferentes de revelações orgânicas ou imediatas. Ignora-se,

assim, a condição inerente à percepção como uma prévia tradução das coisas, já vertidas por suas regras para quem as observa.⁷

Como sonhamos com imagens, por extensão, resvala para os sonhos aquela desconfiança que já lhes foi depositada, exigindo a intervenção da ordem discursiva para descolar os sonhos do seu silêncio, fazendo lembrar, sempre que se repete esse processo, a grande influência do modelo interpretativo proposto pelas teorias psicanalíticas. Quando recriamos os sonhos e os contamos, combinamos as imagens mentais da expressão etérea com uma narrativa, que lhe dá forma e sentido. Eventualmente oral ou escrita, a narrativa se expressa segundo pareceres do *como, quando, onde, por quê, de que forma* tudo acontece.

Comparando-se esta pesquisa com outras sobre sonhos, acompanha o seu começo inovador a decisão de incluir os desenhos. Sucedem-se, desde então, desdobramentos imprevisíveis, quando por força própria, em dispensa a consultas prévias a regras metodológicas, essas imagens se impõem como protagonistas da pesquisa e assumem a referência para orientar a sistematização de conjunto dos sonhos. Essa mesma potência imagética impulsiona a pesquisa para o confronto com situações inusitadas, que se seguem à comparação entre os traços gráficos dos sonhos com as suas descrições textuais. Como guias, as imagens traçam o percurso inesperado desta aventura onírica, a todo momento requisitando consultas a tantos outros mapas teóricos, reunidos para além dos seus limites disciplinares no auxílio à busca de novas passagens.

4.2. Casa onírica

Reconsiderando os desenhos como ponto de partida da análise, então, é possível traçar coordenadas que facilitam uma prévia orientação no trânsito entre os sonhos dos entrevistados. Esta ocasião mostra-se providencial para configurar uma espécie de “planta baixa dos sonhos”, seccionada em três partes, configuradas a partir da descoberta das dimensões espaciais condicionadas pelos próprios sonhos, somente apreciadas quando expostas pelos detalhes gráficos dos seus desenhos: *casa, rua e não-lugar*.⁸ Conquistas consideráveis da operação analítica posta em prática,

7 [...] a percepção é antes de tudo um ato e [...] a imagem que dela resulta é muito mais o efeito do que o reflexo da própria coisa”. (WIDLÖCHER, 1971, p. 65)

8 Ver nota 4 do capítulo 2, “Planta Baixa dos Sonhos”, sobre a divisão dos sonhos pelo “tom vital”.

que, no entanto, não desfazem a atração pela imagem da casa, reposicionada como destaque nesta pesquisa. Centralidade aferida pelos dados quantitativos, que a indicam em maioria nos sonhos,⁹ confirmando com números a sua já decantada condição de referência de moradia, de espaço vital, de ponto de encontro posicionado entre o interno e o externo, de interação entre o pessoal e o social.

É porque vive em nós uma casa onírica que elegemos um canto escuro da casa natal, um aposento mais secreto. A casa natal nos interessa desde a mais longínqua infância por dar testemunho de uma proteção mais remota. (BACHELARD, 1990, p. 80)



Atendo-se às demarcações próprias do setor *casa*, como se registrou na “planta baixa dos sonhos” (Capítulo 2), qualifica-se a análise comparativa dos desenhos para explorar as suas variações gráficas, ditadas pelos diferentes modos da *casa* se relacionar ora com os seus espaços

internos, ora com os que lhe cercam. Com linhas dispostas sobre o papel, segundo o modelo mais comum de desenhá-la, a imagem da *casa* aparece fechada, com paredes opacas, protegida do exterior, edificada sobre uma linha horizontal que a sustenta com a segurança que, por exemplo, expressam os desenhos dos sonhos “*Antepassado*” (acima) e “*Borboletinha dourada*” (dir.). Cerradas em suas imagens, as *casas* são mantidas à distância, como um objeto de desejo, ou então contempladas na perspectiva de voo, como o da borboleta



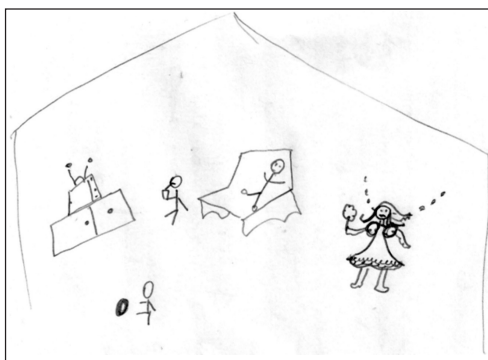
9 Neste livro, no capítulo “Planta Baixa dos Sonhos”, é apresentada a quantificação dos sonhos, sendo os com casa citados em maioria com relação aos demais.

– curiosamente visualizada apenas no desenho, sem direito a ser mencionada na descrição. Trata-se de uma casa hermeticamente fechada, protegida, imaculada, ainda sem pontos de contato nem com as suas entranhas e nem com a vastidão externa.

Com portas e janelas abertas, outros desenhos de sonhos de *casa* concedem permissão para se olharem cenas que transcorrem na sua intimidade. Vistas por olhares invasivos e ameaçadores, posicionados do lado de fora, rompem de modo radical com a segura dialética entre interior e exterior, de posse apenas de seus moradores quando contemplam das suas janelas a imensidão do mundo.

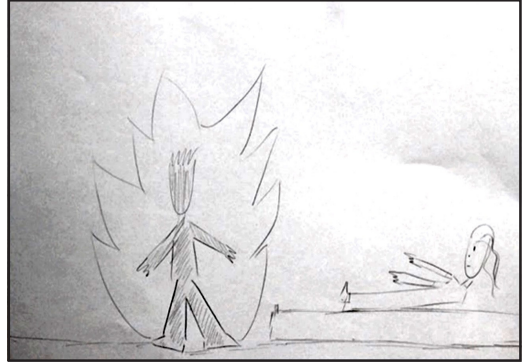
A casa dá ao homem que sonha *atrás* de sua janela [...] o sentido de um *exterior* tanto mais diferente do interior quanto maior a intimidade de seu quarto. Parece que a dialética da intimidade e do Universo é especificada pelas impressões do ser oculto que vê o mundo na moldura da janela. (BACHELARD, 1990, p. 89)

No desenho do sonho “*Dia do meu casamento*” (dir.), a cena interior é emoldurada por linhas dispostas geometricamente à semelhança de um modelo tradicional de casa com telhado projetado para o alto. Delimitados por esses contornos, que muito lembram as cortinas descerradas do teatro, os desenhos relatam ações próprias do cotidiano familiar em contraste com a imagem incomum da noiva. Esta se posiciona no canto da sala, e o seu pranto confunde-se com elos de uma corrente fixada acima da sua cabeça, pronta para sufocá-la, transmitindo visualmente a tristeza daquele instante de rompimento com a *casa*.



Da sala, os corredores da *casa* conduzem aos quartos, dos seus cômodos o mais secreto, onde se abrigam os mais íntimos, perigosos e devastadores segredos, prontos para implodirem a sua imagem de segurança. No sonho “*Me salve*” (página seguinte), este aposento tem a sua imagem registrada na superfície do papel com o desenho de um colchão, traçado a partir de simples linhas interrompidas em disposição retangular,

que sustentam a figura de um corpo em movimento de se levantar. De frente para este, figura um outro corpo, preenchido com rabiscos e contornado com linhas que lembram labaredas, insinuando ao mesmo tempo calor e perigo, como a ambígua atração sexual descrita no sonho.



Portas e janelas, em outras circunstâncias, apenas se entreabrem para encontros do dentro com o fora, sem expor totalmente o íntimo da casa, envolvendo uma espécie de zona intermediária de contato, caracterizada mais como transição, limiar, do que como impedimento ou fronteira.¹⁰ Portas e janelas comportam-se como imagens ambivalentes que confundem a direção, ora abrindo-se para a intimidade recôndita, ora para os encontros provindos do mundo externo. Essa condição é refletida quando Bachelard situa a imagem da porta como ponto de partida dos devaneios que marcam as dimensões íntimas e públicas da vida.

O homem é aberto apenas parcialmente... A Porta! A porta é todo o cosmos do parcialmente-aberto. É sua imagem primitiva a origem de um devaneio em que os desejos e as tentações se acumulam, tentações de revelar as dimensões mais profundas do ser, desejo de conquistar todos os seres reticentes... E, então, para que e em direção a quem se abrem as portas? Abrem-se para o mundo dos homens ou para o mundo da solidão? (BACHELARD, 1961, p. 200-201)

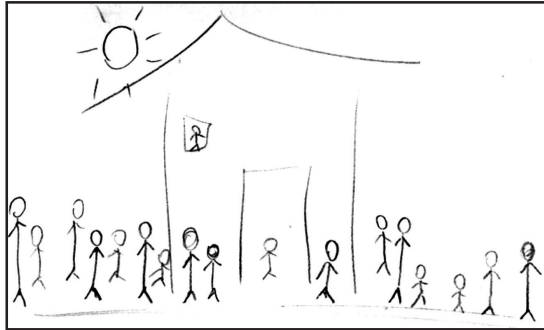
Outras ambivalências destacam-se também dessas imagens, quando em vez de lugar de passagem, elas se fecham e passam a impedi-la. E, mais uma vez, a porta é destacada como fonte para se pensar as relações dinâmicas do abrir e fechar; do autorizar e impedir:

10 Portas, janelas e quintais não são limites (fronteira; *limes*, *limitis*; *Grenze*), mas limiares (soleira; *limen*, *liminis*; *Schwelle*), pontos de transição e não de oposição (GAGNEBIN, 2014, p. 36-37).

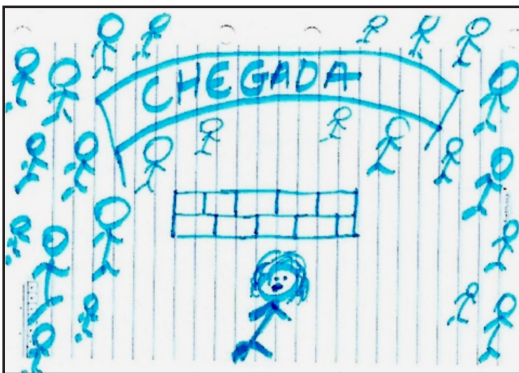
É que a porta é uma figura da abertura – mas da abertura condicional, ameaçada ou ameaçadora, capaz de tudo dar ou de tudo tomar de volta. Em suma, é sempre *comandada por uma lei* geralmente misteriosa. (DIIDI-HUBERMAN, 2010, p. 234)

Nos desenhos dos sonhos sonhados com *casa*, detalhamentos gráficos expressam reações afetivas às visitas que lhe chegam da *rua*, sempre recebidas nestes espaços de mediação em tom de ameaça.

Com traços de contornos semelhantes aos do desenho do sonho “*Dia do meu casamento*”, mas sem paredes transparentes, e sim opacas, caracterizando, justamente, a particularidade desse novo tipo de mediação entre o interno e o externo,



é desenhada a *casa* pelo sonhador do sonho “*Invasão*” (acima). Na porta e janela, típicas zonas limiaries de contato, posicionam-se os defensores da *casa*, prestes a ser invadida pela multidão de bonecos, concentrados do lado de fora e apenas diferenciados entre si pelas suas alturas.



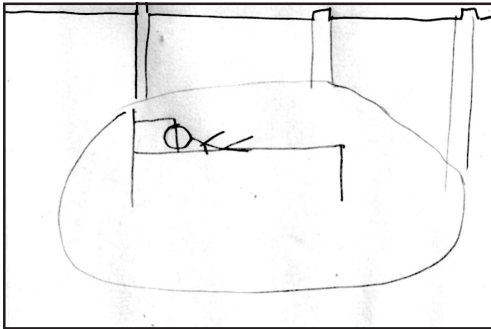
Este recurso gráfico é retomado em outro sonho, “*Raízes profundas*” (esq.), para indicar a multidão que se encontra também fora do espaço da *casa*, em contraste com os traços singularizados que destacam o indivíduo em competição com o coletivo anônimo.

Mas nem só da *rua* chegam as visitas e ameaças às *casas* nesses sonhos. Provêm igualmente de espaços desterritorializados, sem referência a qualquer base material, por isso identificados nesta pesquisa como *não-lugar*. No desenho do sonho “*Livramento*” (página seguinte), a figura de uma pessoa é

sobreposta a uma superfície toda rabiscada dentro de limites que traçam uma capa com formato de asas, ilustrando a descrição do sonho com uma imagem assustadora, impedindo a passagem para o interior da casa.¹¹ Surpreende, como ela se mostra no desenho mesmo estando invisível,¹² como se a figura impusesse medo aos seus moradores do limiar da sua porta.



Outras visitas do *não-lugar* são recebidas pela *casa* nos sonhos, e



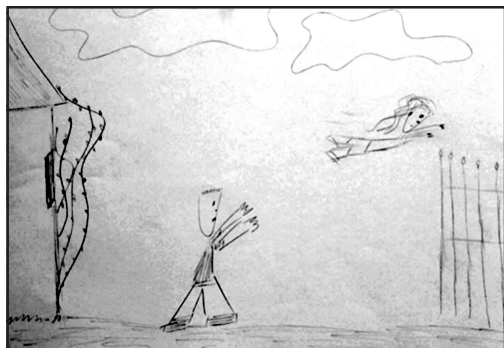
acontecem, mais uma vez, nesses espaços intersticiais, entre o interior e o exterior. No sonho, “*Meu avô*” (esq.), o retorno do falecido acontece dessa feita no quintal, identificado no desenho com a figura do círculo, tendo ao fundo as colunas de sustentação da casa.

Na linguagem gráfica dos sonhos é, portanto, possível distinguir os modos de relacionamento da *casa* com outros lugares, quando sucedem nos seus espaços de abertura para o mundo: janelas, portas e quintais. Bonecos reunidos como uma multidão caracterizam graficamente o seu contato com o espaço externo da *rua*, enquanto aparecem isolados e em situações inusitadas, voando com capa ou dormindo o sono dos mortos, quando associados ao espaço do *não-lugar*.

Nesse desenho, o do sonho “*Medo*” (página seguinte), título que encerra o sentimento que marca a maioria dos encontros entre a *casa*

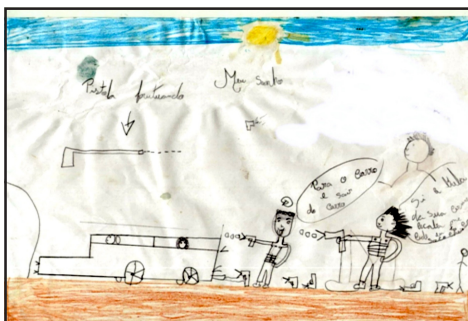
11 Trecho da Narrativa do sonho pelo entrevistado: “Mas, quando eu entrava para falar com ele vinha um homem de capuz preto e de capa preta que me impedia de entrar na casa. Ele vinha flutuando e eu colocava minha mão na frente, e a minha mão encontrava com a mão dele. Eu só via o bigode dele, eu sentia a mão dele seca, tipo uma caveira mesmo e eu chamava muito o nome de Jesus.”

12 “Figure porte absence et présence” (Pascal)

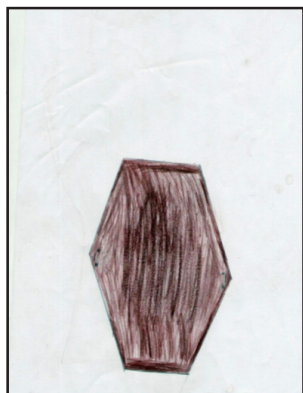


onírica e os outros lugares, a cena se repete com o desenho de um voo ocorrendo no espaço limiar, numa faixa de terreno entre a *casa* e o portão da *rua*. Nas figurações dos espaços externos da *rua*, sem a presença e mediação da *casa*, são desenhadas estradas, automóveis, ambientes

internos de trabalho e prédios. Ambientam-se, também, nesse cenário onírico exterior à casa, narrativas gráficas de extrema violência, com armas de fogo empunhadas em disparo numa ação de assalto, ou mesmo ramificando em quantidade sobre a terra. Além dessas aparições, as armas são potencializadas pela capacidade de voarem, riscando os céus com trajetórias de tiro, e reforçada por uma seta indicando a sua identidade, para que não restem dúvidas quanto à sua representação. Na autoria dessa narrativa gráfica de extrema violência encontra-se uma menina de apenas dez anos de idade, cursando o quinto ano do Ensino Fundamental (*“Meu sonho”*, dir.).



Nas correspondentes ao *não-lugar*, são criadas imagens de encontro com pessoas conhecidas, mas já falecidas, em ambientes carregados de nuvens ou vazios, visitado pela imagem sem asas em voo. Ou então, é desenhado o caixão, isolado, sem nenhuma localização espacial, com um vulto de pessoa transparecendo sob a sua tampa cerrada (*“O caixão”*, eq.).¹³



13 Os desenhos desses sonhos estão nas séries “rua” e “não-lugar”, no capítulo deste livro intitulado “Planta baixa dos sonhos”. Os desenhos reproduzidos correspondem, respectivamente, aos dos sonhos *A vida é uma estrada*, *Sonhos de um caçador*, *Meu sonho* e *O caixão*.

4.3. Montagens oníricas: texto e imagem

Outros horizontes se abrem para a pesquisa quando as descrições textuais e os desenhos dos sonhos são postos em correspondência, acirrando ainda mais as dúvidas sobre a pretensa subalternidade da imagem ao texto. Colocando em prática o reconhecimento do potencial de linguagem da própria imagem, ela é capaz de nos dizer algo que os textos talvez ignorem.¹⁴ Correlacionados entre si, passíveis de tantas combinações quanto forem possíveis, ao modo de uma montagem continuada, sem pretensões de suprimir as suas diferenças, texto e imagem não se prestam mais um ao outro como legenda ou ilustração.¹⁵

E não há motivos para não reconhecer o instante, quando se requisita aos entrevistados desenharem seus sonhos, como responsável por mais este convite lançado no percurso desta pesquisa para se aventurar pelas complexas redes tramadas entre texto e imagem. Com as imagens dos sonhos projetadas nas imagens dos desenhos, revelam-se sentidos que não foram de todo articulados nas suas descrições textuais. E, justamente nesta fronteira entre o escrito e o desenhado, surgem oportunidades para se reconsiderar a suposta subordinação da imagem ao texto, sustentada na premissa inicial que julga a percepção inferior à linguagem, em subserviência ao que preza a velha dicotomia entre natureza e cultura.

Dos sonhos arrolados, evidencia-se o de nome “*Escolhas*” (dir.), por trazer à reflexão a oportunidade de constatar as peculiaridades envolvidas na montagem proposta entre o texto e imagem. Na fase



do relato, a *corrida de cavalo* é imaginada contra um adversário sem rosto, o que é não é incomum nos sonhos com figuras humanas. Outro

14 “De modo cada vez mais frequente, as imagens vêm sendo estudadas como forma de linguagem”. (NOVAES, 2008, p. 457)

15 Eisenstein (2002, p. 14) sugere a possibilidade de aplicar o conceito de montagem para além do cinema. Suficiente, para tanto, deparar-se com qualquer efeito produzido por justaposição.

aspecto, também reiterado diversas vezes, é a sensação fragmentária ocasionada pelo enredo inconcluso e falta de encaixes narrativos. Muitos sonhos combinam situações que não se complementam, como na cena da corrida de cavalos que, sem chegar a acontecer, é interrompida pela das crianças. Mas, a surpresa maior é reservada para a fase gráfica do sonho, quando só então surge a imagem da *casa*, ausente, anteriormente, da narrativa onírica, centrada na trama da *corrida em um campo de futebol*, invadido, de maneira súbita e inesperada, pelas crianças. A imagem da *casa* compõe a cena de uma paisagem bucólica e colorida. Em contraste, a apresentação do cenário urbano mobiliza tons em preto e branco, delineados com traços de arranha-céus retorcidos, apontando para nuvens carregadas que os mergulham em intensa chuva. Dividindo as duas cenas oníricas, a imagem do sonhador, caminhando em direção ao seu local de trabalho, identificado pela pasta empunhada em suas mãos, sob um ostensivo sinal de interrogação.¹⁶

À maneira de um hieróglifo japonês que, de acordo com o cineasta Eisenstein, segue o princípio da montagem (*apud* MICHAUD, 2013, p. 327), combinam-se duas representações, correspondentes a objetos distintos, para produzir uma terceira, de outra natureza: a associação de uma faca com um coração significa “tristeza”. No caso, a tristeza de partir de casa.

Como neste, em outro sonho, “*Angústia*” (página seguinte), repete-se o mesmo tipo de relação não referencial entre texto e imagem. O núcleo da narrativa onírica, que versa sobre a *viagem a trabalho do marido* e a sua participação – *vestido de homem de ferro* – em um embate transmitido ao vivo pela televisão e assistido pela sonhadora e sua sogra, está ausente na imagem desenhada. Nesta, o sonho é projetado

16 A inscrição de um título acima da imagem remonta à literatura do barroco e sua prática de combinar elementos textuais com visuais como sucede, por exemplo, com o *emblemata*. Neste caso, a imagem (*pictura, icon, imago* ou símbolo) é encimada por um curto título, *inscriptio*, tendo abaixo o *subscriptio*, que via de regra interpreta a imagem, concluindo com um aconselhamento comportamental em forma de epigrama. Como “a palavra diz mais do que é possível ver na imagem e a imagem mostra mais do que é explicável pela palavra”, essa relação, da imagem com os textos, inscritos e subscritos, se confirma inesgotável e contingencial, como reforçado aqui com a ideia de *montagem*. “Toda essa longa tradição integrativa do texto e imagem, como também a tradição da poesia oral e cantada, se desfaz basicamente no século XVIII, ou seja, junto com a diferenciação social e sua ênfase no livro textual [...]” (KORFMANN, 2008).

em cores, e faz sangrar um grande coração vermelho cravado por uma faca de lâmina amarela e cabo azul. O desenho da faca expressa o comportamento, já indicado por Bachelard (2001), da imaginação onírica sobrepondo seus aspectos dinâmicos aos formais.¹⁷ Na ordem dos sonhos, a imaginação do movimento antecede a percepção das imagens, e imprime nos contornos delineados do desenho, antes de qualquer motivo de representação do objeto percebido, o seu princípio de mobilidade.



Etéreas e leves, por exemplo, as imagens de asas, ventos e nuvens, constantes na figuração dos sonhos, são formas mais do que apropriadas para a imaginação do movimento se expressar com os seus corpos flutuantes. Com a imagem da faca, dinamizam-se outras potências na sua forma pontiaguda e cortante, dissimulada, como num passe de mágica,¹⁸ como talher ou arma¹⁹ – características que se prestam com perfeição ao embate apresentado no sonho entre o perigoso espaço da *rua*, no caso, ilustrado pelo ambiente de trabalho, propício à valorização da faca como arma, e o hospitaleiro ambiente da *casa*, onde a faca é usada como talher.

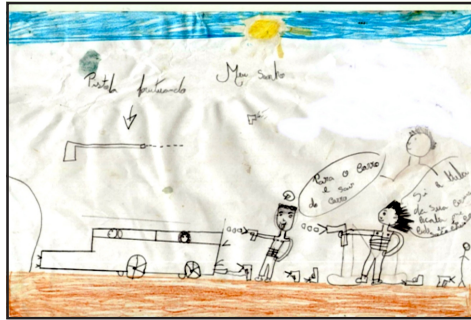
17 Em Bachelard (2001), o sonhador antes de ver as imagens, imagina os movimentos: “é o movimento que cria a visão”. A imaginação onírica é mais dinâmica do que formal. As substâncias dessas imagens carregam consigo os seus princípios. O princípio da mobilidade é imaginado com imagens como o vento e as nuvens, que são substâncias leves e entregues ao movimento. No “reino da imaginação dinâmica”, as “formas redondas e móveis” embalam em tranquilidade o sonhador, “sem nada que perfure ou que corte”, como a faca no relato e desenho desse sonho sonhado (BACHELARD, 2001, p. 44)

18 No relato do sonho, mostrado no capítulo *Planta baixa dos sonhos*, aparece a figura do mágico manipulada pela sonhadora, que dissimula a sua intenção dizendo querer entregar a faca para o número do artista quando na verdade a quer fazer chegar como arma ao seu marido, para ajudá-lo no combate.

19 Na descrição deste sonho essa perspectiva dissimulada da faca é acentuada quando ela se faz chegar às mãos do seu marido por um mágico.

4.4. Desenho onírico

Observando os traços dos desenhos de sonhos, voltam-se as atenções para as suas características infantis, presentes mesmo naqueles realizados por adultos. Presta-se, para esta observação, comparar os demais desenhos dos sonhos com os dois únicos realizados por crianças, respectivamente com dez e doze anos: “*Meu sonho*” (dir.) e “*O cachorro e o garoto*” (abaixo).



Em busca de mais esclarecimentos, encontrou-se em Luquet (1969) referências à classificação de fases do desenho na infância, que costumam não se renovar com a chegada das idades mais avançadas.²⁰ Os desenhos dos nossos sonhadores adultos são, por esse suposto sistema, classificados como típicos da fase infantil do realismo intelectual, assim caracterizada pela incapacidade dos seus traços representarem como de fato as



coisas são percebidas, o que só vem a acontecer na fase do realismo visual.²¹ Retoma-se, nesta insuficiente concepção negativa do desenho infantil, a crença na pura manifestação fisiológica da percepção, ao se considerá-la ainda prematura na infância para a perfeita representação da realidade. Depara-se, mais uma vez, nessa

classificação deficitária do desenho infantil, com o mesmo ponto de partida que autoriza a subordinação da imagem ao texto. Dessa feita, não se presta como justificativa para desacreditar no sentido próprio da

²⁰ De acordo com Widlöcher (1971), somente o adulto artista desenha.

²¹ A fase do realismo intelectual começa por volta dos quatro anos de idade e estende-se até os doze anos, quando se inicia a etapa do realismo visual.

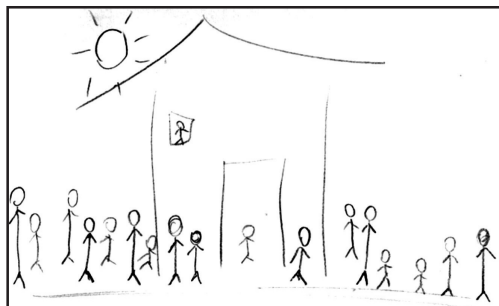
imagem, mas para ignorar os traços gráficos que ainda não alcançaram a perfeição da figura em perspectiva, capaz de reproduzir o real tal como se crê percebido.

Ao interpretar este aspecto deficitário do desenho infantil, eles nem sequer supunham que ele pudesse depender de intenções diferentes. Supondo na criança o mesmo objetivo que tem o pintor [considerando o princípio realista da representação plástica], as deficiências não podiam provir senão de um certo número de faltas: falta de habilidade motora, de atenção, de estabilidade, etc... Sem dúvida, essas deficiências contam bastante, mas daí não se segue que o estilo dos desenhos das crianças delas dependa exclusivamente. (WIDLÖCHER, 1971, pp. 64, 65)

Essas deficiências continuam sendo observadas e valorizadas, quando o próprio Luquet (1969) sistematiza os recursos gráficos próprios da fase do realismo intelectual do desenho. Indiferente a vê-los como soluções aos desafios inerentes às dificuldades enfrentadas para a projeção da imagem na superfície plana do papel, esquemas, rebatimentos, transparências e múltiplos pontos são avaliados e classificados pelo metro da evolução que alcança o realismo visual com o domínio das técnicas de perspectiva.²²

Sem insistir em entender o desenho infantil apenas como a fase inicial de um processo em constante aperfeiçoamento, a partir de desenvolvimentos fisiológicos e aquisições técnicas, Widlöcher (1971) rejeita as razões que estruturam o edifício conceitual projetado por Luquet (1969). Em atenção à transparência, recurso empregado nos desenhos infantis e, nos dos sonhos desta pesquisa, nas ilustrações dos sonhos *“Dia do meu casamento”* e *“Meu avô”* (ambos à página seguinte), é possível resumir e reaproveitar o conteúdo dessa crítica.

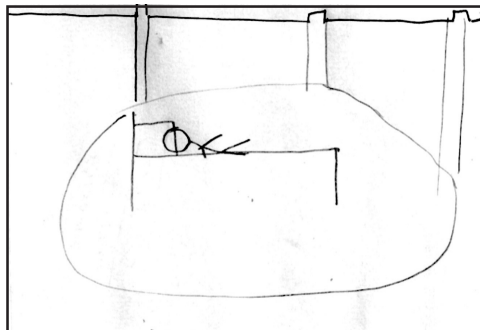
²² Esquemas, rebatimentos, transparências e múltiplos pontos são diferentes processos empregados no desenho da fase do realismo intelectual, referentes ao espaço topológico diferente do perspectivo, que já foi apropriado pelas leis euclidianas, equivocadamente consagrado, da Renascença até o Impressionismo, como a representação fiel da realidade espacial em si, em completa ignorância do seu caráter meramente histórico e convencional.



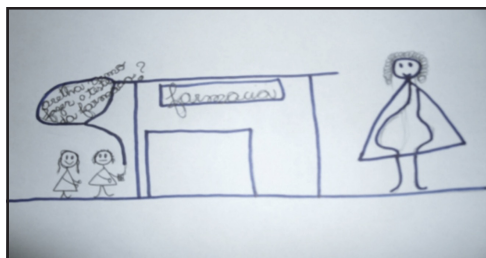
Nessas duas fachadas de casas são projetadas imagens do que se sucede ou se localiza no seu interior, como a negar a diferença entre os espaços de fora e o de dentro.

Em outro desenho, o do sonho “*Vontade de ser mãe outra vez*” (abaixo à esq.), a

barriga da grávida, que, aliás, não deixa de ser uma casa, transparece sob o vestido. O recurso gráfico da transparência, ao permitir o aparecimento simultâneo do interior e do exterior, contradiz os ditames lógicos e perceptivos que os confinam em momentos sucessivos e diferentes. Na pressa de se submeter o desenho infantil às relações projetivas e euclidianas, considerando as distâncias, coordenadas e perspectivas, atém-se somente à sua pretensa imperfeição, a ser superada no desenrolar natural do processo evolutivo.



Ao se livrar deste peso da aparência visual, a transparência, a que recorrem crianças e adultos quando desenhavam, deixa de ser equívoca para reconfigurar as regras do olhar. Desenhando no papel imagens antes retidas nos seus sonhos, os adultos podem deixar de vê-las como o adulto “que vê os objetos em transparência, uns distintos dos outros e suscetíveis de entrar em experiências sucessivas – casa vista de fora, móveis dispostos dentro de



uma casa, mas que poderiam estar em qualquer outro lugar, loja, catálogos, etc.” (MÈREDIEU, 2006, p. 23-24).

Para se olhar a transparência, ou pela transparência, admitindo-a como uma experiência direcionada por regras

próprias do olhar, é recomendável esquecer os limites do dentro e do fora e experimentar, mesmo na vigília, vivências afetivas com o

poder da visão onírica. A casa, desenhada em transparência, deixa de ser apenas um lugar para acomodar objetos, pessoas, para ser “percebida através da espessura das experiências múltiplas que provoca” (*Idem*, p. 24).

Nos relatos dos sonhos e nas suas análises, a critério dos entrevistados e entrevistadores, a casa desfaz a sua materialidade física e passiva e incorpora sentimentos e afetos experimentados. Os seus diversos ambientes deixam de ser acomodados em espaços rigidamente divididos e separados, e misturam-se a diferentes gradientes de intensidades sensíveis. Salas, quartos, cozinhas e quintais, à sua maneira, trocam experiências afetivas com seus frequentadores oníricos, acostumados às suas dimensões mais ou menos íntimas. Coletivamente, em grupos familiares, entre desconhecidos ou mesmo conhecidos apenas nos sonhos,²³ na sala reencontram-se, despedem-se, confraternizam-se e enfrentam-se. As relações mais íntimas, beirando sentimentos confusos, entre o prazer e a violência, são trocadas com as paredes do quarto, que avançam temerosamente ou recuam com segurança próxima ao conforto e descanso. Já nas suas diversas passagens, abertas por janelas, portas e quintais, ventilam forças aéreas suspendendo em voo imagens saudosas ou tenebrosas.

Evitando o desperdício desses efeitos oníricos, os recursos aplicados na transposição gráfica dos sonhos coletados recebem desta pesquisa um tratamento oposto ao da visão sequencial e evolutiva do desenho. Favorecendo-a, a ponto de lhe permitir ocupar posição vantajosa para resgatar do desprestígio o valor próprio dessas expressões plásticas como fonte para a compreensão dos sonhos para além da sua dimensão individual.

Nesse sentido, as mesmas considerações desafeiçoadas ao tratamento prestigioso da transparência se prestam à abordagem de outro recurso gráfico presente nos desenhos do sonho: o esquema. O que o faz receber a mesma sorte destinada à transparência, sendo também catalogado, seguindo o princípio das etapas em evolução do desenho, como um caso típico do realismo intelectual.

Em seis desenhos de sonhos, dos quinze que totalizam a série *casa*, são empregados esquemas simplificados para o desenho dessa figura, com imagens triangulares sobrepostas a quadrados ou retângulos.

23 No sonho *Antepassado*, a entrevistada descreve encontrar com pessoas que ela só conhece de sonhos e nunca viu na vida real.

Reconhecidos como modelos internos (LUQUET, 1969), esses esquemas projetam as representações mentais, que costumam não variar de acordo com o entorno percebido. Os estímulos internos e visuais dos sonhos atuam como sugestões que ativam a memória ou o modelo interno da casa com influência direta na projeção externa da imagem traçada pelo desenho sobre a folha de papel. Memorizado na infância, esse procedimento se automatiza e responde pela maioria dos traços de casa desenhados pelos adultos para os seus sonhos.²⁴

A troca desse recurso gráfico, memorizado e simplificado, por outro mais suscetível às experiências visuais, requer um grande esforço até superar as comodidades oferecidas com os modelos aprendidos, o que só se justifica pela forte influência das paisagens percebidas no convívio cotidiano.²⁵

Isto se faz notar, por exemplo, no resultado da execução deste outro tipo de esquema que atua como modelo para o desenho da casa no sonho a “*Vontade de ser mãe outra vez*” (p. 50), tratando-se, na verdade, de uma farmácia, assim identificada pela legenda inserida como uma espécie de letreiro afixado na parede da fachada. A adaptação do esquema memorizado e tradicional da casa à realidade visual é comunicada pela singeleza dos seus traços. Em notas gráficas diferenciadas, é desenhada a imagem da memória visual da casa com um telhado riscado com uma única linha horizontal, de imediato aparentado às construções com laje, muito comuns em determinadas regiões periféricas do Rio de Janeiro.

Além deste, há outros esquemas diferenciados de casas ou moradias que não seguem o modelo convencional, aquele desenhado com linhas mais ou menos geométricas, o telhado pontudo em forma triangular, em companhia de um caminho serpenteado. No desenho do sonho “*A travessia*” (página seguinte), chamam a atenção na análise da entrevistadora particularidades gráficas diferentes do padrão comum executado na grande maioria dos desenhos de casa.²⁶ Em destaque, também,

24 Para Darras (1996), essa imagem de casa é o desenho de um modelo aprendido e preservado na memória procedural.

25 Neste caso, Darras (1996) comenta a influência da evocação mental de uma memória visual na elaboração do desenho.

26 Trecho da análise do sonho realizado pela entrevistadora: “[...] apresenta formatos irregulares e foge do traçado mais reto, possuindo diversas curvas e formatos geométricos diferentes. [...]. Parece que não há um caminho para chegar [...]”



a espiritualidade com traços orientais que motivou o desenho da imagem presente na memória afetiva do sonhador.

Em outros dois sonhos, um da série *casa* e outro da série *rua* (“*Escolhas*, p. 38); “*O cachorro e o garoto*, p. 67), são projetados prédios em seus desenhos. Surpreende a pouca presença quantitativa desses esquemas de moradia nas produções gráficas recolhidas, ainda mais quando se a considera parte cada vez mais fre-

quente na moderna realidade visual urbana, construída ou difundida pelos meios de comunicação, além, claro, do seu forte impacto perceptivo. Mesmo assim, quando desenhadas, essas construções símbolos da modernidade não abrem mão da companhia de desenhos de modelos tradicionais de casa.

Nos sonhos que completam esta série não aparece o desenho do “esquema casa”. Tais narrativas, no entanto, não deixam de ser ambientadas em seus interiores: “*Livramento*” (p. 37); “*Me salve*” (p. 48); “*Vontade de ser mãe outra vez*” (p. 50). Em “*Raízes profundas*” (p. 46), faz-se menção à *casa* somente na narrativa textual, ignorando-a na transposição do sonho para o desenho. Nos outros, a *casa* se faz presente indiretamente, com a expressão de conflitos que, na descrição e no desenho, tensionam o ambiente doméstico, provocados pelo mundo do trabalho, como nos sonhos “*Angústia*” (p. 34) e “*O fantástico mundo de Amanda I*” (p. 35), ou até mesmo por rituais de passagem, como no sonho “*Meus filhos, minha vida*” (p. 40).

4.5. Quadrinhos oníricos

A influência da memória visual não se faz notar apenas nos detalhes desenhados de uma *casa*, conferindo-lhe traços particulares que destoam do modelo consagrado pelo esquema ensinado e fixado com a automatização dos movimentos e gestos gráficos. Não só nos detalhes da *casa onírica* são oferecidos indícios que a aproximam do seu contexto histórico e social, resgatando-a como documento, mas também em outros

recursos investidos nos desenhos de sonhos. Ecoando o seu já característico e forte impulso narrativo, responsável direto pelos desenhos não difundirem intenções estético-formais,²⁷ são várias as recorrências ao recurso visual dos *quadrinhos* como expressão da vontade de acelerar o enredo. Influência, sem dúvida, da cultura de massa propagada em grande escala pelas formas de expressão visual, estimuladas pelas novas técnicas de produção de imagens, desde a fotografia, cinema e televisão até a computação.²⁸

No sonho “*O fantástico mundo de Amanda I*” (dir.), as imagens das narrativas são mostradas com o recurso dos quadrinhos. A sonhadora desenha o seu sonho no interior de um “continente”, com “corpo”, que dá forma ao “balão”, traçado por linha contínua e curvilínea, e o “apêndice”, com bolhas em sequência projetadas até a figura, representando o

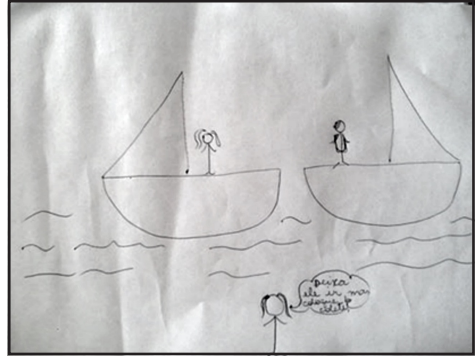


27 Assumindo o estilo próprio dos traços do desenho infantil, Wildlöcher (1971), porém, o distingue da arte plástica em razão da sua preocupação maior com o valor narrativo ou significativo da imagem do que com o seu valor plástico. Já em “toda procura plástica, a forma não é jamais realizada sem que um certo prazer emane do simples aspecto visual” (WILDLÖCHER, 1971, p. 26). Mário de Andrade repete essa mesma compreensão, quando reconhece que “o desenho fala, chega mesmo a ser muito mais uma espécie de escritura, uma caligrafia que uma arte plástica” (ANDRADE, 1975, p. 69). E, se por um lado Wildlöcher explora o caráter caricatural do desenho, comparando-o a um jogo de palavras, Mário de Andrade o aproxima de uma frase feita, compondo a sabedoria dos provérbios que, se “não é de todo mentirosa, é eminentemente provi-sória” (*Idem*, p. 77).

28 Na série de sonhos *Rua*, em dois desenhos infantis, dos sonhos “*Meus sonhos*” e “*O cachorro e o garoto*”, também são utilizados balões com inscrições. Chamamos atenção para o segundo, onde o balão se refere à fala de um urubu. Na série *Não-lugar*, no sonho “*Uma parte de mim*”, no desenho adulto é utilizado o mesmo recurso. Nesta mesma série, no sonho “*Voar, voar, subir, subir*”, utiliza-se outra técnica comum nos quadrinhos, conceituada como metáfora visual: “forma de expressar ideias ou sentimentos por meio de imagens” (RAMOS, 2012, p. 112). As setas são metáforas de envolvimento emocional.

sonho com o mesmo recurso utilizado na linguagem dos quadrinhos para expressar o pensamento das personagens.²⁹ Já para o “conteúdo”, núcleo do continente, nota-se nítida preferência pelas imagens em vez de textos, o que se identifica como “balão especial” (RAMOS, 2012). Na apresentação gráfica da sonhadora, o sonho não é contado a alguém, mas pensado por ela como um conjunto de imagens mentais – exceção feita à palavra *ar*, inscrita no balão.

Há também o recurso do balão nos aspectos gráficos do sonho “*Meus filhos, minha vida*” (dir.), contornando com as suas linhas contínuas o apelo, emitido em voz alta e das margens do rio, para que o filho continue a sua viagem para longe de casa.



Mesmo sendo mais identificado com a linguagem dos quadrinhos e ao que mais recorre a intenção narrativa dos desenhos dos sonhos, o balão, como o apêndice e o conteúdo, não são os únicos recursos adaptados do universo *quadrinhesco*. A figura envolta por traços que lembram chamas, no desenho do sonho “*Me salve*” (p. 48); as gotículas em movimento ascendente, no desenho do sonho “*Dia do meu casamento*” (p. 41); o ostensivo sinal de interrogação, no desenho do sonho “*Escolhas*” (p. 38), as flechas, no desenho do sonho “*Voar, voar; subir, subir*”, (p. 74) permitem comunicar diferentes valores expressivos que, antes de tudo, mostram a intimidade dos sonhadores entrevistados com essa mídia típica da cultura de massa, associada a diferentes variáveis, como gênero e faixa etária.³⁰

29 O continente é formado pelo corpo, que diz respeito ao formato do balão, e o rabicho ou apêndice, que indica se tratar de fala, pensamento, etc. O continente pode ser preenchido com conteúdo, que pode ser linguagem escrita ou imagem. Com os traçados do balão desenhado para o sonho, linha contínua e curvilínea, o continente é do tipo balão-fala, “modelo mais neutro, que serve de referência para os demais [...] simula a fala, dita em tom de voz normal” (RAMOS, 2012, p. 36).

30 Nos dois desenhos dos sonhos de crianças, “*Meu sonho*” e o “*Cachorro e o garoto*”, são utilizados recursos dos quadrinhos, como os “balões”.

4.6. Imagens da casa: vias de conexão do onírico com o social

Inúmeras foram e continuam sendo as tentativas de decifrar os sonhos como signos envoltos por intenções: universais, quando próximas dos mistérios divinos ou dos arquétipos da humanidade; individuais, se interpeladas como dramas inconscientes.³¹ E, na ânsia de desvendar os verdadeiros sentidos dessas manifestações oníricas, cercam-se de desconfiança as suas imagens, à mostra na superfície, por terem-na em conta como responsáveis pelo acobertamento do que se manifesta de forma latente nas suas profundezas.³²

Voltando-se para a dimensão ignorada do nível do conteúdo manifesto dos sonhos, é possível retomar a força das suas imagens e vinculá-las emocionalmente com os seus espaços culturais de manifestação. “Embora um sonho com igreja ou Cristo tenha um sentido pessoal latente, continua sendo indício da pertinência emocional do cristianismo [...]” (BURKE, 2001, p. 32). Tal reflexão ajusta-se na medida certa para entender o alcance da imagem onírica da *casa*, na formação da nossa memória cultural. E, há que se considerar, que a casa, mais do que um espaço físico de moradia, representa uma categoria social com ampla divulgação nos estudos da sociedade brasileira.³³

Na busca da inscrição cultural dos sonhos, destaca-se a relação entre a imagem da casa onírica e a sua apropriação como categoria social para compreender alguns traços da sociedade brasileira. As imagens da casa presentes nos sonhos e nessa conceituação do Brasil retomam a ideia de uma “arte da memória”: uma técnica de memorização de conceitos através de imagens (YATES, 2007). Assim, ao se “erguer um ‘teatro da memória’ dedicado ao Brasil enquanto conceito, inevitável seria

31 Na visão psicanalítica de Freud (1972) os sonhos deixam de ser considerados uma intervenção divina, ou mesmo identificados a um tipo de inconsciente coletivo, para expressarem desejos individuais e inconscientes.

32 A desconfiança a respeito das imagens tem o respaldo de Freud (*apud* NOVAES, 2008, p. 457): “A restauração das conexões que a elaboração do sonho destruiu é uma tarefa que tem que ser realizada pelo processo interpretativo”. Citação complementada da seguinte maneira por Novaes (*Ibid.*): “Através da psicanálise se pode extrair a mensagem verbal escondida na superfície pictórica e inarticulada dos sonhos”.

33 Veja como exemplos: DaMatta (1997), Freyre (2006) e Martins (1996).

ter a imagem de uma rede de dormir” (FONSECA, 2013). E com os sonhos, tão inevitável é incluir nesta apresentação cênica a imagem da casa, apropriada para atuar no papel de um Brasil lembrado por habitar de modo mais autêntico este espaço identificado com a intimidade e a tradição – associado, como pretensio lugar natural, à nossa propensão em ser um contraponto à modernidade ocidental.

Com o “*esquema casa*”, desenha-se a moradia onírica como metáfora da intimidade; do privado, em oposição ao público. Uma imagem mental, preservada na memória coletiva, com os traços da casa colonial. Sobrevivência emocional e cultural, com fortes indícios nas narrativas e traços gráficos oníricos. A tal ponto que também se poderia indiciá-la como responsável pelas leituras que as teorias sociais, em grande parte, fazem do Brasil. Um Brasil compreendido a partir da oposição resistente de traços advindos da sua dimensão tradicional-colonial aos processos civilizatórios da modernização. Esquema da memória social, herança social revelada no senso comum, repetida e confirmada nas análises teóricas. Espelhar-se-ia, nas casas oníricas, o sentido de Brasil circulante pelo senso comum, meios de comunicação de massa e confirmado, em parte, pelas teorias sociais.

Metáforas espaciais da memória,³⁴ tanto a casa como a rede expressam, desse modo, uma espécie de arquivo reservado para armazenar e conservar intacta a essência da identidade brasileira. Este modelo de análise é tão difundido quanto criticado por trazer prontos em si conceitos de identidade como essência,³⁵ conjuntamente com o de memória como uma arte ou técnica,³⁶ sem que, no entanto, se abandone de

34 Aleida Assmann (2001, p. 162) considera que só por metáforas se pode falar de memória, por ser ela um “resistente à descrição mais direta [...]”. Sem ser meras paráfrases, no entanto, essas imagens metafóricas representam “uma questão sobre os diferentes modelos de memória, seus respectivos contextos históricos, necessidades culturais e padrões interpretativos”.

35 A rejeição das apropriações essencialistas da cultura, como substâncias separáveis em conflito, leva ao redimensionamento do conceito de identidade como estratégia de sujeitos políticos em conflito (NOVAES, 1993, p. 25-27, 41).

36 Ao criticar a dualidade estabelecida por Roberto DaMatta entre a casa e a rua como referências espaciais, respectivamente, para as ações de supercidadania e subcidadania, Jessé Souza (2001, p. 53) propõe se “seria razoável supor que uma operária negra e pobre da periferia de São Paulo que, depois de trabalhar o dia inteiro e ter efetivamente fartas experiências de subcidadania na ‘rua’, apanha do marido em ‘casa’, sente-se uma supercidadã?” Nos sonhos recolhidos nesta pesquisa, nem sempre as imagens da casa refletem sentimentos de segurança, reconhecimento, cordialidade, etc.

todo a imagem da casa. Mesmo sem ser de todo descartada, essa imagem não irá mais figurar fora das circunscrições modernas, mas nos seus limites, em companhia dos valores da autenticidade que, somados aos da impessoalidade, próprios das relações reguladas pelas regras do mercado, formam o horizonte da modernidade (TAYLOR, 2001). No “teatro da memória”, o conceito de Brasil passa a circular pela modernidade inscrito nas imagens da casa e da rua, sem mais opô-las. A referência espacial e analítica não é somente a casa fechada, armazenando entre suas paredes a intocável identidade de um Brasil tradicional, mas também a que se abre e se entrebrea, sendo ambas construídas em solo moderno.

Os sonhos sugerem querer leituras explicativas. Virando-se para as insuficiências da ordem da escrita, as suas imagens retiram-se para fora do alcance da identidade essencial e das técnicas mnemônicas. Libertas dessa configuração, as imagens oníricas vagam mais próximas da força da recordação e para “além dos arquivos”.³⁷ Tanto mais, transmutando a caneta (“*pen*”) em pincel (“*pencil*”), os traços desenhados modelam ambientações, deixando de lado o registro escrito do documento.³⁸

37 “Em lugar da arte da *memória*, que se dedica a registrar e entesourar, impõe-se a força da recordação, que elabora com grande liberdade o material presente na memória” (ASSMANN, 2011, p. 104).

38 Ao analisar o poema de Wordsworth, *Memory*, Aleida Assmann (2011, p. 102-104) destaca que o poeta registra na ínfima distinção entre as palavras *pen* e *pencil* a contraposição entre memória e recordação. “Com uma única sílaba passamos do campo da escrita para o da pintura. Com o pincel [*pencil*] dá-se coloração às cenas, e sombreamentos as modulam. [...] O pincel não documenta, ele modela uma ambientação”.

PARTE II

Jogo dos sonhos

Experimentos na Iniciação Científica
do Ensino Médio

À guisa de introdução: as regras do jogo

Este é um projeto singular em nossas histórias de docentes. Motivados pela ação provocadora da PROPEP/UNIGRANRIO, o incentivo à relação professor/aluno foi muito além das experiências comuns ou esperadas. Sob a égide da proposta que advoga valores ao suposto da *educação continuada*, definidos os alunos de Iniciação científica (IC) de cada professor, resolvemos tentar uma experiência mais dinâmica e agregadora. O ponto de partida foi a proposta de reuniões conjuntas. Estava assim plantado o desafio: como fazê-lo?

Acatado o compromisso, assumido também pelos alunos, restava fazer um planejamento de ação. Tínhamos em mente não desvirtuar a proposta que delega à Iniciação Científica o exercício discente colado ao trabalho maior, dos pesquisadores. Ampliando o cenário para o esforço conjunto de três docentes, contudo, resolveu-se sondar as tendências dos educandos. Colocava-se de início uma pergunta diretiva: sabedores de nossos projetos acadêmicos, como combinar a Iniciação Científica com as habilidades dos alunos? Uma primeira alternativa se abriu ao acatar tais manifestações como parâmetro relevante. Seria correto dizer que assim buscava-se um atalho prometedo, pois, afinal, como conciliar os dois polos: as pesquisas dos professores com as tendências dos alunos? Por certo se propôs a negociação como estratégia, tendo em vista os procedimentos protocolares da metodologia científica. Sem abrir mão de rigores acadêmicos, a investigação sobre como fazer se impunha. Somava-se a isto a prática do trabalho conjunto e articulado dos professores.

Encontrado um denominador comum aos docentes – a qualificação de aspectos subjetivos em suas pesquisas – optou-se pelo esclarecimento do que e quais seriam *fontes* para os alunos. Convém lembrar que falamos de instrução dada a alunos do Ensino Médio, pessoas que não tinham até então noção de aspectos formais de conteúdo documental. Estava dada a largada para a aventura. Perguntado aos estudantes como

relacionar narrativas com a forma, optou-se pela eleição da poética como elemento explicador. O conto, o diário e a poesia foram os recursos eleitos. No caso das pesquisas de Anna Paula Soares Lemos; os contos de Julio Cortázar; os diários de Carolina Maria de Jesus, o recurso sugerido por José Carlos Sebe Bom Meihy, e os versos de Bruna Beber para Joaquim Humberto Coelho de Oliveira. À definição da forma, somava-se uma prática que se tornou importante para todos: a reescrita de cada texto, aproximando a temática do espaço vivencial dos alunos, ou seja, a cidade de Duque de Caxias-RJ. Os resultados foram entusiasmantes. Mais que isto, porém, notava-se que havia em cada aluno um desejo de exposição de suas habilidades. Abria-se assim novo espaço de inquietação pedagógica: como aderir tal situação ao projeto. De forma sutil, acontecia em paralelo outra aproximação dos docentes: o uso de imagens nas pesquisas dos orientadores.

Três novas fontes se apresentaram como possibilidades. À reescrita dos textos, pediam-se ilustrações advindas da internet, de fotos autorais ou de desenhos. Observou-se, então, importante manifestação: entre os próprios alunos, uma negociação indicava um dos estudantes com capacidade expressiva de desenhos, reconhecida como síntese das vontades. Aos poucos, em reuniões que aconteciam em espaços regulares, semanalmente, – ainda que com eventuais mudanças de calendário – notou-se que o grupo se salientava pelos contos. Desde então, a conduta dirigente passou a visar uma mudança evolutiva da proposta inicial: o realce temático nas reescritas e agora com a trança das ilustrações. A culminância deste processo se fez quando então um dos alunos apresentou uma série de imagens – fotos autorais, imagens extraídas da internet e sobretudo um desenho. Sobre este conjunto, restava aos demais – inclusive professores – rearticular as imagens, dando-lhes um conteúdo narrativo. O resultado foi positivo até pela prática assumida que ditava uma escrita de conto no ato da apresentação das imagens e um aperfeiçoamento feito em seguida, como tarefa a ser desenvolvida em outro tempo, nas próprias casas.

Por certo, a demonstração de todo este processo, que demorou dois semestres, pode ser visto com detalhes a seguir. O que se apresenta em conclusão é a riqueza deste percurso que, de certa forma, pretendeu também significar aprendizado para os docentes. Acrescenta-se finalmente a fertilidade dos laços estabelecidos entre os participantes. Mais que tudo, porém, o entusiasmo e encaminhamento da devoção da pesquisa em grupo, tanto para alunos como para professores.

1. Transcrições e inspirações

Era preciso um horizonte de pensamento em comum para iniciar o que se pretendia que fosse uma ação interdisciplinar entre projetos de iniciação científica para alunos do ensino médio. Alguns motivos fizeram acreditar que essa prática renderia bons frutos e nos levaria a um resultado mais dinâmico. Era preciso entender que alunos com uma faixa etária entre 15 e 17 anos gostam de trabalhar em grupo. Fazer leituras e apresentar um autor, para eles ainda desconhecido, em uma conversa entre professor e aluno, sem compartilhar os saberes com meninos da mesma idade, parecia improdutivo e desmotivador. Afundados pelo diapasão do afeto, conversamos com outros professores e a impressão era a mesma: a de que precisávamos partir para uma prática interdisciplinar também com os projetos de ensino médio. Três professores de áreas variadas, trabalhando com autores diferentes, em poesias, diários e contos, se reuniram e descobriram que tinham o mesmo horizonte dentro de suas propostas individuais: o estímulo à leitura e a perspectiva do relato, a abordagem do sonho e da interpretação da cidade como pontos em comum.

Assim, um professor filósofo, um professor historiador e uma professora jornalista se unem com seus orientandos em um único espaço de aprendizagem e apresentam a proposta inicial: Bruna Beber (2013), Carolina Maria de Jesus (1960) e Julio Cortázar (2013) serão lidos por todos pela perspectiva da Filosofia, da História e das Letras. Propomos uma metodologia que estimulava a livre interpretação através de desenhos, de paráfrases e paródias, de intertextos diversos. Tal metodologia visava promover o capital individual dos alunos, trançando questões estéticas com análise de conteúdo. A dimensão interdisciplinar favoreceu esses olhares cruzados tendo em mente alguns princípios que, segundo Moacir Gadotti (2015), são fundamentais para o desempenho da experiência: a noção de tempo que, em uma dinâmica interdisciplinar, não pode ser marcada; a crença de que é o indivíduo que aprende e, então, é preciso “ensinar a aprender”; a certeza de que o conhecimento

é uma totalidade e que as pessoas aprendem mais facilmente quando o aprendizado se relaciona com seus projetos de vida; e, finalmente, é preciso saber que a interdisciplinaridade é uma forma de pensar e supõe uma atitude interdisciplinar.

Uma atitude interdisciplinar lúdica, inventando regras, em riscos e rabiscos que começaram contando e recontando os contos de cada um dos autores propostos até chegarem a jogos oníricos que transparecem o contar pessoal de cada um dos orientandos e suas diversas formas de ver o mundo.

2. A perspectiva do lúdico

Tratar dos contos de “Todos os fogos, o fogo” e de “O jogo da amarelinha”, do escritor argentino Julio Cortázar, com personagens que se agitam e brincam com o leitor, gerou material que provoca análise do mundo contemporâneo apontando em Cortázar uma atualidade latente em um mundo midiaticizado com múltiplas vozes e possibilidades.

A figura de Julio Cortázar na literatura gera contradições e opiniões diversas. Há quem ache que é uma literatura menor e que é supervalorizada no Brasil. No entanto, seu valor como literatura contemporânea é inegável. Um autor que rompe com a estrutura linear do romance clássico, valeu ser apresentado a alunos que têm em média 16 a 17 anos e foram educados em um processo polifônico, para o qual a linearidade e a velocidade são o que imperam.

As perspectivas imagéticas do desenho e do filme se relacionaram bem em exercícios de paráfrases propostos aos alunos, possibilitando excelentes resultados. O bolsista Alan Cardoso, 17 anos, estudante do terceiro ano do ensino médio do CAP-UNIGRANRIO – Caxias, sempre impressionou com sua veia poética e escreveu o seguinte sobre seu encontro com os contos de Julio Cortázar e a sua experiência em transcriá-los:

Eu posso afirmar com toda certeza que dancei tango com Cortázar. Embora meus passos fossem desajeitados em comparação aos do mestre. Talvez fosse a pressão de acompanhá-lo. Os ambientes concreto-poéticos dele são fascinantes, dói não conseguir reproduzi-los em meus contos. Creio que sou o avesso desajeitado de Julio: enquanto ele transforma o ambiente físico em personagem, eu pego os sentimentos e personifico-os em corpos humanos. Mesmo não sabendo dançar o ritmo dele, quis continuar.

Tropecei algumas vezes quando quis situar os fatos, meu maior desafio é descrever ambientes. Parece que enxergo

mais o interior do que o exterior, por isso vivo caindo ao chão. Mas Julio mostrou-me que o que está por fora também pode ser poético. A poesia dele grita, é impossível não perceber. Ainda peço nisso, mas estou tentando seguir suas pegadas. Espero que possa aprender os passos para que no final possa apresentar ao público um lindo espetáculo de dança latina.

Tendo como texto matriz o conto “A casa tomada”, de Julio Cortázar, Alan Cardoso escreveu:

[...] Na velha casa entrei: o pequeno portão de ferro, retorcido e repintado, gritou assustado com a súbita invasão. E a amendoeira do quintal me absorveu. Moribunda e desfolhada, jogou lanças negras sobre mim. Estava imerso em suas sombras, imerso em seus ares. A porta tinha arranhões e ferrugem, penugem de gato e urina de rato. Eu a abri e a casa me engoliu. Lá dentro, sob o véu do tempo, as janelas fitavam como olhos de cegos. Subi as escadas, um degrau de cada vez. A cada um deles, uma dor, um pesar. Ajeitei o pouco que tinha pela casa e guardei minhas coisas na velha mobília da velha casa de minha velha falecida avó. Que Deus a tenha! Deitei-me na cama empoeirada e tive o mais nauseante dos sonhos. Nele o Espectro me olhava com um relógio nas mãos. Eu me aproximava, mas a cada momento que o ponteiro avançava, parte de mim sumia. Eu nunca conseguiria alcançar o Espectro antes que todo meu ser deixasse de ser matéria.

Acordei no dia seguinte e cobri espelhos, quebrei relógios e fechei cortinas. Nada que me lembrasse do tempo era bem-vindo. Seria como aquela casa, atemporal e indiferente. Contentei-me com a minha simbiose, eu era a casa. Mas o Espectro persistia. Eu estava na sala quando veio pela primeira vez, ele encheu o cômodo com sua presença vazia, me expulsando de lá. Quis fugir, mas a porta de saída ficava na sala cheia do invisível miasma. Além disso, as janelas tinham grade, que me sufocavam como uma mortalha. Estava preso com o Espectro.

Passei a morar no quarto. Enquanto isso meu inimigo se expandia: saía das torneiras, dos ralos, subia pelas rachaduras e dava voltas no ventilador de teto. Estava encurrulado e ele sabia disso. Quando dei por mim, havia sido expulso de toda a casa. Não restara lugar que não estivesse preenchido com o nada. Não restara lugar que não tivesse sido preenchido com a vulgar e atroz inexistência concreta. Como uma criança com medo de um monstro, subi na cama. E ele estava à porta, como um pai zangado. Ele sentou-se do meu lado e pude sentir sua ausência. Era como beber cerveja quente ou fumar cigarro vagabundo: fazia cócegas nas entranhas, de um jeito vazio e incômodo. Ele me habitou e fui expulso de mim. Morri de desgosto, sem um lar senão a própria consciência.

(Alan Cardoso – Inspirado em “A casa tomada”, de Julio Cortázar).

A inspiração poética por conta das leituras e atividades propostas também trouxe resultados bem interessantes vindos da aluna Melanie Lorena Mitraud. Inspirada nos poemas da poeta Bruna Beber e no texto “A poética do espaço”, de Gaston Bachelard, Melanie Lorena Mitraud, 16 anos, aluna do segundo ano do ensino médio do CAP – UNIGRANRIO, expressou-se em texto e imagem. A proposta era estabelecer um encontro entre o poema e o fragmento de Bachelard.

Primeiro

PENSAMENTO

“Assim, abordando as imagens da casa com o cuidado de não romper a solidariedade da memória e da imaginação, esperamos fazer sentir toda a elasticidade psicológica de uma imagem que nos comove a graus de profundidade insuspeitos. Pelos poemas, talvez mais do que pelas lembranças, tocamos o fundo poético do espaço da casa” (BACHELARD, 1961, p. 23).

POEMA

O QUE DÓI PRIMEIRO

*todo urubu titia gritava
urubu urubu sua casa
tá pegando fogo*

*todo estrondo na rua
papai dizia eita porra
aposto qué bujão de gás*

*todo avião papai acenava
é seu tio! desquentrou*

preronáutica

num tenho mais sossego

*temi e ainda temo toda espécie
inflamável lamentei tanto urubu
desabrigado desejei o fim
da força aérea brasileira*

*só custei a entender mamãe
e o que queria dizer com seu irmão
não vem mais brincar com você
papai do céu levou.*

REFLETINDO

“Refleta sobre a poesia e o pensamento.”

Lembro-me das pessoas na porta de suas casas conversando entre si, trocando bate-papo.

Segundo

PENSAMENTO

“A imensidão é, poderíamos dizer, uma categoria filosófica do devaneio. Sem dúvida, o devaneio se alimenta de espetáculos variados, mas por uma espécie de inclinação inata contempla a grandeza. E a contemplação da grandeza determina uma atitude tão especial, um estado de alma tão particular, que o devaneio põe o sonhador fora do mundo mais próximo, diante de um mundo que traz a marca do infinito”. (BACHELARD, 1961, p. 138)

POEMAS

*A GRANDE ALEGRIA DOS HOMENS
DE NÚMEROS*

*tão queridos
os sofás
mais ainda as cadeiras
de balanço*

*é tanta palavra
no mundo tanto som*

*não entendo por que
tanta grade também*

*estou triste
até passar*

*uma correria de
crianças*

AS AVÓS E AS TIAS

*durante toda minha caminhada
pela bola que uns chamam
de terra outros de água*

*ou como carinhosamente
já apelidaram um amigo
balófo no colégio*

*só consegui
tomar posse
de uma certeza*

*e por isso gostaria
de dividi-la passem
para seus filhos:*

*não há
sequer
um ser*

*humano que caminhe
pela bola – há quem
diga achatada –*

*que não tenha
não teve
ou nunca terá*

*uma
toalha
bordada*

*é importante
que seus filhos
passem pros deles
essa verdade*

*mas se não tiverem
filhos netos tudo bem
sempre terão toalhas
bordadas.*

REFLETINDO

A caminhada das pessoas que vivem muito tempo, e passam por diversas fases da vida, sejam elas boas ou ruins, e não há um ser humano no mundo mundo que talvez não passe por essa fase. E que tudo que passou, poderá ser passado para seus filhos.

Terceiro

PENSAMENTO

“Tudo me confirma que a imagem dos barulhos oceânicos da cidade está na ‘natureza das coisas’, que essa é uma imagem verdadeira, que é salutar tornar naturais os barulhos para fazê-los menos hostis.” (BACHELARD, 1961, p.37)

POEMA

MOLHAR AS PLANTAS

*tudo tem barulho de mar
enceradeira isopor carro
em movimento aerosol
espirro pistola moeda*

*telha bombardeiro cigarro
queimando pia degradê
câimbra inseto monge
sua vizinha o futuro*

*tem barulho de mar
na camiseta no quadro*

*chinelo aeroporto gaiola
panela caverna birita*

*beijo tem biblioteca
também um curió bola
de chiclete sobretudo
um dinossauro alado*

*tem mar de todo tipo
de barulho e dentro
de cada mar um ralo
entupido de cabelos*

REFLETINDO

Ao analisar o texto, dizendo que tudo tem barulho de mar. É como se tudo ao redor de nós tenha movimento, barulho do oceano, que nunca para. Que nunca está quieto e sempre em movimento, que são como as coisas ao nosso redor.

Quarto

PENSAMENTO

“Os poetas nos fazem frequentemente entrar no mundo dos barulhos impossíveis [...] Tais imagens devem ao menos, ser tomadas em seu ser de realidade de expressão. É da expressão poética que é tirada todo o

seu ser. Diminuiríamos seu ser se quiséssemos relacioná-las com uma realidade, mesmo uma realidade psicológica. [...] Não correspondem a nenhum impulso psicológico, afora a pura necessidade de exprimir, num lazer do ser, quando se escuta na natureza, tudo o que não pode falar [...] Então, como ver sem ouvir? [...] As palavras, as palavras são conchas de queixumes. Na miniatura de um única palavra, com há histórias ! E grandes ondas de silêncio vibram poemas.” [...]

“Violaine (cega) – Ouço.....

Mara – O que ouves?

Violaine – As coisas existirem comigo.”

“O estilo é aqui tão profundo que deveríamos meditar longamente sobre um mundo que existe em profundidade por sua sonoridade, um mundo cuja existência seria a existência das vozes” [...]

“Eu me ouvia, fechando os olhos, e reabrindo-os...”

(BACHELARD, 1961, p. 134-136)

POEMA

BICICLETA CARGUEIRA

felizes são

as gaivotas

voo de dedos

livres ao violão

movimentam discreto

outras aves

um mirante

em cada olho

e o mar de ponta

a ponta do alto

debaixo da luz

inteira do céu

tristes porém doces

inventaram o bolero.

REFLETINDO

Felizes são aquelas coisas que são livres. Livres para serem vividas, com a ideia de liberdade. A cada pessoa um ponto de vista e modo de viver diferente.

Pensando em liberdade e em pontos de vista, bem como modos de viver diferentes, como bem refletiu Melanie Mitraud, na atividade “Viajando com Cortázar” apresentou-se o conto “Sobre a maneira de viajar de Atenas a Cabo Súnio”. Nele, Cortázar fala de memória, de relato, de imaginário:

A memória nos tece e nos captura ao mesmo tempo seguindo um esquema do qual não participamos lucidamente; não se deveria falar de *nossa* memória, porque se alguma coisa ela tem é que não é nossa; trabalha por conta própria, nos ajuda enganando-nos; seja como for, de Atenas se viaja a Cabo Súnio num ônibus caindo aos pedaços, e quem me explicou isto em Paris foi meu amigo Carlos Courau, cronópio infatigável se é que existem. Explicou isso junto com outros itinerários gregos, cedendo ao prazer de todo viajante que refaz seu périplo ao narrá-lo (por isso Penélope vai esperar eternamente) e ao mesmo tempo saboreia uma viagem vicária, aquela que será feita pelo amigo a quem agora está explicando como ir de Atenas a Cabo Súnio. Três viagens numa só, a real porém já transcorrida, a imaginária mas presente na palavra e aquela que outra pessoa fará no futuro seguindo as pegadas do passado e segundo os conselhos do presente, a saber, que o ônibus saía de uma praça ateniense por volta das dez da manhã e era melhor chegar com tempo porque lotava com os passageiros locais e os turistas. (CORTÁZAR, 2008, p. 97-100)

A proposta, depois da leitura do conto foi a seguinte:

- 1) Marque as palavras que você não sabe o significado.
- 2) Escolha uma delas para utilizar em sua transcrição.
- 3) Utilizando a palavra escolhida, imagine uma viagem feita por você e conte a sua história.

Um diferencial aconteceu que estimulou os alunos: os professores também participaram da atividade, também expuseram seus textos escritos no impulso da hora e depois reescreveram em casa, trazendo a atividade no encontro seguinte. Isso criou uma parceria entre os integrantes do grupo, autoestima e confiança entre os alunos e, a partir de então, todas as atividades passaram a ter a participação de docentes e discentes. De modo que, tanto teríamos que fazer a atividade com eles, quanto eles poderiam propor, sob nossa orientação, a atividade de estímulo à leitura.

Segue o resultado da aluna Mel Mitraud: o impulso e a reescrita de “Viajando de Caxias a Paraty”.

Melani
Mitraud

Viajando de Caxias a
Paraty

A memória é uma das melhores lembranças que temos dentro do cérebro onde tudo acontece, seja ela de forma boa ou ruim.

Atualmente estou aqui, após me mudar de onde era um lugar vasto e com pouca população, agora com uma família, sinto-me sozinha.

Recordando o lugar onde morava recentemente de maneira estranha, apenas vendo os pontos negativos, e assim relatando a imagem que passava em sua cabeça.

Dizia então, Paraty um lugar naturalmente sem exploração de petróleo, porém com uma lambiada pequena até chegar ao destino desejado.

Já naquela manhã, conhecida-me para uma pequena viagem, como ela dizia, pois nossa estadia sentindo-se. Me explicou o itinerário e lá fui eu com minha família.

www.unigranrio.br | (21) 3219-4040
Chamada em

Milena
Núncio

Durante a viagem meu olhar,
alguns pais lindos, a qual não
podia parar, até chegar ao meu
objetivo de um dia. Entre horas
de parar e modo de chegar. A amista-
dade, a amizade me motivavam e a
solidão de chegar cada vez mais.
Minutaria. Passaram-se 4 horas depois de
uma longa e cansativa viagem, enfim
cheguei. Olhei o lugar, e lembrei
o que era ^{sentir} solidão e nada daquela
era verdade, era apenas o fruto da
^{negativa} ~~de~~ imaginação que ela
era dentro da cabeça. Então fui
de maneira ~~verdadeira~~ ^{verdadeira} ~~essa~~ a ^{real} ~~verdadeira~~
verdade do lugar. O verdadeiro amor
refletiu de alegria, com novos olhos
amigos, ~~curiosos~~ ^{curiosos}, ~~me~~, e muita alegria
e com uma verdadeira ~~emoção~~ ^{emoção}
em meu coração.

Am!

www.unigranrio.br | (21) 3219-4040

A atividade em grupo gerou uma nova proposta feita pelo orientando Alan Cardoso: “vamos criar um blog em que postaremos imagens e transcrições propostas em sala”. Como, desde o início da Bolsa de Iniciação Científica, Alan fazia transcrições propostas com inspiração nos contos de Julio Cortázar, ele iniciou o trabalho postando seus produtos. Os outros alunos ficaram estimulados e os resultados de todas as nossas atividades podem ser lidos também no Blog *Sonhos, Transcrições e Inspirações* que está hospedado no endereço <http://baixadaviva.tumblr.com/>. Transformar os textos em imagens na rede soltou a imaginação dos orientandos. A ação de transformar texto em imagem e imagem em texto começou a reger gradativamente nossas conversas.

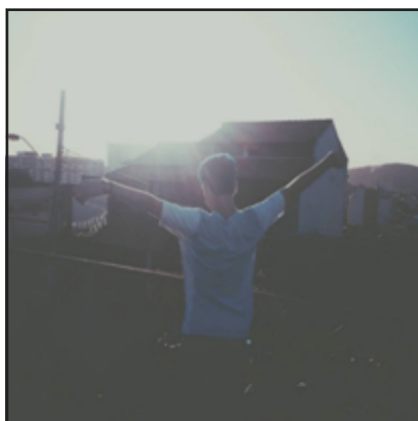
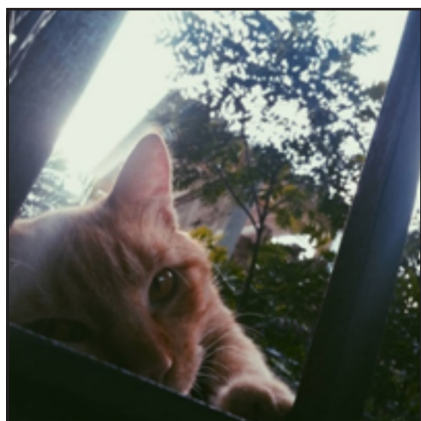
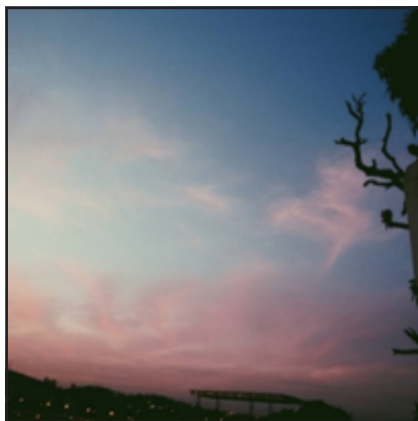
3. Sonhos, transcrições e revelações

Não é novo o diálogo entre a imagem e o texto. Cortázar, por exemplo, foi inspiração para Michelangelo Antonioni fazer o filme *Blow Up*. Assim, o neorrealismo já olhou para Cortázar com olhos mais complexos. E os deslocamentos de olhar, propostos pelos orientandos em textos, desenhos e fotografias, trouxeram boas discussões quando foram relacionados com as perspectivas da poesia de Bruna Beber (2013) e dos relatos de diários de Carolina de Jesus (1960).

Foi a partir dos resultados e dos movimentos dos orientandos que cada deslocamento, cada regra, cada metodologia foi sendo construída. A perspectiva do lúdico e da linguagem que ultrapassa o sentido retórico estimulavam cada vez mais os pesquisadores e enriquecia os resultados, transformando o texto final em uma obra coletiva, sem autoria, “para se abrir o sentido mais largo do pensamento” (COLI, 2014, p. 41).

Algumas leituras foram fundamentais para que o grupo pudesse perceber que sentido de leitura de mundo e de estímulo à escrita se pretendia aqui. *A obra ausente* de Jorge Coli (2014) analisa um fragmento escrito por Jean Philippe Chimot em 1964, sobre a arte de Delacroix, que foi fundamental para iniciarmos o caminho do lúdico, do onírico, como um tipo de “pensamento plástico” que trabalha não com o pensamento do autor, mas com o pensamento da obra. É ela quem pensa – “[...] supondo que possa existir um pensamento musical e um pensamento plástico com seus elementos constitutivos de uma natureza diferente daquela das palavras e das frases” (COLI, 2014, p. 41). Assim, a obra é constituída, segundo Coli, de significações silenciosas que estimulam reflexões impossíveis de serem comunicadas através de conceitos e frases. O bolsista Mathias Cavalcante, 17 anos, morador de Duque de Caxias e aluno do segundo ano do Ensino Médio do CAP – UNIGRANRIO, estimulado pela relação entre imagens e alargando seu próprio pensamento, nos encaminhou sete fotos da cidade de Duque de Caxias e uma pintura feitas por ele. Disse ele em nosso grupo no Facebook: “Fotos tiradas por mim de Duque de Caxias, Podemos fazer poesias sobre

essas fotos com inspiração na Bruna Beber. Também tem um quadro que fiz. Esse aí em baixo! Que fala sobre a minha vida aqui em Caxias”.





Era preciso estimular as potencialidades do grupo, suas manifestações gráficas e narrativas, em um *jogo da amarelinha* [de Cortázar], em uma *oralidade sonhada* [de Carolina], em um *desenho urbano da memória* [de Bruna Beber]: experiências que juntavam as duas coisas – “pensamento plástico” e “pensamento feito de palavras” – que tinham como fio condutor a *poiesis*, a epopeia pessoal, o pequeno he-

rói. Aproveitar os desenhos e imagens e suas interpretações espontâneas com um alvo pedagógico promovia o entusiasmo de cada orientando, traçando questões estéticas com análise de conteúdo. E era preciso estimular o aprendizado de forma lúdica para que, pela perspectiva do jogo, cada indivíduo construísse gradativamente o seu aprendizado. As imagens estavam ali e, como diz Walter Benjamin em *A pequena história da fotografia* [...]

[...] a técnica mais exata pode dar às suas criações um valor mágico que um quadro nunca mais terá para nós. Apesar de toda peripécia do fotógrafo e de tudo o que existe de planejado em seu comportamento, o observador sente a necessidade irresistível de procurar nessa imagem, a pequena centelha do acaso, do aqui e agora, com a qual a realidade chamuscou a imagem, de procurar o lugar imperceptível em que o futuro se aninha ainda hoje em minutos únicos, há muito extintos, e com tanta eloquência que podemos descobri-lo olhando para trás. A natureza que fala à câmera não é a mesma que fala ao olhar; é outra, especialmente porque substitui a um espaço trabalhado conscientemente pelo homem, um espaço que ele percorre inconscientemente. (BENJAMIN, 1994, p. 94)

Percebemos que ao evocar a sua memória individual, a partir das imagens da cidade de Duque de Caxias, Mathias sugere por meio de sua narrativa um tipo de inconsciência, que, aliás, funciona como quebra

da experiência, o que é, nos termos do teórico italiano Giorgio Agamben, uma defesa legítima. Diz Agamben (2007) que, em um momento no qual se queria desapropriar a humanidade de qualquer experiência individual, tornado-a manipulada, ela se porta como em um labirinto de ratos; quando a única experiência possível é, por isto, horror e mentira, então, a negação da experiência pode, provisoriamente, constituir uma defesa legítima. Uma espécie de elogio às incertezas, imprevisibilidades e suspensões de sentido. Por isso, o uso das sombras, dos sonhos, dos olhares longínquos, dos voos, do escorrer de corpos, das veias em raízes na terra: uma tentativa de desestruturar as certezas e as regras do mundo contemporâneo. Pensando nisso, inventando regras, repropusemos o trabalho com as imagens apresentadas pelo bolsista Mathias Silva Cavalcante.

4. Inventando regras

Estabelecemos, então, as regras do jogo, inspiradas nos termos de Johan Huizinga (1973, p. 34):

Considerado pela forma, pode-se então, resumindo, chamar o jogo de uma ação livre, consciente de não ser levada “a sério” e situada do lado de fora da vida cotidiana, que, no entanto, pode se apossar totalmente do jogador; ação que, em si, não é ligada a um interesse material, dela não provém vantagem que se realize dentro de um tempo e espaço definido de propósito, que se desenvolve segundo uma regra estabelecida, e, portanto, suscita diálogos sociais que facilmente são circulados de mistério ou acentuam, mediante disfarce, as suas diferenças do mundo ele mesmo.

O autor fala, portanto, do homem que joga e das máscaras, dos jogos de disfarces promovendo um jogo uma instância diferente do real e que, assim, tem a liberdade – criativa ou *permitida* – de dizer qualquer coisa. Aspirávamos de cada um dos nossos orientandos que fizesse a obra falar, e refizesse as imagens dadas em nova lógica, em um jogo de montagem emergido da ação voluntária, livre para recriar. No entanto havia regras. Como diz Roger Caillois, é preciso estabelecer para o jogo condições de absoluta igualdade que a realidade nega aos homens:

Agon e Alea exprimem atitudes opostas e de algum modo simétricas, mas ambas obedecem a uma mesma lei: a criação artificial, entre os jogadores, de condições de uma absoluta igualdade que a realidade, por sua vez, nega aos homens. (CAILLOIS, 1981, p. 36)

Agon é jogo em que é exigida a responsabilidade pessoal do jogador; e *Alea* revela o abandono ao destino, uma abdicação da vontade. Tanto uma como outra forma de jogo necessitam de uma condição de absoluta igualdade que é artificial, porque impossível no mundo real. Assim, para estabelecer a ação de liberdade criativa tal igualdade absoluta, vamos às regras que buscaram dar continuidade à prática de redação que estávamos desenvolvendo em cada encontro desde o início.

Os roteiros feitos até aqui tinham um texto matriz como base para a “reescrita” de um conto curto. Nesta atividade, relacionada às imagens propostas pelo Mathias, fizemos um exercício mais complexo que implicou a reorganização de imagens a serem inscritas em um pequeno conto. A fim de dar um fundamento teórico, foi tomado como texto básico o artigo “A obra ausente” de Jorge Colli (2012). Para tanto, pediu-se que fosse observado o seguinte roteiro, depois de lido o texto teórico e tendo em vista as sete imagens apresentadas pelo bolsista Matthias Silva Cavalcante:

- 1) Imagine uma/um personagem, morador/moradora da Baixada Fluminense, que teve o dia atribulado;
- 2) Depois das dificuldades no trabalho e em casa, ele/a vai dormir;
- 3) No sono, o sonho;
- 4) Depois de sonhar, ele/a acorda e recordando o sonho resolve escrever em seu diário sobre o sonho.

Assim, era preciso detalhar a manifestação onírica, colocando na ordem que cada um escolhesse as imagens que serviram de roteiro para a narrativa do sonho. Era preciso, então, ser cúmplice da fábula, aceitar temporariamente a *ilusão* proposta. A palavra *ilusão* – *in-lusio* – significa mesmo *entrar no jogo*, um jogo que transforma o jogador em um personagem que se comporta e se manifesta fingindo acreditar que é o *outro*.

O prazer consiste em ser outro e em se fazer passar por outro. Mas, no momento em que se trata de um jogo, a questão essencial não é exatamente aquela de enganar o espectador. No Carnaval, a pessoa mascarada não quer realmente que acreditem que ele é um verdadeiro marquês, ou um verdadeiro toureiro, ou um verdadeiro pelevermelha; procura, pelo contrário, assustar e se aproveitar

da atmosfera geral de liberdade, ela mesma resultado do fato de que a máscara coloca o personagem social à sombra e libera a verdadeira personalidade do sujeito (CAILLOIS, 1981, p. 38-39)

Colocando a máscara social à sombra das inúmeras máscaras possíveis através das imagens, liberta-se o sujeito que fala e muitos indícios, muitos significados próprios são detectáveis nos riscos, rabiscos e montagens de cada um dos re-contadores de histórias.

5. Textos, riscos e rabiscos

Cada história foi escrita reorganizando as fotos tiradas pelo Mathias como se fossem fotogramas, criando a cada nova montagem, uma narrativa diferente. Obedecendo o pressuposto da seriação, optou-se por montar a narrativa inspirado no processo cinematográfico de montagem. Assim, cada fotografia corresponde a uma cena articulada a outra, sugerindo uma lógica correspondente ao texto escrito. Veja-se a seguir as reescritas e a ordenação de imagens de cada um:

Alan Cardoso

Asas tortas ou Vagão de trem

Era mais um dia quente no subúrbio, centenas de almas transpirando, arfando e reclamando juntas, enquanto dirigiam-se cada qual para seu destino. Existia um véu no ar, uma fina névoa que se acumulava nos olhos, e com sua existência vazia isolava os indivíduos em seu próprio cansaço.

Eleonor era uma mulher típica da Baixada, sem nada que a tornasse especial, a própria se desmerecia, portanto agia mecanicamente, invisível, rotineira. Depois do trabalho, pegava a condução rapidamente, em desespero para atender a única coisa pela qual seu corpo clamava: cama.

Durante todo o caminho piscava os olhos para afastar o sono, que insistia em deitar-se sobre suas pálpebras, tornando-as pesadas. Já em casa, largou a bolsa no sofá encapado, tirou as calças e blusa e enfiou-se no chuveiro. Banho era a segunda coisa que mais gostava, sentia as frustrações escorrendo com a água que renovava seu ânimo.

Pôs a camisola, ligou o rádio que ficava na mesa de cabeceira em um volume quase inaudível, ajeitou as cobertas e entregou-se à escuridão dos seus pensamentos. A vida cansativa não permitia que sonhasse, todas as noites eram só negrume. Porém, daquela vez sonhou. Sonhou que voava em um céu límpido com nuvens de cristal, estendia suas asas e voava muito acima da cidade, muito acima dos medos. Voou até o entardecer e cansada quis voltar para casa. Mas à espreita, bem enfrente ao seu aconchego, havia um demônio amarelo, peludo e de olhos azeitonados, com presas enormes e instinto assassino. Em forma

de pássaro, Eleonor fora frustrada por um gato. Ela, ave que nunca havia tocado o chão, que ainda tinha a inocência de uma mente primaveril, não viu maldade e foi abocanhada pela fera, que nascera e crescera na cidade, que sabia todas as malícias e era mestre na arte de ludibriar.

O demônio não tinha fome, apenas vontade de matar. Por isso, depois do ataque letal, deixou Eleonor para que visse seu último anoitecer, com as entranhas de fora, estatelada em meio às flores do jardim.

Acordou no instante em que morrera no sonho, assustada e curiosa. Havia anos que não sonhava, há tanto tempo que passou a achar que os sonhos eram exclusividade da juventude. Com letras tortas e péssima gramática, quis escrever o sonho. Mal ela sabia que transcrevia sua rotina. De forma diferente, não vista pelos olhos, mas sentida pelo corpo.





Alyce Olimpo
Diário de um dia imperceptível

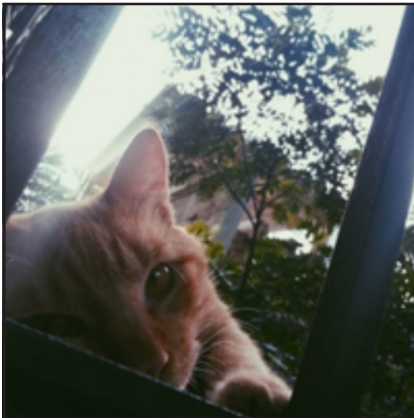
Mais um dia como outro qualquer, igual aos outros 365 dias do meu ano. Depois de um certo tempo a cidade que eu tanto amava, já me parece cinza. Do trabalho até em casa, três conduções. E um engarrafamento que remete meus problemas, indesejado porém previsível. Ao chegar em casa, me deparo com a cama desarrumada, eu nem lembrava que havia me atrasado hoje, “Ah, por isso não me arrumei!”. Com um dia cheio de tarefas, doze horas atrás parecem doze dias, a gente esquece das coisas. Antes de dormir, arrumo a casa e coloco a comida congelada sem graça de todo dia micro-ondas, não posso esquecer de alimentar o

gato, meu fiel companheiro. Lá pelas onze horas me deito, com um abraço do cansaço, que considero meu estado de espírito, vou dormir.

Eu geralmente nunca lembro dos meus sonhos, mas o dessa noite me marcou: foi como reviver meu dia, entretanto pude sentir a cidade, escutar seus ruídos, pude até sentir cheiros. Nessa viagem lembrei que as flores vermelhas da minha vizinha, que eu tanto invejava, são lindas e têm um cheiro maravilhoso, lembrei que adoro o tom do céu quando ele fica amarelado e se transforma em magenta, lembrei do quadro que estava pintando, ainda está interinado, engraçado que quando comecei contei a todos da minha nova empreitada, mas isso era quando eu... Agora eu... Ah, lembrei de que eu gosto dos telhados coloniais da rua que passo todo dia, porque são os da casa da minha avó, lembrei do jeito carinhoso que meu gato me olha quando chego em casa.

Quando o sonho termina, volto à realidade e lembro que podia ter vivido diferente.



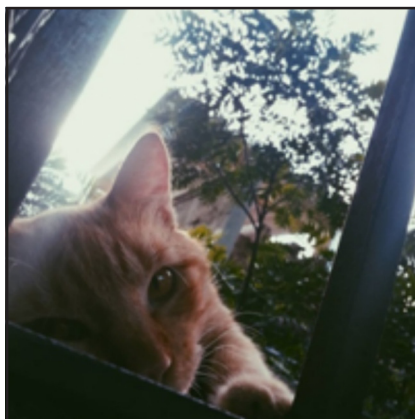
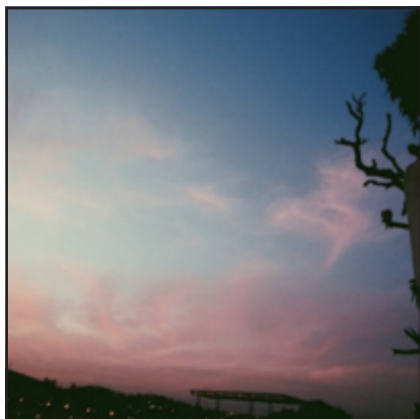


Mel Mitraud *A atribuição vivida*

Primavera, fim do mês, cansaço e muitas dificuldades, grandes trabalhos a serem feitos e amanhã a rotina será a mesma, como todos os dias. Nada muda. Apenas o clima e meu temperamento. Realmente, eu estava exausto, até porque eu desejava o que todos desejam um dia ter. Folia! Dia atribulado, mais uma vez. Depois de uma rotina, mega cansativa e cheia de tarefas e responsabilidades. Então, deu meu horário, voltei para casa, fiz meu jantar e lá fui dormir, agradecendo primeiramente à Deus por mais um dia. Enfim, estava em paz e sem tarefas. Horas passaram e quando notei, me vi olhando pro relógio e mais uma vez, hora do trabalho. Mas nessa bela noite, algo estava me chamando atenção.

Logo após ter passado a noite sonhando e com coisas boas, o que vem a ser muito satisfatório. Levantei, lá fui eu pegar meu diário.

Olá meu querido diário, sonhei a noite toda e por fim, consigo me recordar de tudo que aconteceu. Lá estava eu, Eduardo, em meu sonho, com uma percepção diferente da vida, levantando cedo, olhando as nuvens e o belo céu azul que me induziam a aproveitar o dia com muita alegria, indo diretamente ao terraço e olhando para o sol, casas, vizinhança, me sentindo um indivíduo livre para voar. Olha, eu não era mais sozinho, Bob estava ao meu lado, um lindo gato dos pelos dourados, era meu companheiro nas tardes solitárias. O que eu mais gostava era o fim de tarde com ele e admirando como era lindo o céu, durante o pôr do sol. Era realmente surpreendente. Surreal, observar as rosas e me senti bem com aquilo, com o pouco, com a natureza me deixando leve, livre e solto. Chegando à noite, o céu continuava lindo e colorido, com os brilhos das luzes das casas refletindo em meus olhos. E quando pensava em solidão, apenas desenhava.





Joaquim Humberto Coelho de Oliveira
Imagens para sonhos

“O artista, portanto, dá nascimento a um ser pensante, que põe no mundo e que se torna autônomo em relação ao seu próprio criador” (COLI, 2012).

Desperto, e inicio mais uma rotina que teima em me perseguir. Meu olhar, sonolento e adormecido, deixará flagrar essa denúncia pelo resto do dia. Sou um jovem, morador de Duque de Caxias, Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil. Endereços que se desencontram com o seu destinatário. Jovens, são muitos, e este lugar tem coordenadas que não me cruzam. Vivo este lugar, mais do que nele. Reinvento-o pelos olhos

abertos das lentes de meu celular. Numa dessas noites comuns, adormeci e sonhei. Estranho demais tê-lo lembrado.

Estava no meu ateliê, quando fotografias reconhecidas o invadiram num frenético voo. Percebidas, antes de mim, pelo olhar emoldurado do meu gato Caramelo, circulavam soltas sobre a minha cabeça. Aos poucos, numa ordem própria, foram se depositando numa tela, sobre o cavalete a minha frente. A pintura acontece sem que eu a pincelasse. A obra se conduz por si. A imagem em que me prendo no vazio, de frente para a cidade iluminada pelo sol, invade o quadro e tomba sobre o chão de barro. Imediatamente, duplica-se como raiz fincada no solo.

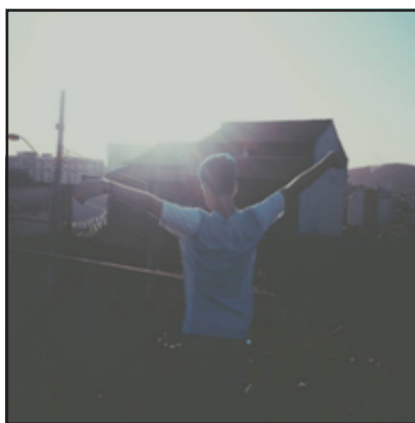
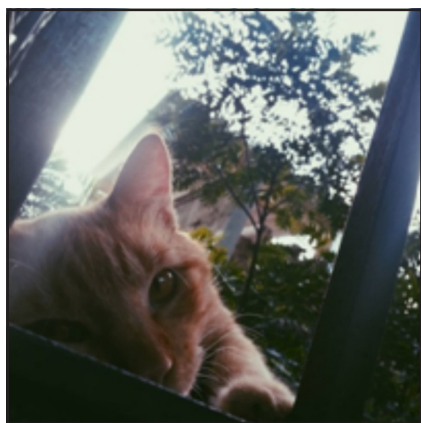
A fotografada florescência avermelhada com toques estrelares brancos multiplica-se e recobre meu duplo sexo e meu coração. De suas pétalas muscularizadas irradiam-se vasos que me imobilizam e me sangram.

A silhueta de gravetos secos e retorcidos apoiada no canto da foto e apostas ao céu rubro interruptamente corre pelo solo como pequenas criaturas, pavorosas e rastejantes.

Tangenciando telhados de casas baixas e riscando nuvens flutuantes e brancas, fios de alta tensão conduzem a imagem.

Ao fim da tarde alaranjada, eles aportam em descanso, amarrados a um poste que divide a mesma sombra com os prédios avistados a distância. Na tela, erguem-se verticalmente em direção às cores pintadas por aquele céu. Com extrema perfeição, ajustam-se ao tamanho do meu corpo deitado, e como uma tampa em forma de lápide seguram-se por exíguos fios que suspendem a sua queda.

Desperto. Vejo o quadro pronto. Realizado por um artista que teima em ainda assinar a tela com o meu nome.



AVENTURAS ONÍRICAS



José Carlos Sebe Bom Meihy O gato que saiu do sonho

Acordou tarde. Muito tarde. Tarde demais. Não deu para tomar café. A carona não o esperou. Chegou atrasado. Perdeu o ponto. Ficou assim mesmo, achando que poderia terminar o trabalho acumulado. Nada como uma boa xícara de café forte. Mas por quê?! Por que fez aquilo? Entornado o café, derramado o líquido, além de danar os papéis, ainda tinha molhado sua roupa. E olha que se tratava de calça nova. Camisa nova. Cinto novo. Ao se limpar no banheiro, mais uma surpresa: a trancada da porta quebrou. De nada adiantou pedir ajuda. Ninguém ouvia. Horas e horas se somaram numa contabilidade exaustiva. A raiva foi vencida pelo sono. Sentado, dormiu. Sim, ali mesmo pegou no sono. No sono o sonho. Ou seria vigília? De toda forma havia cores, cheiros e sons. As cores eram de um dia que amanhecia depois de noite profunda. E isso era bom. A promessa da luz sugeria lindezas que se delineavam na lógica de telhados. E isso era bom.

Aliás, foi de uma dessas casas que ele mesmo, o sonhador, saíra para abrir os braços para a aurora.

Como que abraçando o dia, respirava. E quanto mais respirava, mais o dia azulava, soltando nuvens. E isso era bom. Havia muitas nuvens que dançavam como se houvesse música no ar. Havia brisa que insistia em não se tornar vento. E isto também era bom.

A luz, diga-se, fez-se tão intensa que as flores exageravam nas cores. E nos perfumes. E nas formas. Mas foi na primavera que a Primavera mais se assanhou. Era tão profundo o vermelho que qualquer outro carmim se intimidava.

Pensam que apenas as flores exageravam na exuberância? Ledo engano. Os zumbidos das abelhas, o mugido dos bois, as zurras dos burro, gorjeios dos pássaros, os latidos dos cães; os relinchos dos cavalos; as crocitas dos corvos, os cacarejares das galinhas. Tudo enfim, contrastava com o gato que alheio ao mundo parecia flandar no silêncio, economizando miares.

Tudo ia bem. O sonho acontecia até, por fim algo aconteceu perturbando a paz onírica: o céu escureceu, as nuvens se juntaram e como que convocando uma guerra, do nada, mostraram galhos revoltados que, como garras, arranham a placidez.

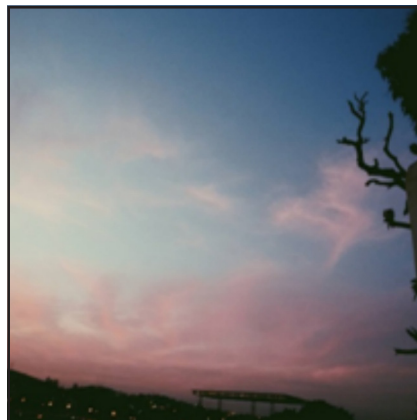
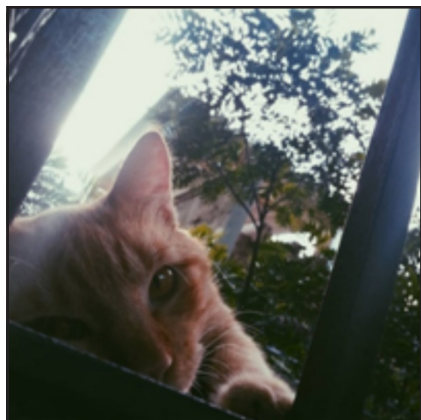
Desgraças anunciadas. Pronto: tudo que se tingira de realidade e o que era doce se acabou. Avessos. E isso era mau. O rapaz, o mesmo dos

braços abertos, virou corpo estranho, nem homem, nem mulher. Como as mazelas do dia, o corpo foi tombado criando raízes que se fundavam terra abaixo. A flor tingiu-se de sangue e a cidade que antes acordava viu metrópole ligada por fios desgraçados. Tudo era tétrico... E isso era mau.

– Um momento! Por favor, um momento: Onde foi parar o gato?

O gato. Ah, o gato!... O gato imbuído do silêncio ficou esperando o rapaz acordar. Saiu do sono, fugiu do sonho. Cabia a ele com sete vidas, lembrar que a paciência poderia domesticar agitações e permitir reco-meços. E isso era bom!





Anna Paula Soares Lemos
O menino de cabelos azuis

Tirar os sapatos é um alívio. Liberta. Parece que toda correria do dia voa para o fundo do armário quando a gente solta os dedos e coloca a planta do pé no macio do tapete do quarto e se joga no meio da cama. Alívio não precisa justificar ações, apenas viajar nas sensações de liberdade.

Meu gato me olha pelo vidro da janela, a preguiça felina é contagiosa. O sol vai se pondo gradativamente, pinta o céu em tom alaranjado, contorna de vermelho o perfil da cidade.

Tenho uma vontade incrível de levantar, mas o peso do corpo não deixa. Sensação de afundamento constante no macio do colchão que

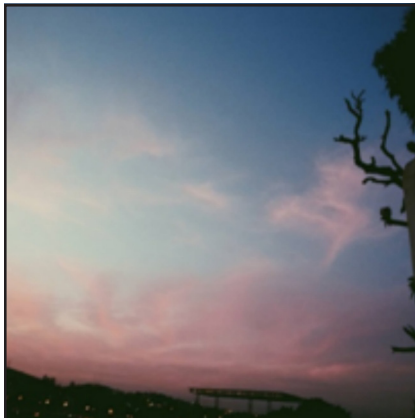
vai se transformando estranhamente em terra úmida, gelada, viscosa, derretendo-me em meio a raízes que, por mais que eu queira, não me deixam fazer nenhum movimento. Peso, sangue, choro, cansaço, em meio ao engarrafamento. Meu corpo, minha alma, se dividem em dois. O coração sai do peito e se transforma, na minha mão, em flor vermelha em meio ao ambiente de concreto.

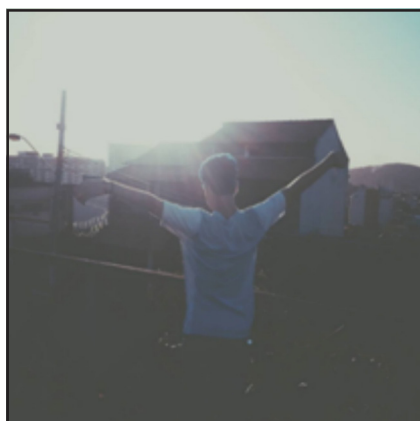
Levanto em um susto e vou até a janela. O sol está se pondo por trás de um menino de cabelos azuis que se espreguiça no terraço da casa da frente

– Mãe! Acorda! O sol já acordou!

– Hein? Que horas são, filha?

Lembrei a confusão de imagens que sempre aparece no meu sonho. Dia desses, eu entendo porque o menino de cabelos azuis sempre





6. Sonhar, contar e recontar

A foto da pintura que complementava a série de imagens, foi o próprio Mathias que recomendava que fosse usada na composição narrativa.

O espaço do Facebook acomodou a proposta como feito de depósito. As fotos e a pintura, inertes, ficaram à espera. Impressas, soltaram-se. Vivas, movimentam-se. Decerto, “as imagens não são bolas de sinuca”.³⁹ Não se manipulam como objetos, direcionados pela precisão da intenção. Reservam surpresas em desconsideração às orientações de uma suposta legenda (do latim, “o que deve ser lido”).

As imagens resguardam os seus silêncios. Silenciosas por si e não por falta. Nenhum texto lhes fará confessar a própria imagem.⁴⁰ As inúmeras séries de combinações ou engajamentos de textos com imagens não esvaziarão os seus silêncios. As imagens são míticas⁴¹ e mágicas.⁴²

A proposição do experimento entorno das imagens recebidas recoloca de início esses pressupostos. Segue a leitura de extratos de texto que devolvem às imagens expressões escapáveis ao controle autoral (COLI, 2012).⁴³ Insere-se a composição de um conto com a criação de uma personagem, que roteiriza seu sonho como na sequência escolhida de imagens.

39 Título do artigo de Etienne Samain (2012).

40 Para a distinção entre imagem e linguagem, cf: WOLFF (2005).

41 “Mítico, ‘que se recusa a falar’, do latim *mutus* (mudo). Trata-se evidentemente de um neologismo que procura realçar a dimensão de ‘recusa’ e não apenas assinalar a ‘impossibilidade de falar’”. (MARESCA, 2012, p. 38)

42 Aproximação etimológica entre imagem e magia. Recorrendo-se à magia para além da prática ritual, como associação (engajamento ou montagem) insubmissa ao exclusivo ordenamento lógico-racional. Cf. NOVAES (2008).

43 “[...] mas se pode, no final das contas, imaginar que o fotógrafo que toma sua máquina fotográfica coloca-se num estado de disponibilidade visual apto a fazer-lhe ver coisas de que nada sabe, a desalojar o desconhecido”. (MARESCA, 2012, p. 39)

Nessas composições de texto e imagens, retomadas pelo universo onírico, cumpre-se o que vem da imaginação. Não se tem o apelo de desvendar as imagens como significados finalmente capturados pelo olhar do texto. Às imagens, o direito de circularem por si e surpreenderem, na conquista do ato de ver: “Visto de perto e sem se apressar, o real se subtrai às visões simples. Ele está cheio de detalhes discordantes” (MARESCA, 2012, p. 38).

Impressiona, em particular, a repetição de elementos das fotografias na pintura, sugerindo o questionamento, logo descartado na sequência investigativa: haveria um propósito consciente do autor?

Desviando o rumo, a perplexidade só aumenta. Como investir nas possibilidades de compreensão oferecidas pelas montagens das imagens em diálogo? Como entender esse processo de transfiguração das imagens quando em aproximação umas das outras?⁴⁴

Congelado em interrogações este foco teórico, do exercício brotaram variedades de leituras transcritas em contos. Refreamentos da escrita do sentido das imagens, em busca da sentida pelas imagens; “injetando nas nossas lógicas – muitas vezes abstratas e lineares – outras lógicas: as do sensível, do sensorial e do imaginário” (SAMAIN, 2012, p. 63).

44 Instiga associar esta atividade com as pranchas de Aby Warburg onde “dipunha [...] fotografias [...] *montava-as* (não necessariamente numa ordem linear de leitura, mas intuindo que cada uma das imagens fosse capaz de dialogar com as demais e todas entre si) sobre painéis de madeira (de 1,5 m x 2 m), recobertos de tecido *preto*, criando, desse modo, conjuntos de pequenos filmes [...]” (SAMAIN, 2012, p. 64).

Referências bibliográficas

- AGAMBEN, G. *Profanações*. Tradução e apresentação: Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.
- ANDRADE, M. Do desenho. In: *Aspectos das artes plásticas no Brasil*. 2ª Ed, São Paulo: Martins, 1975,
- AUGRAS, M. História oral e subjetividades. In: SIMSON, O. R. de M. V. (Org). *Os desafios contemporâneos da história oral*. Campinas, SP: Ed UNICAMP, 1997.
- ASSMANN, A. *Espaços da recordação*. Formas e transformações da memória cultural. Campinas, S.P : Editora da Unicamp, 2011.
- BACHELARD, G. *A terra e os devaneios do repouso*. Ensaio sobre as imagens da intimidade. São Paulo: Martins Fontes, 1990
- BACHELARD, G. *O ar e os sonhos*: Ensaio sobre a imaginação do movimento. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BACHELARD, G. *La Poétique de l'Éspace*. Paris: Presses Universitaires de France, 1961.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA, 2009.
- BARTHES, R. *Análise Estrutural da Narrativa*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1976.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 2ª ed. Pedrinho A. Guarechi (Trad). Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- BARRETT, D. *Tudo começou com um sonho*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.
- BRETON, A. *Manifestos do surrealismo*. Trad. Sergio Pachá, Rio de Janeiro, NAU, 2001.
- BEBER, B. *Rua da padaria*. Rio de Janeiro: Record, 2013.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução: Sérgio Paulo Rouanet. Prefácio: Jeanne Marie Gagnebin – 7ª edição. – São Paulo: Brasiliense, 1994.

- BURKE, P. A história cultural dos sonhos. In: *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2011.
- CAILLOIS, R. *I giochi e gli uomini – La maschera e la vertigine*. Con note di Giampaolo Dossena. Milano: NuovoPortico Bompiani, 1981.
- COLI, J. A obra ausente. In: SAMAIN, E. (org.) *Como pensam as imagens*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.
- CORTÁZAR, J. *O jogo da amarelinha*. Edição comemorativa 50 anos. RJ: Civilização Brasileira, 2013.
- CORTÁZAR, J. *A volta ao dia em 80 mundos*. Trad. Ari Roitman e Paulina Wacht. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 97-100
- CORTÁZAR, J. *Todos os fogos, o fogo*. Tradução: Gloria Rodrigues. RJ: Civilização Brasileira, 2002.
- CRESWELL, J. W. *Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- CZAJA, R.; JOHNNY B. *Designing Surveys: A Guide to Decisions and Procedures*. Thousand Oaks, California: Pine Forge Press, 1996.
- BURKE, P. *Variedades de História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- CALDAS, A. L. Transcrição em História Oral. *Neho História*, n. 1. São Paulo: USP, Nov. 1999.
- DaMATTA, R. *A casa e a rua*. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- DARRAS, B. *Au commencement était l'image- du dessin de l'enfant à la communication de l'adulte*. Paris: ESF éditeur, 1996.
- DIDI-HUBERMAN, G. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DURKHEIM, É. *As regras do método sociológico*. 13. Ed. São Paulo: Nacional, 1987.
- EISENSTEIN, S. *O sentido do filme*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002
- EVANGELISTA, M. B. A transcrição em história oral e a insuficiência da entrevista. In: *Oralidades*. Revista de História Oral. São Paulo, n.7, Jan-Jun/2010.
- FONSECA, R. Redes de dormir. *Revista Carbono*. Natureza, Ciência e Arte. 03. Sono, Sonho e Memória. Inverno 2013. Disponível em: <revistacarbono.com/artigos/03redes-de-dormir-raphel-fonseca>. Acesso em: jul. 2015.

- FREUD, S. *A interpretação de sonhos*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1972.
- FREYRE, G. *Casa grande e senzala*. São Paulo: Global Editora, 2006.
- GADOTTI, Moacir. *Interdisciplinaridade: atitude e método*. São Paulo: Instituto Paulo Freire. Disponível em: <www.paulofreire.org>. Acesso em 23/07/2015.
- GAGNEBIN, Jean Marie. *Limiar, aura e rememoração*. Ensaio sobre Walter Benjamin. São Paulo: Editora 34, 2014.
- GARCIA, S. C. M. *Representações sociais sobre o tabagista na perspectiva dos profissionais do PSF/ESF/SF*. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino em Ciências da Saúde e do Meio Ambiente – Centro Universitário de Volta Redonda – UniFOA: Volta Redonda – RJ, 2013.
- GEERTZ, C. *Nova Luz sobre a Antropologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- GIBBONS, M.; LIMOGES, C.; NOWOTNY, H.; SCHWARTZMAN, S.; SCOTT, P. ; TROW, M. *The new production of knowledge: the dynamics of science and research in contemporary societies*, London, Sage, 1994.
- HUIZINGA, J. *Homo ludens*. Einaudi, Torino 1982.
- JESUS, C. M. de. *Quarto de Despejo*: Diário de uma favelada. Editora Ática: São Paulo, 2004.
- KORFMANN, M.; SCHNEIDER, V.; CAVAGNOLI, F. Texto, imagem e suas iluminações recíprocas. *Contingência*, v.3, n.2, 2008.
- LÉVI-STRAUSS, C. *Tristes Trópicos*. Lisboa: Edições 70, 1979.
- LUQUET, H. G. *O desenho infantil*. Porto: Livraria Civilização Editora, 1969.
- MARTINS, J. de S. (Org.). *(Des)Figurações*. A vida cotidiana no imaginário onírico da metrópole. São Paulo: 1996.
- MARESCA, S. O silêncio das imagens. In: SAMAIN, Etienne (org.) *Como pensam as imagens*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.
- MAUSS, M. *Manual de Etnografia*. Lisboa: Ed.Pórtico, 1972.
- _____. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.
- MEIHY, J. C. S. B. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.
- MÈREDIEU, F. *O desenho infantil*. São Paulo: Cultrix, 2006

- MERTON, R.K.; KENDALL, P. L. Das fokussierte Interview. In: C. Hopf & E. WingartenHeiner Legewie Interviewformen in der Forschung 21 (Orgs.). *Qualitative Sozialforschung*. Stuttgart: Klett-Cotta, 1979.
- MICHAUD, P. A. *Aby Warburg e a imagem em movimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- NOVIKOFF, C. Dimensões Novikoff: um constructo para o ensino-aprendizado da pesquisa. In ROCHA, J. G.; NOVIKOFF, C. (orgs.). *Desafios da práxis educacional à promoção humana na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Espalhafato Comunicação, p. 211-242, 2010.
- NOVAES, S. C. Imagem, magia e imaginação. *Mana* 14 (2): 455-475, 2008.
- _____. *Jogo de espelhos*. Imagens da representação de si através dos outros. São Paulo: Edusp, 1993.
- ORTEGA Y GASSET, J. *A Rebelião das Massas*. Relógio D'água, 1998.
- PEIRANO, M. Etnografia, ou a teoria vivida. *PontoUrbe*, ano 2, versão 2.0, fevereiro de 2008.
- PELBART, P. Pál, Filósofo e professor fala sobre conexão, produtividade, modos de existência e mecanismos de controle na sociedade contemporânea. In: *Revista E*, Janeiro de 2015. Nº 7, ano 21.
- RAMOS, P. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2012.
- SAMAIN, E. As imagens não são bolas de sinuca. Como pensam as imagens. In: SAMAIN, E. (org.) *Como pensam as imagens*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012
- SOUZA, Jessé. A sociologia dual de Roberto da Matta: Descobrimos nossos mistérios ou sistematizando nossos auto-enganos?. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.16, nº 45, fevereiro, 2001.
- TAYLOR, C. *As fontes do self*. A construção da identidade moderna. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- YATES, F. A. *A arte da memória*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- WIDLÖCHER, D. *Interpretação dos desenhos infantis*. Petrópolis,RJ: Vozes, 1971.
- WOLFF, F. Por trás do espetáculo: o poder das imagens. In: NOVAES, Adauto (org.) *Muito além do espetáculo*. São Paulo: Senac, 2005.



Aventuras Oníricas [...] surgiu de um projeto elaborado no cenário da sala de aula, mas que foi além dele, tornando-se uma referência em história oral, a partir de narrativas do subjetivo coletadas da descrição de sonhos e imagens obtidos por alunos do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes. [...]

A criatividade mostrada pelos participantes da “casuística onírica” é de singular beleza e nos toca fundo em relação aos muitos desenhos que fazem parte da obra.

Emilio Antonio Francischetti

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação da UNIGRARIO